



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
FACULDADE DE TEOLOGIA

MESTRADO EM ESTUDOS DA RELIGIÃO
Especialização: Estudos Bíblicos

ARTUR MANUEL MARQUES FERREIRA

**“Do ministério de Jesus à diaconia do discípulo”
(Jo 13, 13-17)**

Dissertação Final
sob orientação de:
Professor Doutor João Duarte Lourenço

Lisboa
2016

Índice	
Lista de abreviaturas e siglas.	4
Transcrição de termos originais.	7
Introdução	8
PARTE I: Contextualização do tema.	10
Introdução.	10
1. Cultura e pensamento.	11
1.1. Cultura grega.	12
1.2. Cultura judaica.	14
2. Os conceitos no âmbito bíblico.	15
2.1. Antigo Testamento.	15
2.2. Novo Testamento.	19
2.2.1. O vocábulo <i>diakonéo</i>	20
2.2.2. Outros vocábulos que indicam serviço	26
2.3. Tradição da Igreja.	29
PARTE II: O ministério de Jesus.	35
Introdução.	35
1. Jesus o Mestre no contexto dos Evangelhos.	36
1.1. Jesus Mestre.	36
1.2. Jesus <i>Rabbi</i> .	40
1.3. Jesus Senhor (<i>Kýrios</i>).	43
2. Os discípulos.	44
2.1. Etimologia.	44
2.2. No judaísmo.	45
2.3. Nos Evangelhos.	45
2.3.1. Sinópticos.	46
2.3.2. IV Evangelho.	47
2.4. O Apóstolo.	48
2.5. “Os doze”.	49
2.6. Os outros discípulos.	51
2.7. O que faz ser discípulo.	52
3. A exemplaridade de Jesus.	55
3.1. Nos Sinópticos.	56
3.2. No IV Evangelho.	63

3.3.	Os gestos de Jesus.	69
3.3.1.	Nos Sinópticos.	69
3.3.2.	No IV Evangelho.	71
3.3.3.	O lava-pés.	72
PARTE III:	A diaconia do discípulo.	77
	Introdução.	77
1.	Igreja das origens.	78
1.1.	Período dos Apóstolos.	78
1.2.	S. Paulo.	80
1.3.	Período pós-apostólico.	81
1.4.	O ministério eclesial.	83
2.	Dos Padres da Igreja ao Concílio Vaticano II.	86
3.	O Concílio Vaticano II.	92
4.	Recepção da doutrina conciliar.	97
4.1.	Desafios do mundo actual para a Igreja.	97
4.1.1.	<i>Ad extra.</i>	98
4.1.2.	<i>Ad intra.</i>	100
4.1.3.	A mulher.	104
4.2.	Ser discípulo, hoje.	105
4.3.	Fidelidade ao ministério.	107
4.3.1.	Ministério laical.	107
4.3.2.	Ministério ordenado.	110
Conclusão		115
Bibliografia		123

Lista de abreviaturas e siglas

1. Livros da Sagrada Escritura

a. *Antigo Testamento*

1Cr	1º Livro das Crónicas
1Rs	1º Livro dos Reis
1Sm	1º Livro de Samuel
2Cr	2º Livro das Crónicas
2Rs	2º Livro dos Reis
2Sm	2º Livro de Samuel
Dt	Deuteronómio
Est	Ester
Ex	Êxodo
Ez	Ezequiel
Gn	Génesis
Is	Isaías
Lv	Levítico
Nm	Livro dos Números
Sab	Livro da Sabedoria
Sl	Salmos

b. *Novo Testamento*

1Co	1ª Carta aos Coríntios
1Tm	1ª Carta a Timóteo
1Ts	1ª Carta aos Tessalonicenses
2Co	2ª Carta aos Coríntios
2Tm	2ª Carta a Timóteo
1Pe	1ª Carta de Pedro
Act	Livro dos Actos dos Apóstolos
Cl	Carta aos Colossenses
Ef	Carta aos Efésios
Fl	Carta aos Filipenses
Gl	Carta aos Gálatas
Hb	Carta aos Hebreus
Jo	Evangelho segundo S. João
Lc	Evangelho segundo S. Lucas
Mc	Evangelho segundo S. Marcos
Mt	Evangelho segundo S. Mateus
Rm	Carta aos Romanos
Tg	Carta de S. Tiago
Tt	Carta a Tito

2. De carácter geral

a.C.	antes de Cristo
AT	Antigo Testamento
Cân.	cânone
Cf.	Confira
d.C.	depois de Cristo
NT	Novo Testamento
ss	Seguintes

3. Textos do Magistério

AG	Decreto <i>Ad Gentes</i>
CDC	Código do Direito Canónico
ChFL	Exortação Apostólica <i>Christifideles Laici</i>
CV II	Concílio Vaticano II
DSI	Doutrina Social da Igreja
EG	Exortação Apostólica <i>Evangelium Gaudium</i>
GS	Constituição Pastoral <i>Gaudium et Spes</i>
IGMR	Instrução Geral ao Missal Romano
LG	Constituição Dogmática <i>Lumen Gentium</i>
PO	Decreto <i>Presbyterorum Ordinis</i>
SC	Constituição Dogmática, <i>Sacrosanctum Concilium</i>

4. Textos bibliográficos

CDTNT	Compendio del Diccionario Teológico del Nuevo Testamento
DENT	Diccionario Exegético del Nuevo Testamento
DTI	Diccionario Teológico Interdisciplinar
DTMAT	Diccionario Teológico Manual del Antiguo Testamento
DTNT	Diccionario Teológico del Nuevo Testamento
GLNT	Grande Lessico del Nuovo Testamento
NDTB	Nuevo Diccionario de Teología Bíblica
VTB	Vocabulario de Teología Bíblica
TNT	Teología del Nuovo Testamento

Transcrição de termos originais

1. Termos hebraicos

Original	Transcrição	Significado
רַב	rab	mestre
שָׁלַח	shâlach	enviar
שָׂרָא	sharat	ministrar, servir

2. Termos gregos

Original	Transcrição	Significado
ακολουθέω	akolouteo	seguir
ἀποστέλλω	apostéllō	enviar
ἀπόστολος	apóstolos	enviado; apóstolo
διάκονος	diákonos	servidor; ministro
διακονέω	diakonéo	servir/ ministrar
διακονία	diakonía	serviço
διδάσκαλος	didáskalos	mestre
διδάσκω	didáskō	ensinar
δουλος	<i>doulos</i>	escravo
ἐπίσκοπος	epískopos	bispo
φίλος	phílos	amigo
λατρεύω	latreuo	dar culto; servir
leitourgía	leitourgía	liturgia
μαθητεύω	mathēteúō	ser discípulo
πρεσβύτερος	presbyteros	ancião; presbítero
θεραπεύω	<i>therapéuo</i>	curar, servir
ράββουνί	rabbouni	mestre; meu tudo
ράββί	rabbi	mestre; meu mestre
ὑπηρετέω	<i>hyperetéo</i>	assistir; servir
ἐπιστάτης	epistátēs	mestre/ chefe
κύριος	kýrios	senhor
μαθητής	mathētēs	discípulo
φιλέω	philéō	amar

Introdução

A diaconia é hoje, como sempre foi, o centro da vida cristã, não podendo estar limitada somente à dimensão sócio-caritativa, mas antes em perfeita união com as restantes dimensões da vida da Igreja como a Liturgia e a Evangelização.

Assim, partilhando da opinião do Professor Doutor J. E. Borges de Pinho, que num artigo de uma publicação da Cáritas Portuguesa, defende que o serviço, a par do culto e do testemunho, são acções fundamentais da Igreja, onde o homem de hoje, sobretudo o cristão, deve encontrar na diaconia a sua vocação, deixando de ser para si, tornando-se um ser-para-os-outros, em particular os mais desfavorecidos e marginalizados.

O serviço e dedicação à Igreja e à família foi, desde a juventude uma constante da minha vida, levando-me, sempre que possível, a conhecer, aumentar e aprofundar conhecimentos do âmbito teológico, em particular os relacionados com a Bíblia.

No seguimento destes factos, a ordenação a diácono permanente, antes do início deste Mestrado, foi factor de maior motivação para, com base na figura de Jesus Cristo, podermos aprofundar o tema do serviço e como o mesmo poderá contribuir para um maior empenho e realização neste ministério ordenado.

Para o tema escolhido “Do ministério de Jesus à diaconia do discípulo”, teremos, como texto base e ponto de partida, a perícopes (Jo 13, 13-17), que representa, talvez, o acto mais significativo de Jesus no que concerne à atitude de entrega e amor aos seus, como convite à Sua imitação, aceitando o serviço como um dom. O texto servirá, acima de tudo, de quadro central, para o desenvolvimento do tema proposto, que iremos articular em três partes.

Na primeira faremos um estudo sobre a contextualização e enquadramento do tema, analisando a semântica do termo “servir” e/ ou seus derivados, nas culturas grega e judaica, no âmbito do AT e NT, bem como na Tradição da Igreja.

Na segunda parte, e de acordo com o conceito de diaconia, daremos atenção aos acontecimentos que julgamos mais importantes do ministério de Jesus, abordando de forma separada nos Evangelhos Sinópticos e no IV Evangelho, devido às diferenças que lhes são próprias. Iremos analisar, alguns dos títulos dados a Jesus e a sua etimologia no contexto dos Evangelhos, a exemplaridade e gestos marcantes da Sua vida, com particular relevância para o lava-pés, bem como, por considerarmos que os discípulos são parte importante e integrante da vida de Jesus, iremos estudar, quer etimologicamente quer analiticamente, as suas atitudes e acções, para nos levar a entender o que significa ser discípulo.

A terceira parte será destinada à análise e estudo da evolução da actividade diaconal/ministerial do discípulo, desde os tempos apostólicos da Igreja primitiva, com os Apóstolos e S. Paulo, seguidos dos Padres da Igreja até ao CV II. Tentaremos ver igualmente, como a doutrina conciliar tem sido acolhida e está presente hoje na Igreja perante os desafios que o mundo lhe coloca, bem como, perante esse contexto, o cristão é chamado e pode ser discípulo, e como se poderá e deverá manter a fidelidade ao ministério recebido seja ele ordenado ou laical.

Parte I: Contextualização do tema

Introdução

O serviço, particularmente ao outro, não é visto, desde a antiguidade, como uma actividade que prestigia o homem.

Nos dias de hoje, os termos ministro ou ministério, estão conotados com actividades associadas à governação, ao domínio ou ao poder, sendo motivo de lutas que conduzam à obtenção desse título ou cargo, enquanto o serviço, pelo contrário, é considerado como dever ou obrigação daqueles que não exercem qualquer função de liderança.

Os textos bíblicos, mas não só, mostram-nos que as atitudes e palavras de Jesus perturbavam as mentalidades da época, pela novidade e radicalidade como se apresentava disposto a servir os homens.

Para tentarmos entender as diferenças e/ ou proximidade dos conceitos de ministério e diaconia, como palavras orientadoras desta dissertação, iremos, nesta primeira parte, fazer o estudo semântico, possível, do termo “servir”, como ponto de partida e de contextualização de todo o trabalho escrito.

Após uma pequena abordagem etimológica dos vocábulos ministério e diaconia, queremos analisar o modo como as palavras eram empregues, o seu significado prático e suporte documental nas culturas grega e judaica, no mundo bíblico e nos primeiros documentos da Tradição da Igreja.

Daremos mais ênfase à análise e estudo dos textos bíblicos, pela diversidade de termos utilizados querendo indicar serviço, devido essencialmente aos factores culturais, de escrita e tradução, próprios das épocas em que foram elaborados, dando realce ao NT e à figura de Jesus.

1. Cultura e pensamento

Ministério e diaconia são dois vocábulos que têm como origem etimológica comum o verbo grego *διακονέω*, que se traduz por ministrar, servir, e em sentido genérico indica serviço.

O campo semântico do vocábulo servir é bastante abrangente constatando-se que desde as línguas clássicas às modernas, a utilização da palavra servir e seus derivados, pretende designar qualquer actividade imposta por alguém a outra pessoa, ou mesmo de aceitação voluntária, mas cujo resultado final ou objectivo a atingir, resulta no benefício daquele a quem serve.

A palavra *diakonéo*, no grego clássico, não é muito frequente querendo indicar, etimologicamente, “servir à mesa” ou em sentido mais lato “ganhar sustento”, dando o sentido genérico de “servir”¹.

Para além do termo *diakonéo* o grego clássico² utiliza outras palavras que transmitem a ideia de serviço e que encontramos igualmente referidas em textos judaicos na tradução bíblica dos LXX e no NT.

Referimo-nos resumidamente aos termos *douléo*, que indica “servir como escravo” *latreúo*, que no grego indica toda a classe de serviços e no AT designa o serviço cultural, *leitourgéo*, que significa o serviço voluntário na comunidade política grega, pretendendo indicar também o serviço cultural do sacerdote do AT ou o serviço na Igreja cristã, e finalmente o termo *therapéuo*, pretende indicar o serviço voluntário, designando de modo particular os cuidados de carácter médico³.

¹ Cf. W. BEYER, “διακονέω”, in G. KITTEL, *GLNT*, Vol. II, Paideia, Brescia, 1966, 952.

² Cf. A. FREIRE, S.J., *Gramática Grega*, Livraria Apostolado da Imprensa, Porto, 1947, 266.

³ Cf. L. MONLOUBOU, *Cuadernos Bíblicos*, 43, Editorial Verbo Divino, 1987, 15.

1.1. Cultura grega

Na cultura grega clássica, o acto de servir era sinónimo de inferioridade, de humilhação, pelo que o serviço era feito por escravos ou pelas classes sociais mais humildes, sendo por isso desprestigiado e raramente dignificado⁴.

Seguindo este princípio, os gregos pautavam a sua conduta de acordo com o pensamento de Platão «que homem pode ser feliz se for escravo de outro?»⁵, levando-os a considerar por isso o serviço como coisa indigna, afirmando que «a dignidade do homem é dominar e não servir»⁶.

O serviço só era apreciado se promovesse o desenvolvimento individual, como defendia Platão ao referir que o homem só se devia preocupar com o desenvolvimento da sua própria personalidade para que pudesse servir com valor e inteligência os seus interesses pessoais, ou então fosse destinado ao desenvolvimento do bem comum, como era o serviço ao Estado⁷.

Era assim que o homem político governava como *diákonos*, “servidor” na verdadeira acepção da palavra, isto é, não querendo dominar ou satisfazer os seus próprios interesses, mas sim no cumprimento de um serviço a si confiado que tinha por finalidade a perfeita formação dos cidadãos, embora o serviço fosse realizado unicamente no sentido político isento de qualquer manifestação sentimental⁸.

No entanto, o termo utilizado para designar o serviço público ao Estado era *λειτουργίω*, significando “dar um serviço”. A palavra indica a execução de um ofício a expensas próprias, seja por patriotismo ou no dever da cidadania, em favor da sociedade, como também era utilizada para sugerir, no âmbito popular, a prestação de qualquer serviço na relação entre pessoas, como por exemplo, o de um amigo a outro, das mães aos filhos, ou o de um escravo

⁴ Cf. C., FLORISTAN, *Teología Prática: Teoría y praxis de la acción pastoral*, Ediciones Sigueme, Salamanca, 1998, 653.

⁵ Cf. PLATÃO, *Górgias*, Edições 70, Lisboa, 134.

⁶ *Idem*.

⁷ Cf. W. BEYER, “διακονέω”, 953.

⁸ *Ibidem*, 954.

ao seu amo. Outro dos campos em que este termo era utilizado, dizia respeito ao culto, pela prestação de um serviço a uma qualquer divindade⁹.

Um outro termo utilizado para designar “servir” é *λατρεύω*, *latreuo*, querendo significar a execução de um trabalho por uma recompensa. Mais tarde esta palavra foi usada em sentido genérico, incluindo o culto aos deuses¹⁰.

Embora menos frequente, no que concerne à utilização da palavra *diakonéo* e seus derivados, podemos encontrar referências em várias obras clássicas, que indicam o sentido de serviço de alguém que desempenha um papel de intermediário, como o serviço de um mensageiro ou, com mais frequência, o serviço ao templo e aos deuses. É o caso de Tucídides que, na sua obra “Guerra do Peloponeso”, refere o termo *διάκονος*, designando o mensageiro que transmite uma notícia¹¹.

Também Platão menciona a palavra *diakonéo* evocando o serviço dos comerciantes que vendem ao agricultor, que por sua vez vende os produtos no mercado¹², mas igualmente falando de adivinhação como o serviço do vidente que interpreta os oráculos dos deuses para os homens¹³.

Verificamos assim que, de acordo com Kittel¹⁴, a entrega espontânea de qualquer pessoa ao serviço do próximo, era uma prática desconhecida no ambiente e cultura grega. Para aquele povo, a meta mais elevada do ser humano, ou melhor, do homem, era o desenvolvimento do indivíduo na sua particularidade. Assim, o vocábulo *diakonein* podia designar desde as actividades do serviço público ao estado, como as relações comerciais, ou até do homem para com os deuses, como também ser referido a um serviço, ministério ou função.

⁹ Cf. H. STRATHMANN, “*λειτουργέω*”, in G. KITTEL, *GLNT*, Vol. VI, Paideia, Brescia, 1966, 591.

¹⁰ Cf. K. HESS, “*Servicio*”, in COENEN, L., - BEYREUTHER, E., - BIETENHARD, H., *DTNT*, Vol. IV, Ediciones Sígueme, Salamanca, 1990, 216.

¹¹ Cf. L. MONLOUBOU, *Cuadernos Bíblicos*, 14.

¹² Cf. PLATÃO, *A República*, Fundação Calouste Gulbenkian, Serviço Educação, Lisboa, 111.

¹³ Cf. L. MONLOUBOU, *Cuadernos Bíblicos*, 14.

¹⁴ Cf. W. BEYER, “*διακονέω*”, 957.

1.2. Cultura judaica

No judaísmo tardio, que já falava o grego, o serviço não era visto com uma conotação tão negativa, tal como acontecia na cultura grega.

O pensamento oriental não via na execução de qualquer tarefa algo de indigno por si mesmo, pelo que, a sociedade judaica compreendia muito melhor o sentido do serviço¹⁵. Embora fosse igualmente uma sociedade de classes, a relação do servidor para com o seu senhor era um dado de facto perfeitamente aceite, em particular quando se servia a um grande senhor¹⁶, pelo que a actividade de um escravo não era considerada desonrosa.

A sociedade judaica tinha consignado nas suas leis, para a realização de determinadas actividades, o uso de escravos, fossem eles judeus ou estrangeiros, homens ou mulheres.

É sobretudo a partir dos textos de Fílon de Alexandria¹⁷ e de Flávio Josefo, escritores da história judaica, que entendemos o conceito de serviço para este povo, pela utilização de várias famílias de palavras que o identificam.

O termo *diakonéo* surge na obra de Flávio Josefo com um triplo significado: o de servir às mesas, servir como forma de obediência e o de prestar serviço sacerdotal¹⁸. Este mesmo autor faz alusão ao serviço cultural utilizando para o efeito o termo *liturgia*, *λειτουργία*¹⁹.

Seguindo o mesmo raciocínio, Fílon de Alexandria, emprega o termo *διακονειν* no significado mais restrito de servir às mesas²⁰, bem como *λειτουργείν*, para indicar o serviço sacerdotal, seja no sentido operativo de execução litúrgica pela classe sacerdotal, seja para aludir, de modo figurado, ao serviço espiritual de Deus²¹.

¹⁵ *Ibidem*, 955.

¹⁶ *Idem*.

¹⁷ Cf. M. ANTUNES, “Fílon” in *Enciclopédia Luso-Brasileira da Cultura*, 8º Volume, Editorial Verbo, Lisboa, 881.

¹⁸ Cf. W. BEYER, “διακονέω”, 956.

¹⁹ Cf. H. STRATHMANN, “λειτουργέω”, 609.

²⁰ Cf. W. BEYER, “διακονέω”, 956.

²¹ Cf. H. STRATHMANN, “λειτουργέω”, 609.

Um outro termo utilizado pela escrita judaica querendo designar o “servir” é *λατρεῖω*, cuja aplicação é feita no sentido de fazer referência ao serviço a Deus, dando indicação do “homem como servidor e servo de YHWH”²².

Na cultura judaica, ao longo da sua história, o conceito de servir, acompanhado dos termos que o caracterizavam e definiam, mais do que querer designar uma relação contratual ou de submissão entre pessoas, foi manifestamente marcado no sentido de expressar a relação entre o homem crente, o povo escolhido, e o seu Deus, YHWH.

Isto porque, o judaísmo possuía como grande património normativo, entre outros, o mandamento «Não te vingará nem guardarás rancor aos filhos do teu povo, mas amarás o teu próximo como a ti mesmo. Eu sou o Senhor» (Lv 19, 18), fazendo que a vida social fosse orientada para uma disponibilidade e empenho ao próximo²³. Também, porque, devido às inerentes transformações religiosas que aconteceram ao longo da história, o serviço fosse visto mais no campo religioso, passando a ser considerado como trabalho meritório diante de Deus²⁴, tal como, quer na diáspora, quer na sinagoga, se foi desenvolvendo uma espiritualização progressiva do conceito de servir, em particular no sentido de entender a oração como sacrifício (Sab 18, 21)²⁵.

2. Os conceitos no âmbito bíblico

2.1. Antigo Testamento

Na cultura hebraica, tal como nos é relatado pelo AT, o termo “servir” não era considerado, maioritariamente, como algo indigno, já que estava alicerçado na Lei judaica conforme o preceituado em (Lv 19, 18). Pese embora, fosse uma sociedade onde existiam

²² Cf. K. HESS, “Servicio”, 217.

²³ Cf. W. BEYER, “διακονέω”, 956.

²⁴ *Ibidem*, 957.

²⁵ Cf. K. HESS, “Servicio”, 218.

escravos e outro tipo de servos para a execução de trabalhos e serviços considerados de menor dignidade, iam pautando a sua conduta para com estas pessoas de acordo com a *Torah*.

Por isso, o escravo de origem hebraica devia ser tratado como um assalariado, não lhe devendo ser imposto um trabalho igual ao dos outros escravos estrangeiros (Lv 25, 39-40), tal como recomendavam os rabinos, mesmo para situações básicas como descalçar o amo ou lavar-lhe os pés²⁶, que era um gesto de hospitalidade, em sinal de acolhimento e/ ou respeito, praticado ao entrar em casa, realizado normalmente pelo escravo, ou pela mulher ao seu marido, ou pelos filhos(as) ao pai (1Sm 25, 41)²⁷.

De um modo geral, no AT encontramos referenciados dois tipos de serviço: o secular, onde se podem incluir os trabalhos domésticos, os serviços feitos por escravos estrangeiros ou judeus (hebreus) e o serviço militar; o religioso, onde se encontram especificadas todas as actividades e personagens referentes ao culto.

No AT por ministério entendia-se, primeiramente, o que podemos chamar de culto, os serviços religiosos realizados pelos sacerdotes e levitas no seio do povo de Deus, mas também outros serviços do âmbito da mediação entre YHWH e o Seu povo, que eram efectuados pelos demais detentores de funções sagradas, como eram os reis ou os profetas, por serem considerados servidores de Deus²⁸. A palavra comum para designar essa actividade, ou serviço, é *mesharet* “ministro”, que tem como raiz o verbo *sharat* “שרת”, “ministrar, servir”²⁹.

Este verbo e as palavras de si derivadas são usados em várias circunstâncias que vão desde o serviço cultural, ao serviço prestado a uma outra pessoa que não numa relação de escravidão.

No serviço cultural é aplicado para descrever, de um modo geral, o ofício dos sacerdotes no templo³⁰, ou junto ao rei eleito (1Sm 2, 35-36) e dos levitas (Dt 10, 8; 2Cr 23, 6), mas

²⁶ Cf. R. VAUX, *Instituciones del Antiguo Testamento*, Editorial Herder, Barcelona, 1976, 132.

²⁷ Cf. J. MATEOS - BARRETO, J., *El Evangelio de Juan*, 591.

²⁸ Cf. X. LÉON-DUFOUR, *Vocabulario de Teología Bíblica*, Editorial HERDER, Barcelona, 1965, 473.

²⁹ Cf. C. WESTERMANN, “Servir”, in E. JENNI, – C. WESTERMANN, *DTMAT*, II, Madrid 1979, Ediciones Cristianidad, 1985, 1276.

³⁰ Cf. Dt 17, 12; Is 61, 6; Ne 10, 36.

igualmente em referência às suas tarefas junto ao santuário, com o altar (Ex 20,20) com os utensílios para o serviço (Nm 4, 12; 2Cr 24, 14), com as suas vestes (Ex 28, 35.43), com os cantores (1Cr 6, 17), com o serviço dos guardiães (Ez 44, 11)³¹. Indica um serviço de louvor e entrega a Deus de que é exemplo Samuel (1Sm 2, 11; 3, 1)³².

sharat é usado também para designar o serviço que alguém presta a outrem, seja como resultado da existência de uma hierarquia sacerdotal, onde no culto as pessoas de graus inferiores servem os seus superiores³³, como ajudar a vestir e despír as vestes sacerdotais, a preparar o livro da Lei para a leitura, efectuar a limpeza do santuário com excepção do átrio dos sacerdotes, ou fazer a guarda interior e exterior do local³⁴. Também para designar o serviço a uma pessoa concreta, como o caso de Josué em relação a Moisés (Ex 24, 13), indicando aquele que assiste alguém considerado de um escalão mais elevado, tal como acontecia no serviço prestado na corte real pelos criados (2Sm 13, 17.18), ou pelos criados do rei (Est 1, 10)³⁵, bem como outros serviços domésticos que não tinham qualquer relação de escravatura³⁶.

Do verbo *abad* provém o substantivo *ebed* que designa “escravo, servo”, sendo esta a palavra mais utilizada, nos textos veterotestamentários, para indicar qualquer tipo de servo ou escravo³⁷, sobretudo na relação com Deus, tal como é considerado Israel como nação que se diz serva de YHWH (Sl 136, 22; Is, 41, 8-9), os agentes que serviam no templo (Sl 113, 1), os profetas ou outros servos do senhor (2Rs 9, 7).

É empregado no sentido relacional, entre pessoas, pelo conceito oposto a senhor, não podendo ser reduzido à designação precisa de escravo como classe social³⁸, mas antes

³¹ *Ibidem*, 1279.

³² *Ibidem*, 1278.

³³ *Ibidem*, 1279.

³⁴ Cf. J. JEREMIAS, *Jerusalen en tiempos de Jesus*, Ediciones Cristianidad, Madrid, 1980, 226.

³⁵ Cf. C. WESTERMANN, “Servir”, 1277.

³⁶ Cf. Nm 3, 6; 1Rs 1, 15; 19, 21.

³⁷ Cf. C. WESTERMANN, “Siervo”, in E. JENNI, – C. WESTERMANN, *DTMAT*, II, Madrid 1979, Ediciones Cristianidad, 1985, 246.

³⁸ *Ibidem*, 242.

indicando alguém que é subalterno, como por exemplo, os soldados ou militares de qualquer patente, os vassallos, criados ou ministros da corte³⁹.

O mesmo se verifica no âmbito das relações familiares, onde só excepcionalmente acontece haver uma relação de pura submissão forçada, de acordo com o preceituado na *Torah* (Lv 25, 29ss) que determinava que entre hebreus não deveria haver escravos⁴⁰.

É verdade que na sociedade de origem hebraica existia a escravatura como instituição já desde a época da sedentarização. No entanto, o escravo, estava agregado a uma família sendo considerado um dos seus membros, inclusive no que respeitava ao culto, pelo que não detém um sentido negativo tal como normalmente era considerado⁴¹.

Em textos mais antigos, ou naqueles que referem a vida do povo hebreu no Egipto, o termo *ebed* é utilizado tanto em sentido negativo para falar da escravatura do povo (Dt 5, 15; 15, 15; 16, 12), como positivo aludindo à libertação por YHWH dessa casa de escravidão (Ex 3, 3.14; Dt 5, 6)⁴².

Constatamos igualmente que *ebed* expressa uma relação de submissão do homem para com o Senhor, quando é pedido que se sirva “YHWH com todo o coração” (1Sm 12, 20.24)⁴³, ou na afirmação de várias personagens como “servos de YHWH” desde Moisés (Ex 14, 31), Abraão (Gn 26, 24), Isaac (Gn 24, 14) aos profetas constantes na obra deuteronimista⁴⁴.

Na tradução dos LXX, verifica-se que para designar “ministério, serviço”, foram utilizados termos ou verbos gregos que de certa forma não correspondem em absoluto ao sentido inicial em que eram usados.

³⁹ *Ibidem*, 244.

⁴⁰ *Ibidem*, 242.

⁴¹ *Ibidem*, 243.

⁴² *Ibidem*, 245.

⁴³ *Ibidem*, 258.

⁴⁴ *Ibidem*, 252.

O verbo *diakonéo* não aparece na literatura veterotestamentária, surgindo no entanto, e com muito pouca frequência, o termo *diákonos*, em sentido profano⁴⁵, em referência ao serviço da corte⁴⁶.

O verbo hebraico *sharat* foi traduzido na maioria dos casos por *λειτουργέω* e seus derivados, querendo indicar o serviço cultural (Ex 3, 12; 4, 23), como é exemplo o termo seu derivado *leitourgia*, que é utilizado para indicar o culto sacerdotal em correspondência quase sempre com o vocábulo hebraico “*aboda*”⁴⁷. Para o mesmo tipo de serviço a Deus, através do culto podemos encontrar o termo *latreia*, do verbo *λατρεύω*,⁴⁸ “servir, dar culto”, mas que etimologicamente pode ter outras combinações tais como, trabalho, serviço ou recompensa, ou serviço aos deuses.

Do verbo *abad* “servir o outro, trabalhar”, deriva a palavra substantivada *ebed* “servo, escravo”, que, tal como já referido, maioritariamente não tinha conotação negativa. *abad* foi traduzido por *douleueîn*, que designava de modo geral “serviço de escravo”, tal como a vida do povo hebreu no Egípto, verificando-se no entanto que, enquanto este termo não tem no grego clássico qualquer relação com linguagem religiosa, pode expressar, segundo esta tradução, uma relação de dependência e serviço do homem para com Deus⁴⁹.

2.2. Novo Testamento

Nos livros do NT, à semelhança do verificado anteriormente no AT, para designar ministério ou serviço, são utilizados vários termos, de acordo com a acção, o contexto o objectivo ou a mensagem que se pretende alcançar ou transmitir.

Sabemos que o NT foi praticamente todo escrito em grego, a língua oficial utilizada nas relações sociais, comerciais e políticas. No entanto, a realidade cultural e sobretudo cultural do

⁴⁵ Cf. Pr 10, 4; 2Mac 9, 17; Est 1, 10; 2, 2.

⁴⁶ Cf. W. BEYER, “διακονέω”, 978.

⁴⁷ Cf. H. STRATHMANN, “λειτουργέω”, 601.

⁴⁸ Cf. C. WESTERMANN, “Siervo”, 261.

⁴⁹ *Idem*.

povo judeu, era diferente, já que nas suas relações sociais e religiosas, pensava-se, falava-se e rezava-se segundo os costumes hebraicos.

Tal como já tinha acontecido com a tradução bíblica hebraica no século III a.C., em que judeus traduziram os textos originais para grego, de acordo com o seu pensamento hebraico, também o NT, na maioria dos seus textos ou livros, foi sendo escrito num idioma, mas pensando e usando gramática e vocabulário de padrão hebraico.

Acresce ainda que os vários autores ou redactores dos livros do NT, recorreram e aplicaram nos seus textos, passagens dos LXX, bem como estavam já influenciados por uma dinâmica de vida social e religiosa decorrente da mensagem e pregação de Jesus Cristo e dos seus seguidores, que era de todo diferente, sobretudo do pensamento grego inerente ao conceito de servir.

É assim que verificamos que, sobretudo, o termo ministério, *diakonía* é utilizado poucas vezes nos Evangelhos e no Livro dos Actos dos Apóstolos, sendo aplicados outros termos, seja pela tradução directa da Septuaginta, seja pelo sentido cultural, para indicar ou fazer referência aos vários tipos de serviço. Deste modo podemos identificar, para além do verbo *diakonéo*, “ministrar, servir”, e seus derivados, outros verbos com a função de indicar os vários tipos de serviço referidos nos textos do NT, tais como: *leitourgéo* servir associado ao culto divino; *latreuo* servir ou dar culto; *douléo* servir como escravo; *hyperetéo* servir ou assistir; *therapéuo* servir ou curar.

2.2.1. O vocábulo *diakonéo*

O verbo *diakonéo* e seus derivados é aquele que com maior frequência é referenciado em todo o NT, dando a indicação de ministério ou serviço e que mais se aproxima do seu sentido primitivo, o de “servir à mesa”, e o de, em sentido mais lato, “prover o sustento”, e que nos dá

o sentido genérico de servir o outro⁵⁰. Deste verbo derivam os substantivos *diakonía*, que é o serviço ou o ministério, e *diákonos*, o executante, o servidor, em qualquer sentido⁵¹.

No entanto, embora muitas vezes usado para dar a indicação de um serviço a alguém, seja no serviço doméstico ou das mesas, no da assistência a pessoas concretas ou na comunidade, este termo adquire um novo significado a partir da pessoa de Jesus e da Sua Boa Nova, tendo-se convertido na expressão mais característica com a qual se pretende designar, a actividade de amor ao próximo⁵², as atitudes de entrega aos outros, de acordo com o exemplo e as palavras de Jesus⁵³.

Raramente assume o sentido do desempenho ou cumprimento de funções sacerdotais ou eclesiásticas, sendo entendido como fazer um serviço cristão no bem aos outros.

Da análise dos textos, quer dos Evangelhos e Actos, quer das Cartas de Paulo e demais Cartas Católicas e aos Hebreus, verifica-se que o conceito de serviço em relação à identidade grega, e até judaica, é totalmente novo, sendo sobretudo resultado do aprofundamento doutrinal que Jesus desenvolveu a partir do preceito veterotestamentário do amor ao próximo (Lv 19, 18), e que, ao fazer unir o amor ao próximo com o amor a Deus, fez com que se alterasse a atitude moral do homem para com o seu semelhante⁵⁴.

O termo *diakonéo* e/ ou as palavras de si derivadas, está presente nos três Evangelhos Sinópticos, quer no seu sentido original, o acto de servir uma refeição, quer no sentido mais amplo de serviço aos outros.

Quando aplicado querendo indicar “servir à mesa”, o termo é usado numa passagem comum aos três Evangelhos, como é o relato da “cura da sogra de Pedro”⁵⁵. Surge ainda, isoladamente, no Evangelho de Mateus, na sua narrativa própria da parábola das bodas (Mt 22, 13), e em Lucas nos episódios da visita de Jesus a casa de Marta e Maria, «Marta, porém,

⁵⁰ Cf. W. BEYER, “διακονέω”, 952.

⁵¹ Cf. K. HESS, “Servicio”, 212.

⁵² *Ibidem*, 214.

⁵³ Cf. A. WEISER, “διακονέω”, in G. SCHNEIDER, H. BALZ, *DENT*, Vol. I, Ediciones Sígueme, Salamanca, 2012, 913.

⁵⁴ Cf. W. BEYER, “διακονέω”, 958.

⁵⁵ Cf. Mc 1, 31; Mt 8, 15; Lc 4, 39.

andava atarefada com muitos serviços; e, aproximando-se, disse: «Senhor, não te preocupa que a minha irmã me deixe sozinha a servir?» (Lc 10, 40). Na alegoria dos servos vigilantes, «... mandará que se ponham à mesa e há-de servi-los» (Lc 12, 37), em referência aos deveres daquele que serve «cinge-te para me servires, enquanto eu como e bebo» (Lc 17, 8) e, finalmente, em resposta à disputa do poder entre os discípulos:

«Convosco, não deve ser assim; o que for maior entre vós seja como o menor, e aquele que mandar, como aquele que serve. Pois, quem é maior: o que está sentado à mesa, ou o que serve? Não é o que está sentado à mesa? Ora, Eu estou no meio de vós como aquele que serve» (Lc 22, 26-27).

Um outro sentido em que nos é apresentado este termo, é o do serviço de apoio ou assistencial como ajuda a outra pessoa⁵⁶. É o caso da narrativa das tentações de Jesus, presente em Mateus e Marcos, onde se refere que «os anjos serviram Jesus» (Mt 4, 11; Mc 1, 13), subentendendo-se que o fizessem para alimentar o próprio Jesus após o período de jejum, e não na linha de um ministério eclesial. O mesmo se encontra nas perícopes, referentes à ida das mulheres ao túmulo depois da morte de Jesus, relatadas por Mateus e Marcos «Estavam ali, (...) mulheres que tinham seguido Jesus desde a Galileia e o serviram» (Mt 27, 55; Mc 15, 40-41).

O vocábulo *diakonéo* surge também como atitude de entrega e serviço prestado ou a prestar pelos discípulos⁵⁷, tal como é referido em Mc 9, 35 «Se alguém quiser ser o primeiro, há-de ser o último de todos e o servo de todos», como resposta de Jesus na sequência da “luta interna” entre os discípulos sobre quem seria o maior entre eles, ou como, num contexto semelhante, é expresso por Mateus «O maior de entre vós será o vosso servo» (Mt 23, 11), como forma de condenar a maneira de actuar do poder religioso da época.

Finalmente este termo é igualmente usado nos Sinópticos, dando indicação de que a vida e a morte de Jesus devem ser consideradas como um serviço⁵⁸. Referimo-nos ao relato da disputa entre os discípulos de quem seria o maior, «quem quiser fazer-se grande, seja o vosso

⁵⁶ Cf. A. WEISER, “διακονέω”, 913.

⁵⁷ *Idem*.

⁵⁸ *Ibidem*, 914.

servo» (Mt 20, 26; Mc 10,43), «o que for maior entre vós seja como o menor, e aquele que mandar, como aquele que serve» (Lc 22, 26), e na subsequente afirmação de Jesus, dando o exemplo da Sua entrega total à humanidade «Eu estou no meio de vós como aquele que serve» (Lc 22, 27), «o Filho do Homem não veio para ser servido, mas para servir» (Mt 20, 28; Mc 10, 45).

No quarto Evangelho, o verbo *διακονέω*, surge unicamente como indicativo de serviço às mesas: no relato das bodas de Caná «Sua mãe disse aos serventes: (...) se bem que o soubessem os serventes que tinham tirado a água» (Jo 2, 5.9); no episódio da visita de Jesus a Marta e Maria «Lázaro era um dos que estavam com Ele à mesa» (Jo 12, 2); e como proposta para seguir Jesus « Se alguém me serve, que me siga, e onde Eu estiver, aí estará também o meu servo» (Jo 12, 26).

No Livro dos Actos dos Apóstolos, que relata a vida da Igreja nascente a caminhar com Jesus, constatamos que o conjunto de termos relacionados com a *diakonia* são essencialmente aplicados na actividade exercida pelos Apóstolos e na indicação das necessidades físicas dos primeiros cristãos.

Surge explicitamente, no sentido originário de servir às mesas, pela necessidade de divisão de tarefas dos Apóstolos «Não convém deixarmos a palavra de Deus, para servirmos às mesas» (Act 6, 2)⁵⁹, mas igualmente como sinal de solidariedade, para designar o ministério da proclamação da Palavra, quer dos doze Apóstolos (Act 1, 17.25; 6, 4), quer de Paulo (Act 20, 24; 21, 19), bem como o serviço prestado à comunidade, na realização de funções básicas de vida aos mais pobres e necessitados (Act 6, 1), que no caso da colecta de Jerusalém transpôs até essa dimensão comunitária (Act 11, 29; 12, 25)⁶⁰.

Em S. Paulo, a terminologia “*diakonéo, diakonía, diákonos*”, dá uma noção mais ampla que a de um simples serviço. Já não é só uma acção em favor de outro, mas um novo modo de

⁵⁹ *Ibidem*, 913.

⁶⁰ *Ibidem*, 917.

relação, tendo por base a vida em Cristo e no Espírito⁶¹. Na teologia paulina o conceito de serviço, ganhou uma maior amplitude, verificando-se uma aproximação à vida e mensagem de Jesus, no que concerne à proclamação da Palavra e ao auxílio dos que mais sofrem.

Nos textos de Paulo, o termo *diakonia* surge como título de nobreza cristã, não como uma instituição mas como acção⁶², onde os actores, os executores ou servidores, os *diákonos*, são aqueles que essencialmente estão ao serviço da Palavra e da comunidade. Ela é o centro da vida cristã, não estando só limitada à dimensão caritativa, mas essencialmente em perfeita união com as dimensões litúrgica e testemunhal, verificando-se assim que *diakonia* e Palavra estão relacionados. Em união com a Palavra, com o anúncio do Evangelho, vemos também que a *diakonia* está associada ao culto e ao testemunho, *martyrion*, pois servir a Cristo é colocar-se ao serviço dos outros, numa entrega total, imitando o Amor-dom, o *ágape*, manifestado pelo próprio Jesus na cruz.

Paulo considera por isso que os Apóstolos são “ministros, diáconos” se servirem a Deus (2Co 6, 4; 1Ts 3, 2), a Cristo (2Co 11, 23; Cl 1, 7), a Igreja (Cl 1, 24.25) e o Evangelho (Ef 3, 6.7), tal como muitos outros já tinham sido chamados a ser “servos”, “diáconos” de Deus por meio de Cristo (Cl 1, 7: 4, 7).

Para o Apóstolo dos gentios, a proclamação do Evangelho é a actividade fundamental e central do que ele considera ser o seu ministério apostólico (Cl 1, 23.25; Ef 3, 7)⁶³ e como tal, apresenta-se aos seus companheiros como “*διάκονος Θεοῦ*” ministro de Deus (2Co 6, 4)⁶⁴, assumindo a sua autoridade de servidor de Cristo (Col 1, 7), da nova aliança (2Co 3, 6) e do Evangelho (Cl 1, 23), para que igualmente eles se sintam animados por essa dinâmica de serviço (Ef 6, 21).

O seu ministério oriundo do próprio Cristo (Ef 4, 12) é dom, recebido pela graça de Deus (Ef 3, 7), para o engrandecimento da Igreja através da proclamação da Palavra aos que não

⁶¹ Cf. L. MONLOUBOU, *Cuadernos Biblicos*, 19.

⁶² *Ibidem*, 17.

⁶³ Cf. A. WEISER, “*διακονέω*”, 915.

⁶⁴ Cf. L. MONLOUBOU, *Cuadernos Biblicos*, 22.

conhecem Jesus (Rm 11, 13; 1Co 3, 5), ou da prestação de qualquer outro tipo de serviço à comunidade (Rm 12, 7)⁶⁵. Ao viver em íntima relação com Cristo, sente-se servidor (*diákonos*), daqueles que lhe são confiados, sobretudo pela acção da Palavra, onde apela ao serviço de comunhão, referindo Cristo como modelo que ele próprio imita (Gl 2, 20).

O termo *diakonía* é também utilizado para designar as tarefas inerentes ao serviço prestado ou a realizar pelos dirigentes das comunidades (Cl 4, 17; 1Tm 4, 6; 2Tm 4, 5)⁶⁶.

Para além do serviço missionário e apostólico da proclamação da Palavra, Paulo considerando-se um servidor do Evangelho, vai realçar o serviço, a *diakonía*, no sentido autêntico do amor aos outros, através da chamada colecta a Jerusalém. Tal como já referido na análise aos Actos do Apóstolos, aqui Paulo diz que parte para Jerusalém “em serviço a favor dos santos”, pedindo aos cidadãos de Roma, a quem escreve, o apoio da oração para que o “seu serviço” seja bem aceite (Rm 15, 25.31)⁶⁷. É nos escritos paulinos que, pela primeira vez, se pode entender a *diakonía*, na pessoa do *diákonos*, como um ofício.

Embora sem dar qualquer indicação ou precisão na aplicação do termo “ministros”, Paulo, pela actividade desenvolvida, apelida alguns membros da comunidade de Filipos de *διακόνους* (Fl 1, 1) enviando-lhes saudações⁶⁸ e na sua Carta a Timóteo refere explicitamente que, o ofício de diácono está ligado ao do bispo:

«Do mesmo modo, os diáconos sejam pessoas dignas, (...). Sejam também eles, primeiro, postos à prova e só depois, se forem irrepreensíveis, exerçam o diaconado. (...) Os diáconos sejam maridos de uma só mulher, capazes de dirigir bem os filhos e a própria casa. Pois aqueles que cumprirem bem o diaconado adquirem para si uma posição honrosa e autoridade em questões de fé, em Cristo Jesus» (1Tm 3, 8-13)⁶⁹,

considerando que o seu amigo, Timóteo, será também ele um bom “*διάκονος Χριστοῦ*” ministro de Cristo (1Tm 4, 6).

⁶⁵ Cf. A. WEISER, “*διακονέω*”, 911.

⁶⁶ *Ibidem*, 914.

⁶⁷ Cf. L. MONLOUBOU, *Cuadernos Bíblicos*, 29.

⁶⁸ Cf. W. BEYER, “*διακονέω*”, 973.

⁶⁹ *Ibidem*, 974.

Um outro momento em que Paulo parece associar o termo *diákonos* a uma pessoa, é aquele em que pede aos cristãos de Roma que acolham Febe, uma mulher, que considera ser irmã na fé, tratando-a por *διάκονον* “diaconisa na igreja de Cêncreas” (Rm 16, 1). Este facto, por se tratar de um caso isolado, poderá não querer significar que Febe fosse possuidora de um cargo oficial na sua comunidade mas antes, talvez, dar indicação da prestação de um serviço pontual, transitório, já que em nenhum outro Livro do NT se aplica o termo ou fala de diaconisas.

De toda a restante bibliografia do NT, só na 1ª Carta de Pedro encontramos referência ao termo *diakonéo* ou seus derivados, quando menciona os profetas como servidores da palavra que pré-anunciava Cristo, como aqueles que “ministravam” o que agora lhes era anunciado (1Pe 1, 12), bem como exorta os seus leitores ao serviço caritativo, à entrega ao outro, pela hospitalidade e serviço gratuito, como se de Deus se tratasse (1Pe 4, 10-11)⁷⁰.

2.2.2. Outros vocábulos que indicam serviço

O verbo *leitourgéo*, empregue pelos LXX para traduzir o hebraico *mesharat*, é usado para indicar a prestação de um serviço ou culto divino. Nos Evangelhos, surge somente com S. Lucas, fazendo referência ao culto sacerdotal de Zacarias (Lc 1, 23), e em Act 13, 2 é empregue no mesmo sentido, quando se alude à oração em comum⁷¹.

S. Paulo usa a expressão em Rm 15, 16 considerando o seu próprio ministério de anunciador da Boa Nova de Jesus, à imagem de um sacerdote. A Carta aos Hebreus é o livro em que este termo é mais utilizado, seja em relação a Cristo Sumo Sacerdote e ministro do santuário celeste (Hb 8, 2) e o mediador entre Deus e a humanidade (Hb 8, 6), seja também

⁷⁰ Cf. A. WEISER, “διακονέω”, 919.

⁷¹ Cf. H. BALZ, “λειτουργέω”, in G. SCHNEIDER, H. BALZ, *DENT*, Vol. II, Ediciones Sígueme, Salamanca, 2012, 46.

em referência ao ministério sacerdotal do templo (Hb 9, 11) e aos objectos de culto que tinham sido depositados no Tabernáculo (Hb 9, 21)⁷².

Latréuo, quer designar servir, no sentido de dar culto. É utilizado poucas vezes em todo o NT. A sua utilização está confinada a algumas citações veterotestamentárias, fazendo referência ao serviço que se oferece a Deus ou a outros deuses, em (Mt 4, 10 e Lc 4, 8) e em (Act 7, 7) e (Lc 1, 74; 2, 37), quando se fala do Deus dos pais. Tem maior expressão na Carta aos Hebreus ao fazer referência ao serviço cultural do templo⁷³.

O verbo *douléo* é traduzido por “servir como escravo”. No entanto, pese embora, o termo *doulos* etimologicamente seja sinónimo de “escravo”, de “alguém em escravatura”, nos textos bíblicos do NT, este vocábulo é usado comumente como “servo”, querendo indicar uma atitude de submissão sem a ideia negativa de escravatura (Mt 13, 27; 25, 14).

Nos Evangelhos Sinópticos é empregado para designar as relações de dependência e serviço, quer como realidade social numa relação de vida doméstica (Mt 10, 24.25; Mc 12, 2.4; Lc 7, 3.8)⁷⁴, quer para indicar a submissão do homem a Deus, na parábola do perdão (Mt 18, 23-35), ou na do servo fiel (Lc 17, 7-10)⁷⁵, bem como na expressão de Maria perante o chamamento divino, ao afirmar «eis a serva do Senhor» (Lc 1, 38)⁷⁶.

Em S. João, surge no mesmo sentido de submissão, no episódio do litígio de Jesus com os fariseus, no templo (Jo 8, 33-35), ou para fazer menção aos que serviam os sumo-sacerdotes no templo (Jo 18, 18.26), mas igualmente para servir de exemplo aos discípulos na cena do lava-pés «o escravo não é mais que o seu senhor» (Jo 13, 16).

Nas Cartas de S. Paulo, dá-nos a mesma ideia de sujeição, seja do homem a Deus (Rm 6, 22; 7, 25; 1Ts 1, 9), a Jesus Cristo (Rm 12, 11; 14, 18)⁷⁷, ao Seu Evangelho (Fl 2, 22), ou ao próximo (Gl 5, 13), seja pelo reconhecimento do seu próprio pecado (Rm 6, 19), ou do

⁷² *Ibidem*, 43.

⁷³ Cf. K. HESS, “Servicio”, 217.

⁷⁴ Cf. A. WEISER, “δουλεύω”, in G. SCHNEIDER, H. BALZ, *DENT*, Vol. I, Ediciones Sígueme, Salamanca, 2012, 1062.

⁷⁵ *Ibidem*, 1065.

⁷⁶ *Ibidem*, 1067.

⁷⁷ *Idem*.

serviço a outros deuses (Gl 4, 8). Para indicar e testemunhar o sentido de dependência que o Apóstolo sentia em relação à sua actividade de anunciador da Palavra de Deus, ele mesmo se afirmava escravo de Cristo «Paulo, servo de Cristo Jesus», “*Παῦλος δούλος Ἰησοῦ, Χριστοῦ*”, (Rm 1, 1), «(...) não seria servo (*δούλος*) de Cristo» (Gl 1, 10).

Outro dos verbos utilizados para indicar “servir” é *hyperetéo*, que nos dá mais o sentido de assistir. Surge em Act 13, 36, reportando-se ao AT, para fazer referência ao rei David, pelo serviço que prestou no cumprimento da vontade de Deus⁷⁸.

Como substantivo, *hyperetes*, que etimologicamente indica o trabalhador de um navio de escravos, passou a significar a função de ajudante, de um servidor, em relação a uma outra pessoa de categoria ou classe superior, ou de alguém que está disposto a prestar um serviço⁷⁹. É neste quadro que o termo é referido, embora raramente, nos Sinópticos, por Marcos, no relato da Paixão, ao mencionar que Pedro estava no pátio junto ao pessoal de serviço do sumo-sacerdote (Mc 14, 54), e que os servidores do Sinédrio bateram em Jesus (Mc 14, 65), mas igualmente no terceiro Evangelho, no episódio da sinagoga de Nazaré, acerca daquele que recebeu o “rolo” depois da leitura (Lc 4, 20), bem como no Livro dos Actos dos Apóstolos ao indicar que João, de sobrenome Marcos, é ajudante de Barnabé e Paulo (Act 13, 5), ou quando é referida a vocação do Apóstolo como «servidor e testemunha de Cristo» (Act 26, 16)⁸⁰.

No quarto Evangelho a utilização deste termo é mais frequente, sendo normalmente referido em episódios que relatam a oposição dos fariseus a Jesus. É o que se denota nas passagens onde os sacerdotes e fariseus enviam “servidores” para prender Jesus (Jo 7, 32.45.46), dos guardas que prendem Jesus (Jo 18, 12), ou gritavam junto aos sacerdotes para que fosse crucificado (Jo 19, 6)⁸¹.

⁷⁸ Cf. G. SCHNEIDER, “*ὑπηρετέω*”, in G. SCHNEIDER, H. BALZ, *DENT*, Vol. II, Ediciones Sígueme, Salamanca, 2012, 1879.

⁷⁹ *Ibidem*, 1880.

⁸⁰ *Ibidem*, 1882.

⁸¹ *Ibidem*, 1881.

S. Paulo, só por uma vez utiliza este vocábulo ao dizer que os Apóstolos, como proclamadores da Boa Nova, devem ser considerados “servidores de Cristo” (1Co 4, 1)⁸².

Therapéuo indica servir, curar, e é utilizado no NT no sentido genérico da cura. Daí nunca significa servir no seu sentido secular e só uma vez, em Act 17, 25, denota o sentido do culto⁸³. O seu uso mais comum é curar, seja no sentido médico, terapêutico, seja para mostrar o efeito da acção salvífica de Jesus, pela verdadeira cura que Ele produz. Surge por isso referenciado nos Evangelhos Sinópticos, nos vários episódios de cura ou milagres realizados por Jesus, onde os enfermos são curados (Lc 7, 21; Mc 3, 10; Mt 12, 15) ou nos relatos de expulsão de demónios, que igualmente é uma forma de curar (Mt 4, 24; 12, 22; Lc 6, 18; 8, 2), como também no quarto Evangelho no relato da cura do paralítico (Jo 5, 10)⁸⁴.

3. Tradição da Igreja

No período pós-apostólico, na sequência da formação e desenvolvimento das primeiras comunidades cristãs de acordo com o anúncio da Boa Nova de Jesus e das inerentes alterações provocadas na vida social e religiosa daqueles que se iam tornando aderentes e fiéis à nova doutrina, o conceito primário ou originário de serviço foi sendo alterado e adaptado a essas novas realidades.

No testemunho literário que nos é possível analisar, verificamos que o conceito, grego e até judaico, de *diakonía* como serviço às mesas ou a alguém que por obrigação ou dever serve o outro desaparece, dando origem a uma nova atitude fundada no exemplo de Jesus e que se traduzia na relação viva entre o conceito ético de serviço na comunidade e o elemento que, ocupando determinado cargo, função ou posição social, fazia esse serviço.⁸⁵

⁸² *Idem*.

⁸³ Cf. W. GRIMM, “θεραπεύω”, in G. SCHNEIDER, H. BALZ, *DENT*, Vol. I, Ediciones Sígueme, Salamanca, 2012, 1864.

⁸⁴ *Ibidem*, 1864.

⁸⁵ Cf. W. BEYER, “διακονέω”, 980.

Deste modo, neste período da história da Igreja, foi-se verificando que, no seguimento da vivência social e religiosa das comunidades emergentes (Act 2, 42.44-47), o conceito de diakonia e concretamente o de *diákonos*, como servo de mesa, passou a indicar mais uma tarefa cristã, cujo significado se encontra fundamentado nas refeições comuns da comunidade, a referência eucarística que era o centro da vida comunitária⁸⁶.

Verificamos assim que ao longo dos primeiros séculos da Igreja, houve uma evolução do significado do vocábulo *diakonéo* sendo a sua aplicação secular e religiosa efectuada já não segundo as múltiplas funções realizadas na comunidade e vulgarmente denominadas “serviços”, mas antes ligadas ao ofício ou cargo daquele a quem competia fazer essa tarefa, fosse ela do âmbito material, caritativa, espiritual ou ligada ao culto.

Um pouco na sequência do que já era referido e afirmado em alguns textos paulinos (Fl 1, 1; 1Tm 3, 1-13), também se constata que na literatura secular e religiosa dos quatro primeiros séculos, o “ministério” é apresentado como função hierárquica, onde se identificam claramente, bispos, presbíteros e diáconos, com distintas funções e deveres atribuídos.

Podemos talvez considerar que este ministério hierárquico da Igreja surge já embrionariamente no tempo dos Apóstolos, pela manutenção à frente de todas as comunidades, de acordo com os preceitos judaicos, de anciãos, *presbíteroi*, que depois Paulo e Barnabé vão nomeando e estabelecendo nas comunidades que vão fundando, tal como pela nomeação dos sete homens de boa reputação para o serviço diário (Act 6, 1-6) e que poderão ser considerados o protótipo do diaconado, e finalmente com a escolha de um *ἐπίσκοπος* (1Tm 3, 1-7), aparentemente entre os presbíteros (Tt 1, 5-9) em cada comunidade, para desempenharem a função de vigilante ou pastor da mesma (Tt 1, 9).

No que concerne à literatura secular, encontramos referência ao termo diakonia em Plínio, o jovem, um escritor romano. Enquanto governador da Bitínia, escreve ao imperador romano, Trajano (112 d.C.), indicando que naquela época havia entre as pessoas que se

⁸⁶ *Idem.*

afirmavam cristãos, mulheres, que intitula de “diaconisas”, a quem ele próprio tinha mandado torturar, depois de ter interrogado muitos dos que diziam seguir Jesus. E afirmava «aos que se negavam por três vezes renunciar a Cristo, eram executados. (...) Ao menos dois daqueles cristãos eram mulheres e líderes (diaconisas). Inclusive sob tortura e ameaças de morte aquelas valentes mulheres não se derrubaram»⁸⁷.

Quanto a escritos de carácter religioso, são vários os autores que nos dão testemunho do exercício desta nova diaconia, deste serviço tornado ministério eclesial, do qual daremos um pouco mais ênfase àquele que se refere mais aos diáconos, por ser o que está mais próximo do conceito secular de serviço, pelas funções de assistência próxima que exerciam na comunidade.

Inicialmente, ainda durante o primeiro século, é-nos referido que os *diákonoi* tinham responsabilidades na vida da Igreja, em particular, nos grandes centros urbanos, no apoio e desenvolvimento das obras de caridade⁸⁸, mas também igualmente em ligação ao bispo, com funções ligadas à catequese e à liturgia, tal como refere Clemente Romano, na sua 1ª Carta aos Coríntios, onde explica a instituição dos bispos e diáconos, como referida à vontade de Deus aos Apóstolos⁸⁹.

Ainda no tempo da Igreja primitiva, no que se refere ao exercício do serviço à comunidade, os bispos e diáconos eram considerados profetas e doutores (mestres)⁹⁰, devendo os diáconos ser “simplesmente um servidor susceptível de cumprir diversas funções segundo as circunstâncias particulares do seu serviço”.

Pouco tempo depois, os diáconos serão convertidos em colaboradores próximos do bispo, numa relação totalmente diferente da dos presbíteros⁹¹, como podemos ver explicitado por

⁸⁷ Cf. R. ROHDE, *El Jesus Viral*, Casa Creación, Florida, USA, 65.

⁸⁸ Cf. COMMISSIONE TEOLOGICA INTERNAZIONALE, “Il diaconato: evoluzione e prospettive”, in *La Civiltà Cattolica*, 1º febbraio 2003, anno 154, volume I, quaderno 3663, 263.

⁸⁹ *Idem*.

⁹⁰ Cf. *Didaqué*, *Catecismo dos primeiros cristãos*, tradução de Urbano Zilles, Editora Vozes, Petrópolis, 2003, 35.

⁹¹ Cf. L. MONLOUBOU, *Cuadernos Biblicos*, 18.

Inácio de Antioquia, nas suas Epístolas aos Trálios e aos Magnésios⁹², onde refere aos seus leitores que devem ser obedientes ao bispo, aos presbíteros e diáconos e que estes, “por servirem os ministérios de Jesus, devem estar à plena disposição de todos os homens, porque não são servidores, *διάκονοι*, de carne e bebida, mas sim servos de Deus. Por isso todos devem respeitar os diáconos como a Jesus Cristo, (...), porque sem eles não se pode falar da Igreja”⁹³. Na carta aos Magnésios, pede que se respeite os diáconos como à Lei de Deus⁹⁴.

Policarpo de Esmirna, bispo, no início do segundo século, faz igualmente referência ao ministério diaconal, aludindo aos deveres que estes deverão possuir «Deste modo, sejam os diáconos irrepreensíveis na presença da justiça de Deus e de Cristo e não na dos homens, não maledicentes, (...), misericordiosos, zelosos, seguindo a verdade do Senhor que se fez servo de todos»⁹⁵.

Na sequência do serviço litúrgico a que os diáconos também estavam obrigados, S. Justino, na sua obra, *Apologia I*, descreve a função que os diáconos devem ter na celebração eucarística, afirmando «aqueles que são chamados “os diáconos” dão a cada um dos presentes o pão e o vinho misturados com água (...), levando uma porção aos que estão ausentes»⁹⁶.

No final do segundo e início do terceiro século, no que respeita ao exercício da caridade a cargo dos diáconos, Tertuliano, no seu livro, *Apologeticum*, faz particular referência à iniciativa dos cristãos, quanto à ajuda e entrega de dinheiro numa arca comum para sustentar os mais pobres, órfãos, abandonados, presos ou outros, e que não era comum existir no mundo daquela época, dizendo «é sobretudo esta diligência de caridade que nos marca entre certa gente (...). “Olha”, dizem eles, “como eles se amam uns aos outros!” “ e como estão preparados a morrer uns pelos outros!”»⁹⁷.

⁹² Cf. COMMISSIONE TEOLOGICA INTERNAZIONALE, “Il diaconato: evoluzione e prospettive”, 263.

⁹³ *Idem*.

⁹⁴ *Idem*.

⁹⁵ Cf. POLICARPO DE ESMIRNA, Santo, *Carta aos Filipenses e Martírio do Santo*, tradução de P. O. Tosti, Edições Paulistas, 1960, 96.

⁹⁶ Cf. SAINT JUSTIN, *Apologies*, traduction de André Wartelle, Études Augustiniennes, Paris, 1987, 191.

⁹⁷ Cf. TERTULIANO, Q.S.F., *Apologeticum*, tradução de J. C. Miranda, Edição Bilingue, Alcalá, Lisboa 2002, 463.

Com Hipólito de Roma, no início do terceiro século, é apresentado, pela primeira vez, o estatuto jurídico do diácono na Igreja, onde no rito se faz constar, os seus deveres de administração, que a ordenação para o ministério é para o serviço do bispo⁹⁸, e o desempenho de funções junto ao bispo «onde lhe serão recomendados os doentes para que os visite, se for do agrado do bispo»⁹⁹.

Sem indicar qualquer referência quanto ao tipo de ministério ou ordenação de mulheres no exercício do serviço aos mais necessitados, Eusébio de Cesareia, refere na sua obra, *História Eclesiástica*, que «pertencia às diaconisas fora da Igreja exercitar a hospitalidade, lavar os pés aos fiéis e consolar os aflitos. Na Igreja era seu cargo instruir as catecúmenas e ser suas assistentes no tempo do Santo Baptismo»¹⁰⁰.

Posteriormente o ministério diaconal vê alargadas algumas das suas funções, como o acompanhamento dos presbíteros na administração do Baptismo ou a missão de reunir e instruir os crentes, mantendo-se os anteriores princípios de relação com o bispo onde ele «deve representar os olhos, os ouvidos e a boca do bispo»¹⁰¹, mas onde igualmente começam a surgir algumas advertências devido a comportamentos incorrectos como refere Orígenes, tal ao afirmar «os diáconos são objecto de crítica, (...) já que na sua função caritativa estavam em contacto com o dinheiro, por vezes desviavam dinheiro dos pobres»¹⁰² e S. Cipriano, bispo de Cartago, ao indicar que os diáconos pela incumbência que tinham no serviço da caridade, visita às prisões e serem encarregados da administração dos bens financeiros da comunidade, poderiam ser alvo de tentações¹⁰³.

Finalmente referir que o Concílio de Elvira (300-303) estabeleceu proibições a todos os que exerciam o ministério eclesial, afirmando «que se abstenham das suas mulheres e não

⁹⁸ Cf. HIPÓLITO DE ROMA, *Tradição Apostólica - liturgia e catequese em Roma no século III*, Editora Vozes Limitada, Petrópolis, 1981, 43.

⁹⁹ *Ibidem*, 61.

¹⁰⁰ Cf. E. CESAREIA, *Historia Ecclesiastica*, Tomo I, Libro primero, traducion de Joseph Agustin Orsi, 1748, 23.

¹⁰¹ Cf. COMMISSIONE TEOLOGICA INTERNAZIONALE, “Il diaconato: evoluzione e prospettive”, 267.

¹⁰² *Ibidem*, 264.

¹⁰³ *Ibidem*, 265.

façam filhos e quem quer que o faça seja afastado da honra de exercer o seu ministério»¹⁰⁴, mas também deveres e obrigações como eram para o diácono «poder baptizar num local onde não haja bispo ou presbítero»¹⁰⁵.

¹⁰⁴ Cf. MARCELINO, “Sinodo de Elvira”, in H. DENZINGER, P. HÜNERMANN, *EL Magisterio de la Iglesia, Enchiridion Simbolorum Definitionum et Declarationum de Rebus Fidei et Morum*, Herder Editorial, S.L., Barcelona, 2006, 119.

¹⁰⁵ *Ibidem*, 121.

Parte II: O ministério de Jesus

Introdução

No capítulo anterior, fizemos a análise e o estudo semântico do termo ministério/diaconia e/ ou seus derivados nos vários ambientes culturais, sociais e religiosos do mundo antigo, desde o grego ao judaico, até ao início da nova era com o cristianismo, apoiado nos textos bíblicos do AT e NT, como forma de enquadramento para o desenvolvimento, aprofundamento e compreensão do ministério de Jesus.

Independentemente do vocábulo utilizado, observamos nos relatos evangélicos que toda a vida de Jesus foi uma entrega constante a Deus e aos homens, pelo que tentaremos incidir o estudo na própria pessoa de Jesus Cristo, sem descurar, em termos comparativos, os ambientes culturais e religiosos por onde se movia, para compreender o serviço, a *diakonía* de Jesus como manifestação de testemunho do Pai até ao exercício de todo o Seu ministério.

Partindo do conceito primitivo de *διακονέω*, como serviço ao outro comparado com o serviço das mesas, sem qualquer relação com a tarefa do escravo, referido em vários textos bíblicos, como por exemplo Marta e Maria a servir Jesus (Lc 10, 40), a sogra de Pedro (Mc 1, 31), os próprios discípulos preparando a ceia pascal (Mt 26, 19), tentaremos chegar ao ministério de Jesus e analisar o modo como ao longo da Sua curta vida pública, o cumpriu.

Porque toda a vida de Jesus é tão cheia de acontecimentos, tornar-se-ia inviável, neste tipo de trabalho, efectuar uma análise detalhada, pelo que iremos simplesmente fazer referência a alguns que consideramos mais pertinentes.

O nosso objectivo será analisar, nos Evangelhos Sinópticos e no quarto Evangelho, separadamente, devido às diferenças estruturais e de linguagem que lhes são próprias, o ministério de Jesus, procurando obter uma visão de conjunto.

Tentaremos ir ao encontro de Jesus, no que concerne às Suas atitudes, gestos, mensagem e palavras, como anunciador do Reino de Deus através dos milagres, parábolas, curas e sermões dos Sinópticos, e revelador do Pai pelos sinais, discursos e gestos exemplificativos de S. João.

Iremos analisar igualmente o exercício da Sua autoridade e a relação com o poder político e religioso da época, com os Seus discípulos e estes com os restantes contemporâneos, fundamentado na Sua exemplaridade de vida que, como sabemos, produziu profundas e radicais mudanças nos seus seguidores, constituindo-se como novo paradigma para toda a humanidade «não é o servo maior que o seu senhor» (Jo 13, 16).

1. Jesus o Mestre no contexto dos Evangelhos

O Ministério de Jesus como enviado do Pai a anunciar a Boa Nova aos homens, a mostrar o rosto de Deus e que é possível o amor entre todos, foi marcado por um caminho feito de obras e da proclamação da Palavra, na qual os seus contemporâneos o reconheciam tratando-o como Mestre, *Rabbi* e/ ou Senhor.

1.1. Jesus Mestre

Διδάσκαλος é uma palavra substantivada que designa “mestre”, derivada do verbo *διδάσκω* que significa ensinar, instruir, sendo empregada como forma de alguém se dirigir a uma outra pessoa de modo respeitoso¹⁰⁶.

Na sociedade judaica, o ensino significava a instrução da Lei para que se pudesse entender melhor a relação do homem com Deus e com o próximo. No entanto, para além do

¹⁰⁶ Cf. H.- F. WEIB, “*διδάσκαλος*” in G. SCHNEIDER, H. BALZ, *DENT*, Vol. I, Ediciones Sígueme, Salamanca, 2012, 960.

sentido predominante do ensino da Lei, *διδάσκω* também era utilizado no uso secular referido ao ensino de uma profissão¹⁰⁷.

Nos textos do NT este verbo é igualmente empregue no sentido de ensinar, instruir, sobretudo referido a Jesus e à sua acção entre as pessoas. Os Evangelhos Sinópticos indicam o ensinamento de Jesus como uma das suas principais acções. Ele ensinava quer na sinagoga (Mt 9, 35), no templo (Mc 12, 35) ou mesmo ao longo dos caminhos ou em qualquer outro lugar (Mt 13, 1-2). O Seu modo de ensinar estava dentro dos mesmos parâmetros que o dos mestres judeus do Seu tempo, sentado e rodeado de discípulos (Mt 5, 1ss; Mc 9, 35; Lc 5, 3)¹⁰⁸, usando o mesmo material que os outros mestres, isto é, ensinava a partir das Escrituras, fosse na sinagoga (Lc 4, 16ss) ou no monte (Mt 5, 1.7.21ss).

No entanto, embora Jesus abordasse temas iguais ou semelhantes aos dos rabinos, diferenciava-se deles pela forma radical como apresentava e tratava os assuntos. Jesus, na sua actividade, não se limitava a fazer unicamente a exegese da Lei. Ele, mais que falar de uma religião, tem em conta os problemas concretos das pessoas, tratando-os de modo prático¹⁰⁹. Em vez de apresentar uma doutrina teórica acerca de Deus, Jesus anunciava, através de situações concretas, a vontade ou a ira de Deus (Lc 15, 1ss), mais que falar de especulações acerca do Reino de Deus, Jesus anuncia que com Ele esse reino está próximo (Mc 1, 15) e que é necessário exigência e renovação na conduta pessoal (Mc 7, 15)¹¹⁰.

No quarto Evangelho, o uso do verbo “ensinar” sugere a presença da inspiração ou revelação divina, pelo que, o que Jesus diz e faz é de acordo com o Pai (Jo 8, 28), mostrando uma fidelidade plena e uma obediência total a Deus¹¹¹.

O vocábulo *didaskalos* é usado frequentemente nos Evangelhos como um apelativo dado a Jesus, mas igualmente como uma forma respeitosa de tratamento de outras personagens

¹⁰⁷ Cf. K. H. RENGSTORF, “*διδάσκω*”, in G. KITTEL, *GLNT*, Vol. II, Paideia, Brescia, 1966, 1110.

¹⁰⁸ *Ibidem*, 1104.

¹⁰⁹ *Ibidem*, 1105.

¹¹⁰ Cf. L. COENEN, “Enseñanza” in L. COENEN - E. BEYREUTHER, - H. BIETENHARD, *DTNT*, Vol. II, Ediciones Sígueme, Salamanca, 1990, 80.

¹¹¹ Cf. A. SACCHI, “Enseñanza”, in A. GIRLANDA, G. RAVASI, P. ROSSANO, *NDTB*, Ediciones Paulinas, Madrid, 1990, 511.

consideradas importantes, pela posição social e/ ou na acção que desenvolviam na sociedade da época, como são exemplo João Baptista (Lc 3, 12) ou Nicodemos (Jo 3, 10), mas também os escribas (Mt 9, 11; 17, 24), fariseus e outras pessoas que se encontravam com Ele ou O enfrentavam (Jo 3, 2; Mc 9, 17)¹¹².

O facto de Jesus ser tratado como *διδάσκαλος* mostra que externamente Ele se enquadrava na imagem do mestre judaico, tal como se depreende de algumas das suas acções como o ensino na sinagoga (Mc 1, 21; Mt 4, 23) ou no templo (Lc 19, 47), tendo à sua volta um grupo de discípulos, que o acompanhavam e serviam, como barqueiros (Mc 4, 35), na entrega de alimentos (Mt 5, 37), na preparação da Páscoa (Mt 26, 17ss), bem como outras pessoas que querendo honrá-Lo ofereciam os seus serviços, como por exemplo a sogra de Pedro (Mt 8, 15), Marta (Lc 10, 40), ou as mulheres que O seguiam (Lc 8, 3; Mt 27, 55)¹¹³.

De acordo com o que é evidenciado pelos Evangelhos, Jesus não recebeu qualquer formação como escriba (Mt 7, 29; Mc 1, 22). Este facto levava a que não fosse reconhecido como mestre (Mc 11, 27-28) e consequentemente os seus ensinamentos considerados como falta de instrução formal (Jo 7, 15). Mas Jesus, que não era um mestre qualquer, mostrava, perante a sociedade intelectual, culta, política e religiosa, tal como às multidões que o procuravam, que o seu saber, a sua doutrina e modo de proceder se distinguiam dos restantes.

Jesus, ao contrário dos outros rabinos que ensinavam sempre na sua escola, foi um mestre itinerante. Percorreu vilas e aldeias da Palestina, falando nas praças, em casas, nas barcas, na montanha, na sinagoga ou no templo, comunicando e ensinando onde as pessoas se encontravam. Foi um mestre para todos, não escolhendo o público-alvo. Dirigia-se não só para os iniciados, para os discípulos, mas também para todos os que queriam ouvi-lo, escutá-lo, desde crianças, mulheres, chefes religiosos, etc.

O seu ensinamento era transcendente, mostrava o Mistério do Pai (Mt 11, 27; Jo 8, 28). Fazia-o com uma autoridade singular «ouviste o que foi dito aos antigos: eu porém digo-

¹¹² Cf. H.- F. WEIB, “διδάσκαλος”, 960.

¹¹³ Cf. K. H. RENGSTORF, “διδάσκω”, 1142.

vos»¹¹⁴, que lhe era dada pelo Pai (Mt 11, 27), e não como os “letrados” (Mc 1, 22; 12, 44), que por sua vez se tentavam ocultar justificados pela tradição (Mt 7, 29)¹¹⁵.

A sua doutrina era singular, oferecia um carácter de novidade que surpreendia os ouvintes (Mc 1, 27; 11, 18)¹¹⁶. Falava do anúncio da chegada do Reino de Deus (Mt 4, 17), do ensino sobre o amor aos inimigos (Mt 5, 38-47). Tem preocupação na preparação e ensino dos seus discípulos, muitas vezes de modo particular, fazendo-os participar na sua actividade preparando-os progressivamente para o seu futuro ministério¹¹⁷, dando-lhes instruções precisas (Mt 10, 5-16).

Fundamenta o seu ensinamento, baseando-se na vida corrente dos seus auditores, falando sobretudo através de parábolas (Mc 4, 1; Mt 13, 3.10), que era igualmente um método homilético usado entre os pregadores rabínicos¹¹⁸. Partindo da história concreta da pessoa e do seu quotidiano, dirigia-se a todos e a cada um, para fazer passar totalmente a sua mensagem.

Jesus identifica-se também como *didaskálos* na linha dos profetas bíblicos do AT¹¹⁹, ao interpretar os sinais dos tempos, como homem do presente, actualizando a Palavra, comentando e encarnando-a num acontecimento (Lc 4, 16ss; 24, 19), mas igualmente colocando ênfase nos ensinamentos a favor da justiça, dos oprimidos, dos mais fracos, das mulheres, etc.

No quarto Evangelho, Jesus é considerado como Mestre pelos seus discípulos¹²⁰, pelo judeu Nicodemos (Jo 3, 2), pelo povo (Jo 6, 25), bem como pelos discípulos de João Baptista, quer em referência ao seu líder quer a Jesus (Jo 3, 26) a quem querem seguir, mostrando disposição de mudar de vida e aprender com Ele¹²¹.

¹¹⁴ Cf. Mt 5, 21.22; 27, 28; 33.34; 38.39; 43.44.

¹¹⁵ Cf. X. LÉON-DUFOUR, *VTB*, Editorial Herder, Barcelona, 1965, 242.

¹¹⁶ *Ibidem*, 243.

¹¹⁷ Cf. Vários, *Para ler o Evangelho segundo S. Mateus*, Cadernos Bíblicos 2, Difusora Bíblica, Fátima, 21.

¹¹⁸ Cf. G. VERMES, *Jesus el Judío*, Muchnik Editores S.A., Barcelona, 1979, 31.

¹¹⁹ Cf. K. H. RENGSTORF, “*διδάσκω*”, 1147.

¹²⁰ Cf. Jo 1, 38.49; 4, 31; 9, 2; 11, 8.

¹²¹ Cf. J. MATEOS - J. BARRETO, *El Evangelio de Juan*, Ediciones Cristiandad, Madrid, 1979, 1026.

Jesus é apresentado a exercer a função de mestre em Cafarnaum (Jo 6, 59) onde explica o sinal dos pães como mandamento do amor (Jo 13, 34), e no centro oficial do ensino da Lei, o templo (Jo 7, 14.28; 8, 20), não do mesmo modo que nos Sinópticos, por parábolas anunciando o Reino de Deus, mas principalmente através de sinais.

A novidade da doutrina de Jesus é que Ele não fala em nome próprio mas sim pelo Pai que O enviou (Jo 7, 16.17; 18, 19). As palavras que como mestre dirige às multidões, são antes de mais um sinal de auto-revelação, é Ele próprio que paulatinamente se vai desvelando ante os seus amigos e os restantes homens e mulheres com quem se cruza na vida¹²².

Como *didaskálos*, Jesus, contrariamente aos seus contemporâneos, trata os discípulos como amigos (Jo 13, 16; 15, 15), e diz que o Seu ensino é dar cumprimento ao mandato do Pai (Jo 12, 49)¹²³.

Mais que palavras, Jesus torna-se mestre pelo exemplo (Jo 13, 14), pelo estilo de vida, não ensina uma moral ou um credo, não propõe uma doutrina para ser praticada, mas um caminho, uma vida diferente que implica transformação, que levará até Ele «Eu sou o caminho, a verdade e a Vida» (Jo 14, 6), Ele coloca-se à frente dando-se a si mesmo até à morte, mostrando o itinerário que os seus devem tomar¹²⁴.

1.2. Jesus *Rabbi*

O termo *ῥαββί*, da raiz hebraica רב “grande”¹²⁵, aquele que ocupa uma posição elevada e estimada, traduz-se por “meu grande”, “meu maior”, ou “meu senhor”, era uma forma de tratamento com que o inferior tratava respeitosamente o seu superior hierárquico. No judaísmo era a forma habitual com que os discípulos, os estudantes, se dirigiam aos seus

¹²² Cf. J. PIKAZA – F. DE LA CALLE, *Teología de los evangelios de Jesús*, Ed Sígueme, Salamanca, 1980, 418.

¹²³ Cf. J. MATEOS - J. BARRETO, *El Evangelio de Juan*, 1027.

¹²⁴ *Idem*.

¹²⁵ Cf. TH. HARTMANN, “רב”, in E. JENNI – C. WESTERMANN, *DTMAT, II*, Madrid 1979, Ediciones Cristianidad, 1985, 901.

mestres ou aos doutores da lei, tal como igualmente eram tratadas outras personalidades, que pela sua posição social eram reconhecidas por “superiores”, como por exemplo, um príncipe pelo povo, o patrão pelo amo ou o mestre artesão pelo seu aprendiz¹²⁶.

No ensino rabínico o discípulo, também chamado *talmid*¹²⁷, acompanhava em espírito de obediência e respeito o seu mestre, tratando-o por *rabbi*¹²⁸.

No NT aparece somente nos Evangelhos excepto no terceiro. Mateus utiliza o vocábulo *rabbi* referido aos doutores da Lei (Mt 23, 7), e para indicar aos discípulos que não deverão fazer uso deste título porque o único *didaskalos* que têm é Jesus (Mt 23, 8)¹²⁹. Quando usado dirigido a Jesus é feito somente por Judas, o traidor (Mt 26, 25.49).

No Evangelho de Marcos, *rabbi* é a forma como Jesus é interpelado por Pedro (Mc 9, 5; 11, 21) e Judas (Mc 14, 45), e por *rabbouni*, “senhor meu”, “meu dono”, pela boca do cego (Mc 10, 51)¹³⁰, fazendo entender a existência dum certo distanciamento em relação à pessoa de Jesus por parte daqueles que não pertencem ao grupo dos doze¹³¹.

No quarto Evangelho, o termo *rabbi* é usado com mais frequência fazendo denotar a diferença entre Jesus e os que lhe dirigiam a palavra.

É utilizado pelos antigos discípulos de João Baptista (Jo 1, 38) para se dirigirem a Jesus mostrando-lhe reconhecimento em relação ao seu anterior mestre (Jo 3, 26), a quem tratam do mesmo modo, pelo povo que O quer conhecer e aprender com Ele (Jo 6, 25). Também os discípulos de Jesus para se dirigirem a Ele, no trato corrente como seu mestre, O tratam por *Rabbi* (Jo 4, 31; 9, 2; 11, 8), tal como outras figuras como Natanael, que se fizera seu discípulo e que O considera Filho de Deus (Jo 1, 49), ou Nicodemos (Jo 3, 2) que, embora fariseu e homem da Lei, mostra reconhecimento e respeito por Jesus, tratando-O por

¹²⁶ Cf. E. LOHOSE, “ῥαββί”, in G. KITTEL, *GLNT*, Vol. XI, Paideia, Brescia, 1966, 911.

¹²⁷ Cf. G. LEONARDI, “Apóstol/Discípulo”, in A. GIRLANDA, G. RAVASI, P. ROSSANO, *NDTB*, Ediciones Paulinas, Madrid, 1990, 154.

¹²⁸ Cf. E. LOHOSE, “ῥαββί”, 913.

¹²⁹ Cf. G. SCHNEIDER, “ῥαββί” in G. SCHNEIDER, H. BALZ, *DENT*, Vol. II, Ediciones Sígueme, Salamanca, 2012, 1294.

¹³⁰ *Ibidem*, 1292.

¹³¹ *Ibidem*, 1293.

“excelência”, vendo nele não um simples colega, mas um mestre iluminado por Deus¹³², alguém superior, com uma missão divina a cumprir apoiada e acompanhada pelo próprio Deus¹³³

Mesmo pelos indícios existentes da não frequência de Jesus em qualquer escola rabínica (Jo 7, 15), que O levavam a ser criticado pelo poder religioso, Ele era reconhecido como verdadeiro mestre e daí ser tratado por *Rabbi*, tal como qualquer outro mestre da Lei.

Uma das particularidades deste IV Evangelho, no que concerne ao tratamento de Jesus, é a alteração verificada por quem no início, antes de conhecer Jesus, o apelida de *Rabbi* (Jo 1, 38), em relação aos acontecimentos do final do Evangelho, quando O ressuscitado aparece a Maria Madalena, e esta o trata por *ραββονί*; “senhor meu” (Jo 20, 16), parecendo querer indicar que *Rabbi* é o ponto de partida e *Rabbouni* o de chegada¹³⁴.

Embora no terceiro Evangelho não seja utilizado o termo *Rabbi*, para designar a forma de cumprimento e reconhecimento da pessoa de Jesus como mestre, Lucas emprega um outro vocábulo para designar a autoridade de Jesus. Referimo-nos a *ἐπιστάτης* que significa igualmente mestre, no sentido de “chefe”. Está presente sobretudo nos relatos dos milagres, pela boca dos discípulos quando se dirigem a Jesus (Lc 5, 5; 8, 24; 9, 49)¹³⁵.

Neste Evangelho, o autor para caracterizar a autoridade de Jesus para ensinar, utiliza o termo *didáskalos*, enquanto para dar ênfase à posição de autoridade de Jesus no seio do grupo dos discípulos, utiliza o termo *epistátēs*, que é a forma pela qual eles o tratam, parecendo querer indicar que este vocábulo designa a autoridade de Jesus instruir e a Sua responsabilidade em relação àquele grupo de homens por Ele escolhido¹³⁶.

¹³² Cf. R. SCHNACKENBURG, *El Evangelio según San Juan*, Tomo I, Editorial Herder, Barcelona, 1980, 418.

¹³³ Cf. J. MATEOS - J. BARRETO, *El Evangelio de Juan*, 185.

¹³⁴ *Ibidem*, 1027.

¹³⁵ Cf. W. GRIMM, “ἐπιστάτης” in G. SCHNEIDER, H. BALZ, *DENT*, Vol. I, Ediciones Sígueme, Salamanca, 2012, 1532.

¹³⁶ *Ibidem*, 1533.

1.3. Jesus Senhor (*Kýrios*)

Etimologicamente, a raiz da palavra *κύριος* significa “ser forte”, “ter poder”, combinando assim elementos de poder e autoridade¹³⁷.

Senhor ou *kýrios* era o título dado, na época da redacção do texto, aos imperadores. Posteriormente, na literatura bíblica, surge nos LXX, como tradução do nome próprio de Deus, YHWH, quando substituído por Adonai, mas indica igualmente “amo”, senhor ou soberano¹³⁸.

No judaísmo rabínico, o nome YHWH não era pronunciado e Adonai pouco falado, então este termo *kýrios* podia ser usado referido a Deus, que tanto era Senhor e governante do mundo como Senhor e juiz dos homens, no trato cortês de um mestre, ou para indicar a relação com escravos, como dono de bens¹³⁹.

No NT é usado quer no sentido profano, em contraposição à figura do escravo (Mt 10, 24ss), para designar dono (Mt 15, 27; Mc 12, 9; Lc 19, 33), patrão (Lc 16, 3.5), quer como mera cortesia¹⁴⁰, ou para realçar a autoridade de alguém.

No NT Jesus é tratado por *Kýrios* não só por deferência mas também pelo reconhecimento da Sua transcendência, do Seu Senhorio (Act 2, 36). No entanto iremos somente dedicar alguma atenção ao uso deste termo no contexto do Jesus histórico.

Assim, constatamos que, tal como as pessoas se dirigiam a Jesus tratando-O por *didáskalos*, *rabbi*, *epistátēs*, ou outro, também o faziam cordialmente tratando-O por *kýrios*, quer por respeito (Mc 7, 28), quer por sentido de obediência (Mt 7, 21; 21, 29ss; Lc 6, 46)¹⁴¹.

Mas para além do trato social, o termo *Kýrios* também está referido a Jesus considerando que, enquanto Filho do Homem, Ele é ao mesmo tempo divino, porque “Senhor do sábado”,

¹³⁷ Cf. G. KITTEL, - G. FRIEDRICH, *CDTNT*, Libros Desafio, 2003, 377.

¹³⁸ Cf. H. BIETENNHARD, “Señor” in L., COENEN, - E., BEYREUTHER, - H., BIETENNHARD, *DTNT*, Vol. IV, Ediciones Sígueme, Salamanca, 1990, 202.

¹³⁹ Cf. G. KITTEL, - G. FRIEDRICH, *CDTNT*, 381.

¹⁴⁰ Cf. Mt 18, 21ss; 25, 20ss; Lc 13, 8; Jo 12, 21.

¹⁴¹ Cf. H. BIETENNHARD, “Señor”, 206.

isto é, está acima da Lei, podendo dispor do dia de descanso do povo de Deus (Mc 2, 28ss)¹⁴², tal como é reconhecido por Tomé após a ressurreição «meu Senhor e meu Deus» (Jo 20, 21), revelando o senhorio pleno de Jesus.

2. Os discípulos

2.1. Etimologia

O termo discípulo *mathētēs* é muito frequente no NT em particular nos Evangelhos e no Livro dos Actos dos Apóstolos. É uma palavra derivada do verbo grego *μαθητεύω*, cujo sentido ordinário é o de aprender¹⁴³, podendo indicar “ser discípulo” ou “fazer discípulos”¹⁴⁴.

Nas culturas grega e judaica, por *mathētēs* era designado o homem que se vinculava a um outro com a finalidade de adquirir os seus conhecimentos ou experiência, fosse no âmbito da vida corrente, para aprender um ofício (o aprendiz na oficina), ou no âmbito científico como era o estudante ou aluno de filosofia ou medicina¹⁴⁵. Quer no mundo judeu quer no grego, o *mathētēs* estava vinculado a um mestre *didáskalos*, ao qual pagava honorários¹⁴⁶.

Este termo “*mathētēs*” é muito pouco frequente nos LXX. É uma tradução da palavra hebraica *talmíd*, que significa “aluno”, pois nos escritos do AT, não existe um termo para designar aquele que aprende, na relação mestre-discípulo, devido à consciência de eleição que existia em Israel¹⁴⁷.

¹⁴² *Idem*.

¹⁴³ Cf. G. LEONARDI, “Apóstol/Discípulo”, 153.

¹⁴⁴ *Ibidem*, 155.

¹⁴⁵ Cf. H. - CHR. HANH, “Seguimiento” in L. COENEN, - E. BEYREUTHER, - H. BIETENHARD, *DTNT*, Vol. IV, Ediciones Sígueme, Salamanca, 1990, 175.

¹⁴⁶ Cf. G. LEONARDI, “Apóstol/Discípulo”, 153.

¹⁴⁷ Cf. H. - CHR. HANH, “Seguimiento”, 176.

2.2. No judaísmo

No judaísmo rabínico, como no tempo de Jesus, o discípulo era aquele que, numa determinada escola, por ele escolhida, aprendia escutando e vivenciando o seu mestre. A aprendizagem não era meramente escolar ou intelectual. O discípulo tentava assimilar-se ao estilo de vida do seu mestre, seguindo o seu exemplo e ensinamentos¹⁴⁸, fazendo-lhe perguntas, registrando as suas palavras bem como a de outros alunos mais influentes¹⁴⁹, estando subordinado àquele a quem pagava, para lhe ensinar sobretudo a Torah, a Lei oral ou as tradições dos anciãos, quase como um escravo¹⁵⁰.

2.3. Nos Evangelhos

O termo *mathētēs* é apresentado segundo um conceito dinâmico, expressando uma relação pessoal, sendo referido geralmente aos discípulos de Jesus, àqueles que se reuniram à Sua volta como colaboradores na missão de anunciar o Reino de Deus, bem como para indicar os discípulos de João Baptista¹⁵¹.

Os discípulos de Jesus não se enquadravam nos modelos vigentes da época. Ao contrário dos discípulos dos rabinos ou dos filósofos, que depois de serem instruídos abandonavam os mestres¹⁵², os discípulos de Jesus eram homens, chamados, escolhidos por Ele próprio, do mesmo modo que Deus chamava os profetas do AT, fixando-lhes condições (Mc 1,17 par; Lc 9, 57-62)¹⁵³, que perante o desafio proposto deixavam tudo para seguir o mestre.

Passam assim a estar na dependência de Jesus, vivendo com Ele, ouvindo a sua doutrina, partilhando da sua pobreza, da vida itinerante e missão.

¹⁴⁸ Cf. J. MATEOS - J. BARRETO, *El Evangelio de Juan*, 975.

¹⁴⁹ Cf. G. LEONARDI, “Apóstol/Discípulo”, 154.

¹⁵⁰ Cf. H. - CHR. HANH, “Seguimiento”, 176.

¹⁵¹ Cf. G. LEONARDI “Apóstol/Discípulo”, 115.

¹⁵² Cf. J. C. NEVES, “Do Discipulado ao Sacerdócio. O Sacerdócio nos Evangelhos”, in *Biblica*, Série Científica, Difusora Bíblica, Ano X, Novembro 2001, 60.

¹⁵³ Cf. G. LEONARDI, “Apóstol/Discípulo”, 155.

Os relatos evangélicos referem-nos que era relativamente fácil qualquer um aproximar-se de Jesus. De várias proveniências e classes sociais, muitos foram aqueles que, vindo à procura do Messias das antigas promessas, se propuseram acompanhá-lo, mas ao encontrar alguém que propõe novos desafios, alguns acabam por ceder ao sentirem que não conseguem atingir a meta proposta devido ao caminho íngreme a seguir¹⁵⁴.

As pessoas que seguiam Jesus podem ser enquadradas, de um modo geral, em dois grupos principais: as multidões e os mais próximos, designados como discípulos, apóstolos ou também “os doze”.

2.3.1. Sinópticos

O termo discípulo é aplicado muito poucas vezes ao grupo mais amplo de adeptos e ouvintes¹⁵⁵.

A relação especial que existia entre Jesus e os seus discípulos, em contraste com as multidões, é testemunhado, entre outros, pelo facto de que aos discípulos Jesus explicava os seus ensinamentos, as parábolas (Mc 4, 11.33), ensinava a rezar (Mt 6, 9; Lc 11, 2), revelava os mistérios do Reino¹⁵⁶.

No primeiro Evangelho os discípulos constituem a verdadeira família de Jesus, onde, guiados por Ele, se comprometem a cumprir a vontade do Pai (Mt 12, 49-50). São as pessoas que se vincularam de modo especial com o Jesus terreno, que compreenderam os seus ensinamentos, que adquiriram fé e por isso se tornaram na imagem dos futuros cristãos¹⁵⁷.

No Evangelho de Marcos, *μαθητής* são os seguidores normais de Jesus, o grupo amplo que o acompanhava e a quem Jesus interroga e dirige a palavra (Mc 8, 27) e donde foram escolhidos “os doze”.

¹⁵⁴ Cf. J. PIKAZA – F. DE LA CALLE, *Teología de los evangelios de Jesús*, 396.

¹⁵⁵ Cf. P. NEPPER-CHRISTENSEN, “μαθητής” in G. SCHNEIDER, H. BALZ, *DENT*, Vol. II, Ediciones Sígueme, Salamanca, 2012, 116.

¹⁵⁶ *Ibidem*, 118.

¹⁵⁷ Cf. A. SACCHI, “Enseñanza”, 509.

Para Lucas os discípulos são os destinatários do sermão da planície (Lc 6, 17-20), os que acompanhavam e ouviam a mensagem de Jesus (Lc 12, 1.22; 16, 1; 17, 1.22), não considerando por isso, que aqueles “72” que Jesus envia à sua frente para anunciar a sua chegada (Lc 10, 1ss), sejam chamados *mathētēs*¹⁵⁸.

2.3.2. IV Evangelho

Jesus é o discípulo do Pai e os seus discípulos ou seguidores são os seus continuadores¹⁵⁹.

Jesus aparece muitas vezes rodeado e em diálogo com um grupo de discípulos, que o tratam por *Rabbi* (Jo 1, 38.49; 11, 8)¹⁶⁰.

Neste Evangelho, o termo *mathētēs* é reservado para o grupo íntimo em torno de Jesus, indicando praticamente o grupo ou a comunidade de Jesus, que na terminologia joanina quer mostrar aqueles que crendo em Jesus passaram das trevas à luz (Jo 3, 21)¹⁶¹, e que são diferentes dos discípulos de João Baptista porque se identificam com as palavras e sinais milagrosos de Jesus e acreditam na Sua palavra¹⁶².

Os discípulos são distintos do resto das pessoas (Jo 6,2), mas também dos “doze”, são sobretudo os companheiros mais chegados e depois os seus seguidores mais leais¹⁶³, os que se identificam com as palavras e sinais milagrosos de Jesus (Jo 1, 35-2, 22) e acreditam na Sua palavra.

Neste Evangelho os discípulos são considerados “amigos” de Jesus a quem Ele revela e torna participantes dos segredos do Pai (Jo 15, 15-17). Este título “amigos” deve ser para eles, incentivo ao cumprimento do mandamento do amor.

¹⁵⁸ Cf. P. NEPPER-CHRISTENSEN, “μαθητής”, 119.

¹⁵⁹ *Ibidem*, 117.

¹⁶⁰ Cf. G. LEONARDI, “Apóstol/Discípulo”, 157.

¹⁶¹ Cf. H.- CHR. HANH, “Seguimiento”, 180.

¹⁶² Cf. G. LEONARDI, “Apóstol/Discípulo”, 157.

¹⁶³ *Ibidem*, 160.

O envio de Jesus ao mundo por parte de Deus é continuado no mandato que Ele dá aos Seus discípulos (Jo 17, 18)¹⁶⁴. Para que se desse cumprimento à vontade do Pai, Jesus convida a imitar a Sua acção (Jo 13, 13-14). O amor fraterno deve ser característica e um distintivo dos discípulos (Jo 13, 35), já que os levará a participar no próprio Ministério de Jesus.

2.4. O Apóstolo

O termo apóstolo é igualmente usado nos Evangelhos como referência aos seguidores de Jesus, onde estão incluídos os discípulos ou o grupo “dos doze”. É um vocábulo derivado do verbo *ἀποστέλλω*, que significa enviar, mandar, no sentido de indicar uma missão como tal e na execução da mesma¹⁶⁵.

No judaísmo, aparece em textos de Flávio Josefo para indicar o grupo ou delegação de judeus enviados por Jerusalém a Roma quando Herodes morreu, para defender a liberdade de viver segundo as suas leis¹⁶⁶. Está relacionado com o verbo hebraico “*שָׁלַח*”, *shâlach*, traduzido nos LXX, querendo indicar que “enviar” significa também “fazer-se representar”¹⁶⁷.

Nos Evangelhos este verbo surge com o mesmo significado primitivo, o do envio, surgindo maioritariamente em Lucas e muito raramente nos restantes¹⁶⁸. Nos Sinópticos refere que Jesus escolheu os discípulos, ou os “doze”, para os enviar (Mc 3, 14; Lc 6, 13; Mt 10, 2) em missão representando o seu mestre, como anunciadores do Reino de Deus¹⁶⁹. No quarto Evangelho, João usa este mesmo verbo para indicar o mandato de Jesus frente aos judeus (Jo 5, 36.38) e aos discípulos (Jo 3, 17; 20, 21) e que Ele também os envia do mesmo modo que recebeu do Pai (Jo 20, 21 Cf. 4, 38).

¹⁶⁴ Cf. J. GNILKA, *Teología Del Nuevo Testamento*, Editorial Trotta S.A., 1998, 270.

¹⁶⁵ Cf. J.- A. BÜHNER, “*ἀποστέλλω*” in G. SCHNEIDER, H. BALZ, *DENT*, Vol. I, Ediciones Sígueme, Salamanca, 2012, 425.

¹⁶⁶ Cf. G. LEONARDI, “Apóstol/Discípulo”, 144.

¹⁶⁷ Cf. J.- A. BÜHNER, “*ἀποστέλλω*”, 426.

¹⁶⁸ Cf. J.- A. BÜHNER, “*ἀπόστολος*” in G. SCHNEIDER, H. BALZ, *DENT*, Vol. I, Ediciones Sígueme, Salamanca, 2012, 429.

¹⁶⁹ Cf. G. LEONARDI, “Apóstol/Discípulo”, 151.

A palavra “apóstolo” tem implícito nos Evangelhos, dois aspectos: o de ser enviado por Cristo a espalhar a fé, e o de ser representante do mesmo Jesus «Quem vos recebe, a mim recebe» (Mt 10, 40)¹⁷⁰.

O termo surge nos Sinópticos indicando em Mateus, os doze discípulos escolhidos por Jesus (Mt 10, 2), e em Marcos os “doze” que Jesus igualmente escolhe para que anunciem o Evangelho, expulsem demónios (Mc 3, 14) e falem em Seu nome (Mc 6, 6-13) com a autoridade com que foram revestidos¹⁷¹.

O terceiro Evangelho é o que distingue com clareza os vocábulo discípulo e apóstolo. Os apóstolos são os doze eleitos de Jesus de entre os discípulos que O seguiam (Lc 6, 13) e aos quais enviou (Lc 9, 1-2) a prosseguir a Sua própria missão na Judeia (Lc 4, 44)¹⁷².

Este título de “apóstolo” que Lucas utiliza recorrendo às expressões “os doze apóstolos”, “os doze” ou só “os apóstolos” sem mencionar qualquer diferença, é referido, quer no Evangelho¹⁷³, quer nos Livro dos Actos dos Apóstolos¹⁷⁴ indicando-os como dirigentes da comunidade de Jerusalém, tendo especial dever de serem testemunhas do Cristo ressuscitado, esse mesmo Cristo com quem viveram, em todos os lugares (Act 1, 8.21)¹⁷⁵.

No quarto Evangelho, este termo surge unicamente na perícopé do lava-pés, indicando a necessidade do enviado (apóstolo) ser humilde na sua missão (Jo 13, 16).

2.5. “Os doze”

Geralmente, em todos os Evangelhos, o chamado grupo “dos doze”, confunde-se com os discípulos tendo, no entanto, um significado próprio. Eles simbolizam no pensamento de

¹⁷⁰ Cf. C. TASSIN, *Evangelho de Jesus Cristo segundo S. Mateus*, Cadernos Bíblicos 106, Difusora Bíblica, Fátima, 46.

¹⁷¹ Cf. X. LÉON-DUFOUR, *VTB*, 83.

¹⁷² Cf. G. LEONARDI, “Apóstol/Discípulo”, 148.

¹⁷³ Cf. Lc 9, 10; 17, 5; 22, 14; 24, 10.

¹⁷⁴ Cf. Act 1, 2.26; 2, 37.42.43; 4, 33.35.

¹⁷⁵ *Idem*.

Jesus, a visibilidade do novo Israel com as suas doze tribos e, talvez por isso, após a morte de Jesus, Judas foi substituído por Matias (Act 1, 21-22)¹⁷⁶.

Em Marcos este é o grupo restrito, incluído no outro de todos os discípulos, denominado apenas por “os doze” (Mc 3, 14; 6, 7; 9, 35)¹⁷⁷, embora tenha pontos de contacto com os restantes (Mc 4, 10.34; 11, 11.14)¹⁷⁸, tem características próprias, pela distinção que faz no modo especial como foram chamados e constituídos como grupo, para de forma livre estarem com Jesus (Mc 3, 13-14), o acompanharem, e *a posteriori* serem suas testemunhas especiais quando enviados em missão (Mc 6, 7-13)¹⁷⁹.

Em Mateus não é dado grande relevo à identidade própria deste grupo, sendo normalmente identificado como o dos discípulos. No entanto faz uso deste termo referindo-se aos “doze discípulos” (Mt 10, 1) como sendo os “doze apóstolos” (Mt 10, 2) e simplesmente aos “doze” (Mt 26, 20).

Para Lucas, os “doze” foi o grupo escolhido dentro do grupo dos *mathētēs*¹⁸⁰. Eles incluem os discípulos (seguidores procedentes do judaísmo) chamados até ao momento. Não incluem todos os seguidores de Jesus mas somente aqueles que vêm do âmbito da antiga aliança¹⁸¹.

João dá pouco valor ao grupo dos “doze”, referindo-o unicamente três vezes no mesmo discurso do “pão da vida” (Jo 6, 6-7.71). Não fala da sua eleição, nem da lista de quem compõe esse grupo, referindo unicamente que os elegeu (Jo 6, 70), tal como aos restantes discípulos¹⁸².

¹⁷⁶ Cf. J. C. NEVES, “Do Discipulado ao Sacerdócio. O Sacerdócio nos Evangelhos”, 62.

¹⁷⁷ *Idem.*

¹⁷⁸ Cf. G. LEONARDI, “Apóstol/Discípulo”, 158.

¹⁷⁹ Cf. P. NEPPER-CHRISTENSEN, “μαθητής”, 119.

¹⁸⁰ *Ibidem*, 116.

¹⁸¹ Cf. J. MATEO – F. CAMACHO, *El Evangelio de Marcos*, Vol. I, Ediciones El Almendro, Madrid, 1993, 317.

¹⁸² Cf. J. MATEOS - J. BARRETO, *El Evangelio de Juan*, 979.

2.6. Os outros discípulos

De entre o grupo dos principais seguidores de Jesus, seja ele chamado simplesmente de discípulos, apóstolos ou os doze, os Evangelhos Sinópticos fazem referência a um grupo mais restrito, indicando-os como os primeiros a serem chamados (Mt 4, 18-22; Mc 1, 16-20; Lc 5, 10) e aqueles que em momentos marcantes da vida do seu mestre estavam junto dele¹⁸³.

Também o quarto Evangelho refere a chamada dos primeiros discípulos, dando relevo que estes, querendo romper com o passado, deixaram João Baptista, para seguir Jesus (Jo 1, 35-40).

Falamos sobretudo de Simão Pedro, Tiago e João, que Marcos considera ser o protótipo dos “doze” pela proximidade e experiência vividas com Jesus (Mc 5, 7; 9, 2.7), não devendo talvez ser excluída a possibilidade de antes de existir o grupo dos “doze”, possa ter existido um grupo mais pequeno¹⁸⁴.

Do grupo central dos discípulos é feito especial destaque a Simão Pedro, o primeiro a ser chamado (Mt 4, 18-19; Mc 1, 16; Lc 5, 10) e a quem Jesus mudou o nome, intitulando-o de Cefas, “pedra” (Jo 1, 42). Surge com frequência como porta-voz e representante do grupo (Mc 8, 29), dando voz ao pensamento dos restantes discípulos. Assume-se como principal defensor de Jesus (Jo 13, 37), mas mostra igualmente as debilidades próprias de um homem pela pouca fê (Mt 14, 31) no entendimento do caminho da cruz (Mt 16, 22-23), a rejeição de ser lavado, purificado, por Jesus (Jo 13, 8) e sobretudo a negação do próprio Mestre (Mt 26, 69-74; Jo 18, 17.25.26).

¹⁸³ Cf. Mt 17, 1-9; Mc 5, 37; 9, 2-10; Lc 9, 28-36.

¹⁸⁴ Cf. P. NEPPER-CHRISTENSEN, “μαθητής”, 117.

2.7. O que faz o discípulo

Tal como já referido anteriormente em 2.3., ser discípulo de Jesus, contrariamente às normas vigentes da sociedade da época, era marcado pelo convite pessoal do próprio Mestre para que O seguissem. Jesus chama os seus discípulos de acordo com a Sua mensagem, a revelação de Deus, o anúncio do Seu Reino, que é para todos. Por isso, não restringe a chamada aos ritualmente puros e aos obedientes da Lei, mas aos mais simples, homens de qualquer condição, pescadores, publicanos (Mc 2, 14), pecadores, zelotes (Lc 6, 15)¹⁸⁵, até mesmo com família, querendo fazer deles «pescadores de homens» (Mc 1, 17).

Jesus dirige um chamamento que exige uma conversão radical e religiosa. Para aqueles que O quiserem seguir, terão de deixar tudo, profissão, pais, família (Lc 5, 11; Mc 10, 21), desprendendo-se de tudo o que até aí consideravam importante (Lc 9, 57-62).

Quem quiser então ser discípulo de Jesus tem de O seguir. “Seguir” é a tradução do verbo grego *ακολουθέω*, que em sentido próprio significa ir atrás de alguém e em sentido figurado indica ser discípulo, ir seguindo alguém¹⁸⁶.

Nos Evangelhos Sinópticos ambos os significados são aplicados a Jesus quando referido às multidões que O acompanhavam e aos discípulos que O iam seguindo. De todos os que seguiam Jesus podemos identificar dois grupos: o dos discípulos que andavam sempre com Ele e estes sim “iam atrás” convictamente; e as multidões que O acompanhavam por períodos curtos ao longo das Suas jornadas¹⁸⁷, fazendo-o por simpatia, onde podemos incluir as mulheres que O seguiam para o servir (Lc 8, 2-3; 23, 49; Mc 15, 11)¹⁸⁸.

¹⁸⁵ Cf. G. LEONARDI, “Apóstol/Discípulo”, 156.

¹⁸⁶ Cf. G. SCHNEIDER, “ακολουθέω” in G. SCHNEIDER, H. BALZ, *DENT*, Vol. I, Ediciones Sígueme, Salamanca, 2012, 146.

¹⁸⁷ Cf. Mc 2, 15; 3, 7 par; Mt 5, 24; 11, 9; Lc 12, 15; Jo 6, 2.

¹⁸⁸ *Ibidem*, 147.

O seguimento como condição de se tornar discípulo de Jesus era completamente diferente da dos rabinos. Ao chamamento, de forma imperativa (Mt 9, 9 par), com autoridade divina, correspondia igualmente uma resposta de adesão livre daquele que era chamado (Lc 5, 11)¹⁸⁹.

Para seguir Jesus são exigidas condições (Mt 8, 19.22; Lc 9, 57.59.61), como romper laços familiares, costumes ou mesmo a Lei¹⁹⁰, supondo uma entrega sem reservas de toda a existência (Mt 10, 37) para toda a vida (Jo 11, 16).

No Evangelho de S. João, o verbo seguir, *akolouthéo*, está relacionado com a fé, designa “crer”, aceitar Jesus como O revelador do Pai¹⁹¹, pelo que a chamada ao seguimento de Jesus, adquire ao mesmo tempo o carácter de um convite (Jo 8, 12) ou de uma promessa (Jo 13, 36)¹⁹². Então, os discípulos são aqueles que passam das trevas à luz (Jo 3, 21), os que se encontram ligados a Jesus pela Palavra (Jo 8, 31) e no Espírito (Jo 14, 15-17) e que estão assim em perfeita comunhão com Ele. Uma comunhão que se expressa visivelmente pelo serviço na prática do amor, com que devem ser reconhecidos como discípulos de Jesus (Jo 13, 34) segundo o exemplo que O próprio Mestre lhes deu¹⁹³.

“Seguir Jesus” indica adesão permanente à Sua pessoa¹⁹⁴, o desejo de viver com Ele e como Ele, aceitar os mesmos objectivos e colaborar na Sua missão (Jo 17, 17). Significa “caminhar junto” com Aquele que indica o caminho (Jo 12, 26)¹⁹⁵.

Ir atrás de Jesus implica uma vontade que normalmente é precedida de uma convocação ou de uma proposta. Alguns quiseram segui-Lo, mas perante as condições apresentadas (Mt 10, 21) desistiram. Outros perante a simples pergunta “que procurais?” (Jo 1, 38) revelam a vontade de caminhar com quem lhes possa mostrar um caminho diferente. Por isso, tratando-O com respeito, lhe perguntam «Rabbi, onde moras?» (Jo 1, 38b), indicando que reconhecem

¹⁸⁹ Cf. H.- CHR., HANH, “Seguimiento”, 173.

¹⁹⁰ Cf. G. SCHNEIDER, “ακολουθέω”, 148.

¹⁹¹ Cf. J. M. MARTIN - S.J. MORENO, *Personajes del Cuarto Evangelio*, Universidad Pontificia Comillas, Madrid, 2002, 63.

¹⁹² Cf. H.- CHR. HANH, “Seguimiento”, 174.

¹⁹³ Cf. H.- CHR. HANH, “Seguimiento”, 180.

¹⁹⁴ Cf. J. MATEOS - J. BARRETO, *El Evangelio de Juan*, 980.

¹⁹⁵ *Ibidem*, 117.

as Suas qualidades, que Ele tem algo que eles não conhecem e que querem aprender, que querem mudar de vida, trocando-O pelo seu anterior mestre¹⁹⁶.

Mais que propostas materiais, religiosas ou condições de ensino, Jesus desafia-os a ver e a viver as suas próprias experiências, a descobrir que Ele está na vida, do mesmo modo que Deus se fez presente no meio dos homens¹⁹⁷. Que este primeiro passo para a fé em Jesus, os levará a permanecer com Ele, não só naquele dia mas numa comunhão constante¹⁹⁸, como também seguindo Jesus que é “luz do mundo” os levará a deixar as trevas, alcançando a «luz da vida» (Jo 3, 13-17. 21).

Jesus ao longo da Sua vida foi dando algumas normas radicais sobre como exercer o verdadeiro discipulado. Os Sinópticos fazem referência em alguns textos à maneira como os discípulos seguiram a radicalidade do seu Mestre (Lc 9, 57-62; Mt 8, 19-22).

Jesus dedica o seu tempo a preparar e a ensinar os discípulos, fazendo-os participar da Sua actividade, preparando-os progressivamente para O seu próprio Ministério¹⁹⁹.

Jesus envia os discípulos a proclamar para que seja formado um novo povo de Deus, garantindo-lhes que para isso, se necessário, “estará com eles”, traduzindo assim a Sua proximidade e fidelidade de amor para com aqueles que escolhera (Mc 3, 14-15)²⁰⁰. Ser seguidor de Jesus, implica identificar-se com a Sua missão a serviço do Reino e estar unido não só a Jesus mas também entre eles.

O discípulo deve guardar o ensinamento feito por Jesus como norma obrigatória. “Guardar” não como acção de memória como se tratasse de transmitir a palavra de Jesus de geração em geração, mas antes, significa a obediência fiel, concreta e quotidiana à exigência divina. É um convite à fidelidade prática²⁰¹, a tornarem-se semelhantes ao seu Mestre, que por sua vez conduzirá à tarefa de fazer outros discípulos.

¹⁹⁶ *Idem.*

¹⁹⁷ *Ibidem*, 118.

¹⁹⁸ Cf. R. SCHNACKENBURG, *El Evangelio según San Juan*, 345.

¹⁹⁹ Cf. VÁRIOS, *Para ler o Evangelho segundo S. Mateus*, 21.

²⁰⁰ Cf. J. MATEO – F. CAMACHO, *El Evangelio de Marcos*, 314.

²⁰¹ Cf. J. ZUMSTEIN, *Mateus o teólogo*, Cadernos Bíblicos 29, Difusora Bíblica, Lisboa 1990, 30.

Os que são chamados a seguir Jesus têm parte no Seu poder. São enviados aos mesmos homens (Mt 15, 24) para difundir a mesma pregação (Mt 4, 17), estão chamados a fazer os mesmos milagres²⁰². Depois da morte e ressurreição de Jesus, os seus seguidores deviam converter em discípulos todas as pessoas, proclamando o Evangelho em toda a terra (Mt 28, 18-20). No seu ministério, os discípulos tornam-se representantes do seu Senhor podendo afirmar-se que quem recebe um *mathētēs* recebe o próprio Jesus (Mt 10, 40 par; Jo 13, 20)²⁰³.

Os discípulos ficam capacitados para o amor mas também obrigados a amar.

O verbo “amar”, *φιλέω*, está presente sobretudo nos Evangelhos de Mateus e João, surgindo muito esporadicamente nos restantes²⁰⁴. Deste verbo deriva a palavra *philos*, o que ama e que é amado, o amigo, aquele que participa nas alegrias mas também no destino do outro²⁰⁵. Por isso, os discípulos são considerados “amigos” de Jesus, já que pela sua vida, pela sua transformação, pelo seu amor e entrega, foram convertidos podendo passar a pertencer à Sua família²⁰⁶, estando igualmente aptos a partir e dar fruto, isto é, a gerar vida, a mostrar o amor de Deus entre os homens.

3. A exemplaridade de Jesus

A vida de Jesus desde o nascimento até à morte, é marcada por uma constante entrega ao Pai e aos homens, testemunhada no amor e de forma viva. Apresentando-se como Filho de Deus, mostra que a Sua missão neste mundo, como revelador do Pai e anunciador de um novo Reino, se faz pelo cumprimento da vontade de Deus «Eis que venho para fazer a tua vontade» (Hb 10, 9), num constante sentido de serviço até à entrega da própria vida como acto de maior expressão de amor.

²⁰² Cf. H.- CHR. HANH, “Seguimiento”, 179.

²⁰³ Cf. P. NEPPER-CHRISTENSEN, “μαθητής”, 120.

²⁰⁴ Cf. W. GÜNTHER, “Amor” in L., COENEN, - E., BEYREUTHER, - H., BIETENHARD, *DTNT*, Vol. IV, Ediciones Sígueme, Salamanca, 1990, 117.

²⁰⁵ Cf. W. FENEBERG, “φίλος” in G. SCHNEIDER, H. BALZ, *DENT*, Vol. II, Ediciones Sígueme, Salamanca, 2012, 1963.

²⁰⁶ Cf. W. GÜNTHER, “Amor”, 118.

Os Evangelhos apresentam-nos um Jesus, seguro e consciente da Sua missão, obediente, anunciador de uma Boa-Nova, que por vezes O fazia envolver em conflitos, sedutor de homens e mulheres, de todas as classes sociais, políticas e religiosas, que levava a dizer «nunca nenhum homem falou assim!» (Jo 7, 46). É também testemunhado por escritores extra-bíblicos da Sua época como por exemplo Flávio Josefo, que na sua obra *Antiguidades Judaicas*, afirma: «Neste tempo existiu um homem de nome Jesus. A sua conduta era boa e era considerado virtuoso. Muitos judeus (...) converteram-se em discípulos seus. Pilatos condenou-o (...) a morrer. Relataram que lhes apareceu três dias depois da sua crucificação e que estava vivo»²⁰⁷.

Um Reino que se deverá manter até ao fim dos tempos e que para isso deve ser continuado por todos aqueles que aceitam o desafio de seguir o Seu caminho. A esses, aos seus discípulos, Jesus explicita o sentido da Sua missão dizendo que, tal como Ele é diácono do Pai, também o é dos homens «estou no meio de vós como aquele que serve» (Lc 22, 27).

Afirma que a atitude de servir e de se deixar servir é condição especial para O seguir (Jo 13, 14-15), devendo eles igualmente pautar toda a sua conduta, o seu ministério, por essa atitude de serviço: “compreendeis o que vos fiz? Fazei vós também, porque assim sereis felizes” (Jo 13, 12.15), porque serão «felizes os servos que o senhor ao regressar encontrar vigilantes» (Lc 12, 37).

3.1. Nos Sinópticos

Os Evangelhos Sinópticos, embora com abordagens aparentemente distintas mas que se complementam, mostram-nos Jesus como O cumpridor das promessas do AT a realizar o Seu Ministério principalmente na Galileia e a caminho de Jerusalém, onde entregará a Sua Vida.

²⁰⁷ Cf. C. PERROT, *Jesús y la Historia*, Ediciones Cristianidad, Madrid, 1982.

Jesus tem por missão anunciar o reino de Deus, espalhar a Boa-Nova da Salvação, o amor de Deus, identificando-se a Si próprio como essa mesma Boa-Notícia, como o evangelizador-evangelho desse Reino e aquele que, sendo filho de David e filho de Abraão, é nele que se cumprem os destinos de Israel.

Toda a Sua vida foi pautada, guiada e animada, continuamente, pela presença do Espírito, desenvolvendo uma missão profética, real e sacerdotal, sob a forma de ensino e serviço, numa constante entrega aos outros, até ao sacrifício supremo da cruz.

É no Baptismo que Jesus, mergulhando nas águas do Jordão, tal como muitos dos seus conterrâneos, confundindo-se, misturando-se com eles, inicia a Sua actividade pública, sendo apresentado pelo Pai como Seu Filho e Aquele a quem todos devem escutar (Mt 3, 17; Mc 1, 11; Lc 3, 22), mostrando que está no mundo não para julgar, mas para caminhar ao lado dos pecadores, Ele que sendo o servo (Is 42, 1), pela Sua oferta de vida, implementará a justiça no mundo.

Jesus apresenta-se aos homens como O revelador do Pai por excelência, mostrando ao longo de toda a Sua existência, grande unidade com Deus «Tudo me foi entregue por meu Pai; e ninguém conhece o Filho senão o Pai, como ninguém conhece o Pai senão o Filho e aquele a quem o Filho o quiser revelar» (Mt 11, 27)²⁰⁸.

A Sua missão de anunciador do Reino de Deus, coincidente com o início do Seu Ministério, é-nos apresentada por S. Lucas, através da passagem «Cumpriu-se hoje esta passagem da Escritura, que acabais de ouvir» (Lc 4, 21), proferida na sinagoga da Sua terra²⁰⁹.

O texto de Is 61, 1-2 é a “carta de apresentação” de Jesus. Em Nazaré, Jesus sente-se enviado, sabe a quem se dirigir e aceita totalmente a missão, sem qualquer reserva, declarando que o Seu próprio Ministério é anunciar a Boa-Nova aos mais simples, lutar pelos direitos para todos, curar os enfermos e dar esperança aos homens (Lc 4, 18-19).

²⁰⁸ Cf. J. T. MENDONÇA, “Jesus Cristo, Palavra definitiva do Pai”, in *Biblica*, Série Científica, Difusora Bíblica, Ano IV, Dezembro 1996, 99.

²⁰⁹ Cf. O.G. CARDEDAL, *Cristologia*, Biblioteca de Autores Cristianos, Madrid, 2001, 69.

Toma uma vida exemplar de humildade e sacrifício, exercendo um ministério profético e pedagógico, de modo verbal e prático (Mc 10, 1), ensinando através de exemplos claros e objectivos, que fazia cativar o coração de todos os que O escutavam.

O ministério de Jesus, para além da Sua relação com os homens, é pautado pela constante relação com Deus, caracterizada pela obediência, fidelidade e oração. A oração era o lugar do Seu encontro com o Pai (Lc 10, 21; 22, 42) a quem tratava com o carinho de uma criança “Abba” (Mc 14, 36), e a quem se dirigiu durante toda a vida, em particular nos momentos decisivos do Seu destino²¹⁰, ou antes de tomar decisões importantes para a Sua missão (Mc 1, 35; Lc 6, 12; 9, 18; 9, 28)²¹¹.

O ministério profético de Jesus é marcado pelo anúncio do Evangelho, que Ele fez sob a forma de ensino, nas sinagogas (Mc 1, 21; Mt 4, 23; Lc 4, 16), em Jerusalém²¹², ao estilo dos rabinos²¹³, sem no entanto os imitar, quer na conduta, quer na doutrina. Sendo este anúncio uma das suas principais tarefas «vamos para outra parte (...), pois foi para isso que Eu vim» (Mc 1, 38), Jesus falava através de parábolas usando expressões e exemplos da vida corrente, de observação directa dos homens e das coisas, sobretudo com as pessoas mais simples, dando a cada um aquilo que, de acordo com o seu entendimento, necessitavam, através de um modo de falar que penetrava no íntimo dos seus ouvintes.

A forma como anunciava e propunha a Sua doutrina, denotava a liberdade com que vivia face aos poderes e instituições da época, a par de uma autoridade que o colocava no centro de muitas atenções, mas que igualmente lhe dava legitimidade (Mc 1, 27)²¹⁴.

Apesar de tratado por “mestre”, Jesus diferenciava-se das principais figuras “centrais” do poder, seus contemporâneos, em particular dos rabinos, porque, contrariamente a estes, não entrava em disputas com os seus discípulos, não se apoiava na tradição ou em outros mestres para justificar o Seu programa «Não penseis que vim revogar a Lei ou os Profetas. Não vim

²¹⁰ Cf. Mt 4, 10; Lc 4, 12; Mt 26, 36; Mc 14, 32; Lc 22, 42-44.

²¹¹ Cf. O.G. CARDEDAL, *Cristologia*, 69.

²¹² Cf. Mt 21, 23; Mc 11, 27.12, 1; Lc 20, 1.

²¹³ Cf. G. LEONARDI, “Apóstol/Discípulo”, 155.

²¹⁴ Cf. O.G. CARDEDAL, *Cristologia*, 65.

revogá-los, mas levá-los à perfeição» (Mt 5, 17), não fazendo qualquer tipo de discriminação ou exclusão social, racial, religiosa, etc., mas, pelo contrário, provocando o convívio e a relação com qualquer pessoa²¹⁵.

Jesus mostrava-se um mestre do tipo familiar, ao qual, desde os discípulos às multidões, passando por pessoas singulares (Mc 8, 11; Lc 7, 36; 19, 3) que O procuravam, todos tinham acesso com plena liberdade. Contrariamente aos costumes da época, mostrava uma atitude especial para com as mulheres, curando-as (Lc 8, 2), ensinando-as (Mt 14, 21), tratando-as com carinho (Lc 10, 41-42) ou deixando-as segui-Lo (Lc 24, 22).

Uma das características de Jesus é que o que Ele ensinava também o fazia. Os Seus ensinamentos eram voltados para a libertação do homem como um todo, por isso não escolhia plateias seleccionadas de ouvintes. Para Jesus é Deus quem, como Pai, ama todos os homens sem qualquer distinção, desde os que lhe são mais fiéis aos afastados e pecadores²¹⁶. Por isso no Seu Ministério não se preocupa apenas com os marginalizados e oprimidos, mas igualmente com aqueles que se julgavam o centro da sociedade, mostrando que com Ele e através dele, os excluídos poderiam ser reintegrados e as autoridades do Seu tempo, que agiam de modo injusto (Mt 23, 13-36), seriam corrigidas.

A todos anuncia que o amor é o maior mandamento, assumindo-se como mestre da Lei, não para a substituir, mas para lhe dar um novo rosto «Ouvistes o que foi dito: (...) Eu porém digo-vos»²¹⁷.

Mostra por isso autoridade perante as instituições sagradas do povo, com aqueles que defendiam a tradição, os preceitos da pureza, o sábado, o templo, o culto, a Lei ou personalidades sagradas, bem como com outros grupos de pessoas consideradas afastadas da vida religiosa e legal judaica, como os publicanos, prostitutas, etc.²¹⁸.

²¹⁵ Cf. K. H. SCHELKLE, *TNT*, Vol. II, Editorial Herder, Barcelona, 1977, 102.

²¹⁶ Cf. O.G. CARDEDAL, *Cristologia*, 68.

²¹⁷ Cf. Mt 5, 21-22; 27-28; 31-32; 33-34; 38-39; 43-44.

²¹⁸ Cf. O.G. CARDEDAL, *Cristologia*, 66.

Jesus era defensor da Lei, não fazia campanha contra ela, somente defendia que ela não devia constituir norma absoluta no comportamento das pessoas, criticando em particular aqueles que, na observância da Lei, a cumpriam de modo radical esquecendo-se que deve ser o amor a guiar a relação entre as pessoas.

Jesus, contrariamente ao observado pelos zelosos cumpridores das normas vigentes, muitas vezes feitas sem qualquer convicção, indicava que para além das observâncias exteriores, está o sentimento, o coração de cada um (Mt 5, 10-12). Para Jesus a Lei tem sentido na medida em que está ao serviço dos homens, daí defender que «o sábado foi feito para o homem e não o homem para o sábado» (Mc 2, 27), isto é, para Jesus, que respeitava o preceito de ir à sinagoga ao sábado (Lc 4, 1), o homem não deve descuidar a relação com os outros, ser-lhes indiferente, enquanto se preocupa unicamente consigo e com Deus.

Jesus, à semelhança dos mestres e rabinos da época, também se fez rodear de discípulos (Mc 1, 16-20), no entanto e contrariamente ao que se verificava com os outros *didáskaloi*, foi Ele próprio que os escolheu, vindos de todos os quadrantes da sociedade, não para fazer deles outros mestres, mas antes para os tornar seus imitadores.

É assim que, logo de início, lhes propõe determinadas condições que mais que fazer deles grandes pregadores de elites, lhes indica um caminho de serviço, onde eles se devem tornar «pescadores de homens» (Mc 1, 17; Lc 5, 10), atrair outras pessoas para o Reino de Deus pelo anúncio do Evangelho actuando em nome de Jesus (Mt 16, 5)²¹⁹, sem esperar recompensas ou títulos como os senhores da religião da época (Mt 23, 3-7), já que todos são irmãos e filhos do mesmo Pai que é Deus (Mt 23, 8), e Cristo o único mestre e conselheiro (Mt 23, 10).

Jesus não lhes pede para observarem normas jurídicas ou legais, mas diz-lhes que é a Ele que devem seguir, do mesmo modo e pelo mesmo caminho que Ele próprio escolheu, renunciando aos bens do mundo, «a todos os bens» (Lc 14, 33), em direcção à cruz (Lc 24,

²¹⁹ Cf. H. - CHR. HANH, “Seguimiento”, 179.

27), indicando que são diferentes dos outros discípulos ao assumirem e se prontificarem a caminhar, se necessário, até ao martírio²²⁰.

É assim que os discípulos acompanham e aprendem com Jesus, não pela teoria ou intelectualidade, mas seguindo-O, tomando as mesmas opções, repetindo os gestos mais significativos, assumindo os Seus pensamentos, ter as mesmas preferências, tomar as mesmas posições, resumindo, participar nos próprios gestos de Jesus e no amor que os anima, que é a entrega total²²¹.

Jesus, para com os seus discípulos, mais que mestre é modelo e modelador. Os discípulos podiam ouvir os discursos perante os grupos, mas depois tinham o privilégio de falar a sós com Ele, perguntar aquilo que não tinham entendido (Mt 13, 36; 15, 15). Era sobretudo entre eles, como membros de uma mesma família (Mc 3, 34), que Jesus explicava o sentido do Seu ensinamento (Mt 13, 11) e anunciava os mistérios da Sua vida, preparando-os para a Sua entrega definitiva aos homens, mostrando-lhes através de uma ou outra parábola, que Ele estava no meio deles, à semelhança de um escravo, para servir (Lc 22, 27).

Aos olhos dos homens, poder e serviço são antagónicos, um dá domínio o outro sofrimento²²². Ora, perante um mestre que anuncia e promete felicidade eterna e um lugar no Reino do Seu Pai, a tentação do discípulo é, em comparação com o que observa à sua volta, procurar obter também para si o melhor lugar. Os Evangelhos falam-nos de um relato sobre poder e serviço²²³, que serve para Jesus falar da grandeza do serviço, referindo que, entre eles, como em qualquer comunidade, deve prevalecer um comportamento diferente do que existe no mundo²²⁴, pois será no serviço que o homem encontra a sua grandeza aos olhos de Deus²²⁵.

Jesus é claro para os discípulos: «Não deve ser assim entre vós» (Mc 10, 43); o modelo a imitar é o daquele que ocupa a menor posição social. Fala-lhes dele próprio, que não quer ser

²²⁰ Cf. G. SCHNEIDER, “ακολουθέω”, 149.

²²¹ Cf. X. LÉON-DUFOUR, *VTB*, 225.

²²² Cf. P. BONNARD, *Evangelio segun san Mateo*, Ediciones Cristiandad, Madrid, 1983, 442.

²²³ Cf. Mt 20, 20-28; Mc 10, 35-45; Lc 22, 24-30.

²²⁴ Cf. P. BONNARD, *Evangelio segun san Mateo*, 503.

²²⁵ *Ibidem*, 442.

tratado pela lógica da sociedade (Mc 10, 45; Mt 20, 28; Lc 22, 27), ao dizer-lhes que grandeza é servir os outros, que essa é a Sua missão e que deverá ser igualmente a norma que deverá vigorar entre eles. Que devem tomar por exemplo o Seu mestre, que apesar de ser o Filho de Deus, veio ao mundo não para ter um papel de senhor, como os rabinos, mas para servir a humanidade, tornando-se escravo de todos, pela entrega da própria vida²²⁶.

Embora Jesus, na Sua acção evangelizadora, insistisse numa prática de vida simples e humilde, os seus discípulos com alguma facilidade esqueciam essas palavras, levando-os por vezes a criar disputas entre si, sobre quem poderia ser o escolhido do Senhor²²⁷, parecendo não entender, ou não querer aceitar, a meta proposta pelo mestre. Jesus intervém, repreendendo-os e recordando-lhes que, tal como no relato do poder e serviço, a verdadeira grandeza está no serviço aos outros. Jesus quer dizer-lhes que só é grande aquele que de modo pleno (sentimento e acção) se entrega ao outro.

Para ilustrar esta afirmação num gesto simbólico, toma uma criança, que na sociedade da época não tinha qualquer estatuto jurídico, convidando-os a saber acolher os mais insignificantes da sociedade, pois se assim o fizerem, sabem que estão a acolher o próprio Senhor, já que ser criança é o modelo para entrar no Reino de Deus (Mt 19, 14).

Nesse gesto simbólico de apresentar uma criança como alguém indefeso a necessitar de constante carinho, Jesus de forma comparativa ao indicar que também Ele, apesar de Filho de Deus, se fez “pequeno”, é a criança de Deus Pai (Mt 3, 17), reforça a ideia do serviço como atitude daquele que ama e é chamado a dar a vida pelos irmãos, tal como Ele se colocou no meio dos discípulos como aquele que serve (Lc 22, 27).

Ensina-lhes a não procurar lugares de honra ou títulos como faziam os letrados e fariseus, que escudados na sua posição social não prestavam ajuda àqueles que tinham de cumprir a Lei, mas pelo contrário recomenda os discípulos a tomar atitudes de acolhimento fraterno,

²²⁶ Cf. J. SCHMID, *El Evangelio según San Marcos*, Editorial Herder, Barcelona, 1967, 291.

²²⁷ Cf. Mc 9, 33-37; Mt 18, 1-5; Lc 9, 46-48.

pela prática da humildade (Mt 23, 8-12), colocando, se necessário, a posição social ao serviço dos outros²²⁸.

Para ilustrar que é pelo amor, pelo bem que cada um faz e um dia terá de dar contas a Deus e ser ou não recompensado pelo Pai, Jesus refere um serviço que é abrangente, que assume uma extensão muito grande, englobando várias formas e em todos os sectores da sociedade (Mt 25, 31-46). As tipologias ou ajudas indicadas, como que se referindo a todos os possíveis tipos de auxílio, servem de exemplo para Jesus se identificar com qualquer um dos necessitados, manifestando a obrigação de todos amar o próximo, mesmo o inimigo, colocando-se ao serviço, tal como Ele mesmo o fez «Pois também o Filho do Homem não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate por todos» (Mc 10, 45).

3.2. No IV Evangelho

O quarto Evangelho não coloca o anúncio do Reino de Deus como lugar especial como nos Sinópticos, mas antes faz sobressair, em primeiro plano, por toda a parte, a personalidade divina de Jesus, mostrando que toda a Sua obra na terra, incluindo a Sua própria morte, foi um serviço de amor²²⁹. Não surgem assim as parábolas do Reino, mas somente duas parábolas-alegorias, a do Bom-Pastor (Jo 10, 7-18) e a da videira (Jo 15, 1-8), relativas à revelação.

O principal argumento deste Evangelho é, com efeito, que o Filho de Deus incarnado foi enviado pelo Pai aos homens, para lhes revelar e comunicar as riquezas e mistérios da vida divina.

Jesus é apresentado a desenvolver o Seu Ministério ao longo de cerca de 3 anos, tantas quantas vezes é feita referência às Suas viagens a Jerusalém pelas festas da Páscoa, indicando

²²⁸ Cf. J. SCHMID, *El Evangelio según San Mateo*, Editorial Herder, Barcelona, 1973, 464.

²²⁹ Cf. A. WIKENHAUSER, *El Evangelio según San Juan*, Editorial Herder, Barcelona, 1967, 430.

que se iniciou quando pela primeira vez subiu a Jerusalém para festejar a Páscoa e aí purificou o templo, ensinou e fez alguns milagres (Jo 2, 1-3, 21)²³⁰.

Também neste Evangelho, à semelhança dos Sinópticos, Jesus faz-se rodear de discípulos a quem, mais que ensinar por palavras o que deviam fazer, tratou na intimidade, pelo exemplo, levando-os a participar nos Seus próprios gestos²³¹, preparando-os para uma missão semelhante à Sua quando, depois sozinhos, tiverem que no meio do mundo fazer o mesmo caminho de entrega e amor, em direcção ao Pai²³².

Este evangelista dá-nos um relato diferente dos Sinópticos no que concerne à eleição dos primeiros discípulos. Segundo ele são os quatro primeiros discípulos que vão à procura de Jesus. São homens que já seguiam outro mestre, João Baptista, e que, levados por este ou por outros amigos, vão ao encontro de Jesus²³³.

Mas Jesus toma a iniciativa. Primeiro quer saber o que os motiva àquele encontro «que procurais?» (Jo 1, 38) e leva-os a olharem para eles mesmos e verem se existe algo que os impeça de seguir Jesus. Eles reconhecem Jesus como *Rabbi* e querem entrar na sua intimidade «onde moras?» (Jo 1, 38), querem dar novo rumo à suas vidas, conhecer novas realidades²³⁴.

Então convida-os a iniciarem um outro caminho, a ver com os próprios olhos «vinde e vede», a experimentar o que é viver com Ele, pois só assim encontrarão a resposta que procuram²³⁵. A estes, Jesus só se deixa encontrar, depois fixa as condições para que O possam seguir.²³⁶

No quarto Evangelho, para ser discípulo, para seguir Jesus, não é dada qualquer garantia. Antes de ver é preciso seguir²³⁷, não como nos Sinópticos pela renúncia de bens ou à família,

²³⁰ *Ibidem*, 31.

²³¹ Cf. X. LÉON-DUFOUR, *VTB*, 225.

²³² Cf. J. MATEOS - J. BARRETO, *El Evangelio de Juan*, 665.

²³³ Cf. A. WIKENHAUSER, *El Evangelio segun San Juan*, 110.

²³⁴ Cf. J. MATEOS - J. BARRETO, *El Evangelio de Juan*, 118.

²³⁵ Cf. J. MATEOS - J. BARRETO, *El Evangelio de Juan*, 118.

²³⁶ Cf. A. SALAS *El Evangelio de Juan*, Ediciones Paulinas, 1993, 32.

²³⁷ Cf. J. MATEOS - J. BARRETO, *El Evangelio de Juan*, 980.

mas sim através de uma fé incondicional, traduzida numa outra renúncia mais radical que é a da própria vida²³⁸.

Ser *mathētēs* neste Evangelho, é ser imitador do seu Mestre, é estar em perfeita comunhão com Ele, de tal modo que será essa atitude que fará a diferença com outro qualquer discípulo, uma atitude que se expressa pela prática do amor (Jo 13, 34-35) e que fará com que devam ser reconhecidos como discípulos de Jesus (Jo 13, 35)²³⁹.

Aqueles a quem Jesus elegeu como discípulos no geral (Jo 13, 18; 15, 16.19) ou ao grupo mais restrito que o acompanhava mais de perto, “os doze”²⁴⁰ são considerados seus “amigos” e não “servidores” *δουλος* (Jo 15, 15), porque Ele não veio para ser servido²⁴¹, mas para amar do mesmo modo que recebeu o amor do Pai (Jo 15, 9)²⁴².

Um amor traduzido pela obediência e entrega que Jesus insistentemente pede aos seus para igualmente o realizarem entre si (Jo 13, 34; 15, 12.17). Um amor também observado pela forma que com afecto tratava os discípulos, ao chamar-lhes «filhinhos» (Jo 13, 33), pedindo-lhes que, mais que amar a Deus ou a Ele próprio, amem os outros homens²⁴³. Também para os preparar para os sofrimentos que iriam receber, como ser odiados, perseguidos, expulsos das sinagogas (Jo 16, 1-2), dando-lhes ao mesmo tempo confiança e garantia que não ficarão sós, pois tal como o Pai não abandona ninguém, também Ele não os abandonará (Jo 14, 18-20).

Era reconhecido como Mestre por todos. No entanto, Jesus era inteiramente diferente dos restantes mestres rabinos, quer porque foi Ele que escolheu os seus discípulos (Jo 15, 16), quer principalmente pela Sua exemplaridade, fundada no modo autêntico, natural e justo de actuar.

²³⁸ Cf. J. M. MARTIN - S.J. MORENO, *Personajes del Cuarto Evangelio*, 63.

²³⁹ Cf. J. MATEOS - J. BARRETO, *El Evangelio de Juan*, 381.

²⁴⁰ *Ibidem*, 979.

²⁴¹ Cf. J. KONINGS, *Evangelho segundo João: Amor e fidelidade*, Edições Loyola, São Paulo, Brasil, 2005, 289.

²⁴² Cf. A. WIKENHAUSER, *El Evangelio segun San Juan*, 431.

²⁴³ Cf. J. MATEOS - J. BARRETO, *El Evangelio de Juan*, 615.

Jesus não fala escudado na Lei, como os fariseus, mas ancorado, como Mestre, numa autoridade recebida directamente de Deus, a quem chama Pai «nada faço por mim mesmo, mas falo destas coisas tal como o Pai me ensinou» (Jo 8, 28b).

A autoridade de Jesus, tal como outros aspectos da Sua vida, está ligada ao Seu amor, que a fundamenta e O identifica. Assume essa mesma autoridade, no modo de falar, nos ensinamentos que faz através dos discursos.

Perante situações concretas da vida corrente, Jesus, usando uma palavra eficaz e imperativa, afirma-se para cada situação como a solução que o homem deve encontrar, dizendo ser «pão da vida» (Jo 6, 35), «luz do mundo» (Jo 8, 12), «a porta» (Jo 10, 7), «a ressurreição e a vida» (Jo 11, 25), «o caminho, verdade e vida» (Jo 14, 6), «a verdadeira vide» (Jo 15, 11).

Fá-lo igualmente para com os discípulos quando convida ao Seu seguimento, «vinde e vede!» (Jo 1, 39) ou «segue-me!» (Jo 1, 43), ou quando lhes exige um comportamento semelhante ao d'Ele (Jo 13, 34). Dá também provas de autoridade, para com a samaritana afirmando que não é na Lei mas n'Ele mesmo que deve acreditar (Jo 4, 21), perante o funcionário real, uma autoridade da região, um pagão que acreditou nos Seus poderes divinos (Jo 4, 48-50), ou até face ao poder político, onde Jesus, perante a maior autoridade da Palestina, se afirma como sendo a verdade e Aquele a quem devem escutar «Para isto nasci, para isto vim ao mundo: para dar testemunho da Verdade. Todo aquele que vive da Verdade escuta a minha voz» (Jo 18, 37).

O quarto Evangelho apresenta-nos um Jesus *didáskalos* diferente dos Sinópticos. Jesus ensina, tem autoridade, mas exerce o Ministério de modo próprio. Mais que dizer ou mostrar o que Jesus ensinou o evangelista quer mostrar o que Jesus é²⁴⁴.

Neste Evangelho tudo gira e converge em Jesus: Ele é a figura central, a mensagem, a palavra, O que veio ao mundo para fazer a obra de Deus, que igualmente é a Sua própria obra,

²⁴⁴ *Idem.*

pois Ele e o Pai são um só (Jo 10, 30). O Ministério, a obra de Jesus, é marcado pela revelação de Si mesmo e do Pai²⁴⁵. Jesus veio ao mundo para comunicar à humanidade o que aprendeu do Pai (Jo 7, 16-17), que mais que uma doutrina é vida, é entrega, são obras (Jo 10, 37-38)²⁴⁶.

Neste Seu Ministério, Jesus apresenta-se como *diákonos* do Pai, um servidor absoluto, que em tudo obedece por ter recebido o mandato divino, reconhecendo que tudo o que faz não é sua vontade mas a d'Aquele que O enviou (Jo 7, 29)²⁴⁷.

Para levar a humanidade a conhecer o Pai, a crer no Seu amor e nele permanecer (1Jo 4, 16)²⁴⁸, Jesus no exercício ministerial da Palavra, fala sobretudo para gente culta e instruída, como os membros do sinédrio e os rabinos, mas tem igualmente intervenções junto a pessoas simples ou com as multidões²⁴⁹.

Os ensinamentos de Jesus são apresentados através de sinais e de longos discursos, que se interligam, isto é, os discursos estão normalmente associados a algum sinal/ milagre, servindo para ilustrar o significado e o simbolismo desse prodígio²⁵⁰.

Contrariamente aos Sinópticos que nos apresentam muitas curas e milagres de Jesus, no quarto Evangelho, os gestos extraordinários, os chamados “sinais” de Jesus, servem para mostrar que Deus está presente no meio dos homens, e todo o ensinamento e actividade de Jesus é essencialmente testemunho para Se dar a conhecer. Estes sinais são prodígios que querem significar algo, ao mesmo tempo que revelam a divindade de Jesus (Jo 5, 20. 36), levando a acreditar, a “crer” que Jesus é o Messias, o Filho de Deus, tal como se pode entender, entre outros, pelo sinal da multiplicação dos pães (Jo 6, 1-13), que mostra Jesus

²⁴⁵ Cf. J. KONINGS, *Evangelho segundo João: Amor e fidelidade*, 42.

²⁴⁶ Cf. A. SACCHI, “Enseñanza”, 511.

²⁴⁷ Cf. A. WIKENHAUSER, *El Evangelio segun San Juan*, 431.

²⁴⁸ Cf. A. SACCHI, “Enseñanza”, 511.

²⁴⁹ Cf. A. WIKENHAUSER, *El Evangelio segun San Juan*, 38.

²⁵⁰ *Ibidem*, 36.

verdadeiro distribuidor do pão da vida e onde Ele é o próprio pão, ou na cura do cego de nascença (Jo 9, 1s), onde Jesus se afirma como a luz (Jo 9, 39)²⁵¹.

Estes sinais, que dão a entender quem é Jesus e qual a Sua missão, servem de plataforma de aproximação a Jesus, como pode ser exemplo Nicodemos (Jo 3, 2) depois do sinal de Caná, ou para fazer a ligação aos discursos, dando relevo aos aspectos de poder manifestado por Jesus.

Os diálogos ou discursos de Jesus são exposições coerentes sobre um tema concreto, com uma força expressiva e de convicção, onde Jesus fala de si mesmo, explicando a Sua missão, com o intuito de revelar que Ele é O enviado de Deus, onde com frequência é utilizada a expressão “Eu sou”, que é a forma de Ele se situar ao mesmo nível de Deus (Jo 8, 24.28.58), de mostrar a Sua divindade (Ex 3, 14), o que quer dizer que é Filho de Deus.

As Suas atitudes e os ensinamentos através de uma linguagem inovadora e reveladora vão provocar alguns conflitos e controvérsias com o poder religioso. Não como relatado nos Sinópticos à volta da pureza, do sábado, ou da Lei, mas em torno da questão da fé e do Ser de Jesus.

Um conflito que é expresso em termos narrativos, especialmente nas festas judaicas, onde Jesus se confronta com o judaísmo oficial, mas igualmente em outros relatos, como a cura do cego de nascença (Jo 9, 1-41), ou dizendo ser o verdadeiro pão do céu (Jo 6, 32-35)²⁵², onde Jesus pretende afirmar a Sua divindade, como também no episódio do templo (Jo 2, 13-25) onde expulsa aqueles que faziam e mantinham uma religião de comércio naquele lugar sagrado.

Um dos símbolos mais marcantes da vida de Jesus, que este Evangelho nos dá, é o amor em forma de serviço. Amor de Deus pela humanidade, dando-lhe o Filho para que n’Ele

²⁵¹ *Ibidem*, 37.

²⁵² *Idem*.

reconheçam o Seu rosto. Amor de Jesus pelo Pai, traduzido na obediência do falar e do agir até à entrega da própria vida²⁵³.

Amor de Jesus pelos discípulos a quem ensina serve e perdoa: ao discípulo inominado, apresentado como “o discípulo amado”, um amigo íntimo e confidente que é o protótipo desse vínculo de amor (Jo 13, 23; 19, 26; 20, 2)²⁵⁴; a Pedro que escolhera como chefe dos restantes chamando-lhe *kephas* e para o qual tem atitude de misericórdia; a Judas que O entrega mas a quem perdoa (Jo 13, 27). Amor aos inimigos, samaritanos, fariseus, doutores da Lei, romanos, que não reconhecem Deus como Seu Pai, mas com quem estabelece ligação.

Jesus entrega-Se à humanidade inteira, revela-se como Bom-Pastor, o que dá a vida pelas suas ovelhas (Jo 10, 11) e de quem se faz servidor pela partilha do alimento (Jo 6, 1) que Ele próprio se torna (Jo 6, 35).

3.3. Os gestos de Jesus

3.3.1. Nos Sinópticos

O ministério de Jesus não é marcado somente pelo anúncio da Boa-Nova, mas igualmente pelo ensinamento prático, isto é, pelas atitudes, encontros e gestos que teve com as multidões, os discípulos ou outras personalidades, o que nos leva a abordar aqueles que julgamos mais significativos no contexto deste trabalho.

Com os discípulos é sempre Jesus que toma a iniciativa do encontro. É Ele que vê aqueles que vão ser chamados e que não O conhecem (Mt 4, 18.21; 9, 9), e que num tom “imperativo”, com autoridade, os convoca pelo nome, «vinde comigo» (Mt 4, 19; Mc 1, 17). Eles, de imediato e perante a ordem recebida, abandonam tudo e tornam-se seus seguidores.

A relação com o Pai é marcada pela obediência e pela oração.

²⁵³ Cf. Jo 13, 1; 13, 34; 14, 21; 15, 9.12.

²⁵⁴ Cf. J. MATEOS - J. BARRETO, *El Evangelio de Juan*, 961.

Ensina os discípulos a rezar, a ter uma relação com Deus como a de um filho para com o seu pai, de modo simples (Mt 6, 5-7), humilde e confiante (Mt 7, 7-11 par; Lc 11, 5-8).

Com as multidões ou pessoas singulares Jesus teve gestos marcantes que nos permitem entender que Ele só queria ser testemunha do amor. É assim que, para dar cumprimento à Sua missão iniciada em Nazaré (Lc 4, 16-31), Jesus se aproxima dos pecadores, procura-os (Lc 19, 7), come com eles (Lc 5, 29-31), perdoa-lhes (Lc 7, 48-50; 23, 42ss) e até os chama a segui-Lo (Lc 5, 27). Aos pobres consola-os, dá-lhes motivo para viver a esperança (Mt 5, 3-12) e convida-os à alegria (Lc 16, 23).

Aos inimigos, como podiam ser considerados os samaritanos, considera-os pessoas de misericórdia (Lc 10, 29-37) e modelo de agradecimento (Lc 17, 11-19).

As mulheres, consideradas um grupo marginalizado por aquela sociedade, são tratadas com a mesma dignidade que os homens, admitindo-as a segui-Lo (Lc 8, 1-3; Mc 15, 40-41), ensinando-as (Lc 10, 38-42), sendo também elas destinatárias de muitos milagres que realizou, como por exemplo, a sogra de Pedro (Mc 1, 29-31) ou a filha de Jairo (Mc 5, 21-24.35-43).

Relevante foi igualmente o Seu olhar que, mais que muitas palavras, indicava caminho. Referimo-nos ao olhar de compaixão que Jesus teve com a mulher cananeia (Mt 15, 28), a viúva de Naim (Lc 7, 13), a mulher que O serviu na casa do fariseu (Lc 7, 48), ou ao olhar de carinho para com o “jovem rico” (Mt 19, 22-23) que pela proposta de desprendimento feita mostrou não conseguir libertar-se do seu mundo para O seguir. Também o olhar de desejo para com Zaqueu (Lc 9, 1-10) para ficar com ele, no seu íntimo e ao qual o publicano ficou seduzido sentindo-se chamado, amado e convertido, dando esperança à sua vida.

Finalmente o olhar de perdão, de amizade, para com Pedro, quando Jesus, ao passar por ele depois de O ter negado por três vezes (Mt 26, 33-35), o fixa nos olhos, sem qualquer reprovação, mas antes com ternura e compaixão, que o fez mudar de atitude, pois um olhar de Jesus é sempre mais uma oportunidade de mudança, de entrega da vida.

3.3.2. No IV Evangelho

Mostrar o que é Jesus neste Evangelho é igualmente ter presente os Seus vários gestos. Jesus falava, ensinava, mas também vai ao encontro ou deixa que as pessoas se aproximem dele, tendo com elas gestos de misericórdia e perdão, como no relato da mulher adúltera (Jo 8, 1-11), ou com a samaritana, dando valor à dignidade da mulher, fazendo unir povos, mostrando que existe um só Deus para todos os homens (Jo 4, 39-42).

O olhar é mais um dos gestos significativos que, neste Evangelho, define a exemplar personalidade de Jesus. Quando Jesus chama alguém (Pedro, Natanael, Filipe, André), há sempre um cruzamento de olhares²⁵⁵. Mas também outros como aquele de interpelação, e não de fúria ou rancor, para com os acusadores da mulher adúltera (Jo 8, 7), o de confiança com a samaritana, de ternura com Maria Madalena (Jo 20, 15), o de amor com as irmãs de Lázaro (Jo 11, 5), o de perdão para com Judas (Jo 13, 27), ou o Seu próprio olhar de tristeza ao ver o amigo Lázaro no sepulcro (Jo 11, 33).

A oração, embora não sendo tema central, é motivo de algum destaque, por mostrar que é através dela que é fortalecida a união com Deus: «Em verdade, em verdade vos digo: se pedirdes alguma coisa ao Pai em meu nome, Ele vo-la dará» (Jo 16, 23b-24).

Jesus reza por Ele, na “hora” em que se prepara para passar deste mundo para o Pai (Jo 17, 1-5), consciente que essa será a Sua glorificação e a do Pai e o momento em que os homens irão reconhecer o verdadeiro amor do Pai e do Filho. Reza pelos discípulos (Jo 17, 6-19), para que sejam livres do mal, nesse momento em que, agora conscientes que Ele é efectivamente o enviado do Pai, deverão dar continuidade à mensagem que aprenderam e

²⁵⁵ Cf. J. M. MARTIN - S. J. MORENO, *Personajes del Cuarto Evangelio*, 70.

acolheram do seu Mestre. Reza também por todos os outros que acreditaram n'Ele para que se mantenham unidos (Jo 17, 20-23)²⁵⁶.

3.3.3. O lava-pés

A narrativa do lava-pés é aquela que nos indica o gesto mais representativo da atitude de serviço total de Cristo aos homens:

«Enquanto celebravam a ceia, Jesus, (...) levantou-se da mesa, tirou o manto, tomou uma toalha e atou-a à cintura. Depois deitou água na bacia e começou a lavar os pés aos discípulos e a enxugá-los (...) Depois (...) disse-lhes: «Compreendeis o que vos fiz? (...) Na verdade, dei-vos exemplo para que, assim como Eu fiz, vós façais também» (Jo 13, 3-15).

Jesus estava a celebrar a Páscoa e, tal como em muitas outras situações, encontrava-se à mesa, lugar de partilha e confidências, com os seus amigos mais íntimos. Mas esta ceia, última, mais que uma refeição partilhada, mais que festejar a *pesah*, era o grande banquete (Is 25, 1-10), pelo que os gestos tomados por Jesus tiveram maior significado.

Esta perícope apresenta-se como uma cena, um quadro, que deve ficar para sempre guardado na mente dos discípulos como a última acção de Jesus com os Seus²⁵⁷.

O evangelista ao situar este relato no marco da “hora”, esse tempo teológico em que se dará a glorificação do Filho no Pai, faz do lava-pés o símbolo transcendente da morte de Jesus entendida como demonstração definitiva do Seu amor. A narrativa é iniciada enquadrando e dando relevo ao acto serviçal de Jesus: «Ele que amara os seus que estavam no mundo, levou o seu amor por eles até ao extremo» (Jo 13, 1b). Depois coloca Jesus, de joelhos, ante os seus amigos, lavando-lhes os pés.

O acto de Jesus de lavar os pés aos seus discípulos ultrapassa as normas da época, quer por ter sido feita no decorrer da refeição, quer porque não foi um escravo que o fez, mas sim o

²⁵⁶ Cf. A. WIKENHAUSER, *El Evangelio segun San Juan*, 453.

²⁵⁷ Cf. J. MATEOS - J. BARRETO, *El Evangelio de Juan*, 591.

convidado mais importante, significando com isso que não se trata de um mero gesto humano, físico, mas um símbolo²⁵⁸.

Foi um gesto extraordinário que suscitou nos discípulos admiração, já que Jesus, como *Rabbi*, ensinava, dava ordens, não prestava continuamente serviços humildes aos seus seguidores²⁵⁹, mas ao executá-lo, Ele, O escolhido, o Senhor, transforma-se em servo e propõe-se como modelo a imitar.

O acto do lava-pés era um costume da época, um gesto tradicional no mundo antigo, tanto do Médio Oriente como nas culturas grega e romana do Próximo Oriente. Uma prática para o cuidado do corpo e como hospitalidade, já referido nas Sagradas Escrituras com Abraão e Lot (Gn 18, 4; 19, 2), usual entre os hebreus. Um acto de cortesia por parte do anfitrião, praticado ao entrar em casa, realizado normalmente por um escravo (Lv 25, 39)²⁶⁰ ou pela mulher ao seu marido, ou pelos filhos(as) ao pai (1Sm 25, 41)²⁶¹, em sinal de acolhimento e/ ou respeito. Na cultura judaica este era mais um dos serviços de escravo que, no entanto, não podia ser feito por judeus.

Para realçar a importância do gesto, o autor do quarto Evangelho emprega oito verbos na acção de Jesus: levantar, tirar, tomar, atar, deitar, lavar, enxugar e sentar.

Jesus ao levantar-se mostra disposição de que está para servir. Ao tirar o manto, mostrou desprendimento da vida (Jo 10, 18) e da sua imagem de Mestre²⁶² em analogia com a parábola do Bom-Pastor (Jo 10, 11), despojando-se da sua identidade e autonomia. Vai pegar numa toalha, sinal de serviço²⁶³, que ele próprio coloca à cintura, como sinal de confiança e independência (Jo 21, 18), em forma de cinto mostrando que está pronto para a acção, para enfrentar a própria morte. Depois, imitando no gesto os escravos, vai lavar e enxugar os pés dos seus discípulos.

²⁵⁸ Cf. J. KONINGS, *Evangelho segundo João: Amor e fidelidade*, 260.

²⁵⁹ Cf. C.M. MARTINI, *O Evangelho Segundo João*, Edições Loyola, São Paulo, Brasil, 1998, 145.

²⁶⁰ Cf. R.E. BROWN - J.A. FITZMYER - R.E. MURPHY, *Nuevo comentario bíblico San Jerónimo: Nuevo Testamento*, Editorial Verbo Divino, Navarra, 2004, 570.

²⁶¹ Cf. J. MATEOS - J. BARRETO, *El Evangelio de Juan*, 591.

²⁶² Cf. J. KONINGS, *Evangelho segundo João: Amor e fidelidade*, 258.

²⁶³ *Ibidem*, 591.

No acto não é indicada qualquer ordem de preferência, a quem Jesus lava os pés, porque entre aqueles que seguem Jesus não deve haver hierarquias²⁶⁴.

Tomar a posição de escravo, lavar os pés, são para Jesus os sinais de que a obra do Pai, o ser um igual a nós, se cumpriu até ao fim. Esta acção vai ensinar aos discípulos qual deve ser, para o futuro, a sua atitude e o que significa o amor leal (Jo 1, 14.17): prestar serviço ao homem até dar a vida por ele (Jo 13, 34)²⁶⁵.

A atitude de Jesus querer mostrar que Deus está entre os homens, que actua como servidor (Jo 5, 17) e não como soberano celeste, foi interrompida pela resistência de Pedro, que via, pelo seu conceito de religião, aquele gesto de Jesus como uma humilhação, uma inversão de valores, segundo o pensamento humano de hierarquização²⁶⁶.

Para Jesus, lavar os pés aos seus, é gesto de hospitalidade e afecto, é motivo para poder “ter parte” com Ele (Jo 13, 8), isto é, participar na Sua obra, na Sua partilha de vida (Dt 10, 9; 14, 27.29) e no mesmo destino comum²⁶⁷.

Depois deste gesto, Jesus retoma a posição anterior. O levantar, sentar e colocar de novo o manto, são sinais de regresso à vida e ao Seu reinado. No entanto, ao não haver qualquer referência ao avental, que se pressupõe ter mantido como sinal do Seu serviço que culminará na cruz, quererá indicar que esse serviço deverá continuar, para sempre através dos discípulos seus seguidores.

Apesar do gesto realizado, Jesus reconhece, ou melhor, quer fazer reconhecer a Sua posição entre os discípulos. Ao dizer «Vós chamais-me ‘o Mestre’ e ‘o Senhor’», onde os apelativos levam artigo (Jo 13, 13) fazendo denotar particular excelência, Jesus aceita ambos os títulos e, apoiado neles, expressa o Seu ensinamento e mandato para que os seus discípulos imitem este exemplo de humildade²⁶⁸.

²⁶⁴ Cf. J. MATEOS - J. BARRETO, *El Evangelio de Juan*, 592.

²⁶⁵ *Ibidem*, 591.

²⁶⁶ Cf. J. KONINGS, *Evangelho segundo João: Amor e fidelidade*, 258.

²⁶⁷ Cf. J. PIKAZA - F. DE LA CALLE, *Teología de los evangelios de Jesús*, 444.

²⁶⁸ Cf. J. A. SOBRINO, *Asi fue Jesus*, La Editorial Católica, Madrid, 1984, 791.

Ora, sendo Jesus “o Senhor”, ao ter este gesto para com os discípulos, fazendo-se seu servidor, está a elevá-los também a eles à categoria de “senhor”, isto é, de homens livres, ensinando-os como eles devem procurar a dignidade e liberdade dos outros através do serviço²⁶⁹.

A pergunta de Jesus aos discípulos sobre se compreenderam o sentido do gesto «Compreendeis o que vos fiz?» (Jo 13, 13), quer fazê-los reflectir e entender que, se Ele, pelo exemplo do acto, pela não exclusão de ninguém, lhes mostrou a verdadeira experiência de amor, também eles deverão, ou melhor, estarão obrigados a tornar-se servos uns dos outros²⁷⁰, imitando Jesus não apenas nos actos de caridade (Jo 13, 14) mas também no facto de serem recebidos e aceites pelos homens (Jo 13, 20)²⁷¹.

Jesus primeiro amou, depois exorta à Sua imitação, com o mesmo zelo, “assim”²⁷², como Ele fez. Pois «o servo não é mais que o seu Senhor» (Jo 13, 16). É um serviço que não é imposto, mas que nasce da espontaneidade, do amor comunicado pelo Espírito e que orientará a nova lei da comunidade «que vos ameis uns aos outros assim como Eu vos amei» (Jo 13, 34)²⁷³.

O sentido deste mandamento, de acordo com a conduta manifestada por Jesus, pressupõe que não basta somente uma adesão de princípios (Jo 8, 31), mas que é necessário a prática do serviço, traduzindo as atitudes interiores em modo de proceder e, se agirem de acordo com este princípio, “serão felizes”, porque igualmente participarão na salvação de Deus²⁷⁴.

Imitar Jesus, pelo Seu exemplo de amor a toda a gente, é a meta que os discípulos devem atingir. Amar como Jesus é colocar-se ao serviço dos outros para lhes dar liberdade e dignidade. Ele é a norma, não com palavras mas pelos actos, pois será pelo comportamento, pelo amor tornado visível entre eles, que serão reconhecidos pelos homens: «Por isto é que

²⁶⁹ Cf. J. MATEOS - J. BARRETO, *El Evangelio de Juan*, 1022.

²⁷⁰ Cf. J. KONINGS, *Evangelho segundo João: Amor e fidelidade*, 259.

²⁷¹ *Ibidem*, 61.

²⁷² Cf. J. CRISÓSTOMO, *Homilias sobre el Evangelio de San Juan/ 3*, traducción del griego y notas de Isabel Garzón Bosque, Ciudad Nueva, Madrid, 2001, 112.

²⁷³ Cf. J. MATEOS - J. BARRETO, *El Evangelio de Juan*, 598.

²⁷⁴ *Ibidem*, 599.

todos conhecerão que sois meus discípulos: se vos amardes uns aos outros» (Jo 13, 34-35) e produzirão muito fruto (Jo 12, 24) ²⁷⁵.

²⁷⁵ *Ibidem*, 615.

III PARTE: A diaconia do discípulo

Introdução

Como podemos constatar pela leitura da segunda parte desta dissertação, Jesus apresentase aos homens pela Sua exemplaridade de vida, querendo mostrar que, se Ele para fazer a vontade do Pai conseguiu alterar conceitos e modos de proceder, também aqueles que adiram à Sua doutrina poderão fazer o mesmo em relação aos outros homens seus irmãos.

Os que foram escolhidos por Jesus para O acompanhar ao longo da Sua curta vida na terra, tiveram o privilégio de, na intimidade, ver, ouvir e aprender com o seu Mestre, mas igualmente a responsabilidade de continuar a difícil missão de fazer no mundo aquilo que, por certo, não tinham entendido o Senhor lhes fizera na ceia pascal, ao lavar-lhes os pés e ao pedir-lhes que fossem servos e não senhores dos seus irmãos.

É neste sentido que iremos agora procurar fazer, inicialmente, uma análise da actividade dos seguidores de Jesus nos primeiros tempos da Igreja, de acordo com o mandato recebido “assim como Eu vos fiz, fazei-o vós também”. Pela diferença das circunstâncias, faremos uma abordagem separada entre os primeiros Apóstolos e S. Paulo que, convertido a Cristo, fez chegar a Sua Boa Nova ao mundo pagão. Outros os seguiram, fazendo crescer o número dos que abraçavam a fê em Jesus Cristo.

Pertencer a este Corpo de Cristo, levou à necessidade de novas estruturas, pelo que será nosso objectivo analisar e compreender a evolução do conceito de ministério e/ ou serviço, desde esse tempo até ao Concílio Vaticano II.

O CV II, através das suas reformas, pretendeu provocar alterações de atitude entre os seus membros no que concerne à diaconia, factor esse que nos levará a fazer alguma análise dessas consequências, bem como, no seguimento das novas doutrinas e, perante a situação e atitude

actual dos cristãos na sociedade, analisar possíveis desafios e respostas que poderão ser dadas pelos discípulos de hoje, sejam eles homens ou mulheres, ministros ordenados ou fiéis leigos.

1. Igreja das origens

1.1. Período dos Apóstolos

Jesus, no cumprimento do Seu Ministério de anunciador e inaugurador do Reino de Deus neste mundo, escolheu alguns homens para O acompanharem e posteriormente poderem continuar a Sua missão. A estes discípulos foi conferida a Sua própria autoridade, tendo-os enviado em missão proclamando o Evangelho (Mt 16, 55), ensinando, curando os enfermos (Lc 9, 2), batizando e fazendo discípulos (Mt 28, 19-20), constituindo-os ministros da Nova Aliança e servidores do próprio Cristo.

A missão destes discípulos coincide com a missão de Jesus (Mc 1, 15). Anunciar o Reino de Deus, mostrar o amor de Deus pelos homens, para que todos alcancem a salvação (Mc 16, 16)²⁷⁶.

O mandato solene de Jesus de fazer discípulos, de evangelizar, de serem Suas testemunhas em Jerusalém, nos territórios vizinhos e desconhecidos até aos confins do mundo (Act 1, 8), tem a garantia da presença de uma força que nunca os abandonará mas antes os transformará em qualquer ambiente que se encontrem.

O início desta “aventura a sós” começa em Jerusalém no Pentecostes, onde Pedro assume a liderança do grupo falando sem medo à multidão, testemunhando a Ressurreição de Jesus, levando à conversão de muitos que o ouviam (Act 2, 14-41).

O ministério assumido pelos Apóstolos após o mandato de Jesus, foi sendo realizado durante os primeiros tempos, após a Ressurreição de Jesus, em momentos diferentes²⁷⁷.

²⁷⁶ Cf. R. ARNAU-GARCIA, *Orden y Ministerios*, Biblioteca de Autores Cristianos, Madrid 1995, 41.

Um primeiro momento onde os Apóstolos exercem o serviço na comunidade nascente de Jerusalém, não só pelo anúncio da Palavra, mas também pela gestão financeira dos poucos recursos recebidos dos que iam abraçando a fé (Act 4, 34; 5, 2). É o tempo em que Matias é escolhido para fazer parte do grupo dos “doze”, suprimindo a falta de Judas, servindo tal como os restantes (Act 1, 15.23-25. 26)²⁷⁸.

Após este momento em que os “doze” faziam tudo, sentindo-se responsáveis pelas comunidades que iam formando, surge um outro momento em que são escolhidos outros colaboradores para suprir as necessidades que iam surgindo²⁷⁹.

É assim que foram eleitos «sete homens de boa reputação» (Act 6, 3), para acudir ao serviço das viúvas, à distribuição diária de comida, mas igualmente para o serviço da Palavra (Act 6, 9-10)²⁸⁰. Estes sete colaboradores dos Apóstolos designados para um serviço específico, levará a fazer compreender mais tarde, que este acto de eleição seja compreendido como o ministério diaconal, pelo serviço às mesas a que foram sujeitos. No entanto, para além desse serviço específico, eles também tiveram na comunidade oriunda do mundo grego, funções idênticas às dos Apóstolos, como a pregação e o anúncio da Palavra²⁸¹.

Neste período apostólico, o termo diaconia era essencialmente aplicado, em primeiro lugar, aos serviços materiais necessários à comunidade, que funcionava unida, em comunhão de bens, já que tudo era posto em comum (Act 2, 44; 4, 32-37; 5, 1-6), onde todos se sentiam servidores dos irmãos, fosse pela palavra ou pela caridade. Depois pelo anúncio da Palavra, quer pelos Apóstolos, como Pedro e João (Act 3, 11), ou pelos recém eleitos Filipe, na Samaria e Estevão entre os estrangeiros (Act 6, 9), que o levaram ao martírio.

Pedro, na sequência do encargo recebido do Mestre para «apascentar os cordeiros» (Jo 21, 15ss), desenvolve o seu ministério como dirigente da comunidade de Jerusalém e do

²⁷⁷ *Ibidem*, 44.

²⁷⁸ Cf. J. C. CARVALHO, “A linguagem ministerial e a organização dos Ministérios nas Igrejas de Paulo”, in *Bíblica*, Série Científica, Difusora Bíblica, Ano X, Novembro 2001, 84.

²⁷⁹ Cf. R. ARNAU-GARCIA, *Orden y Ministerios*, 44.

²⁸⁰ Cf. J. C. CARVALHO, “A linguagem ministerial e a organização dos Ministérios nas Igrejas de Paulo”, 85.

²⁸¹ Cf. F. A. FIGUEIREDO, *Curso de Teologia Patrística*, Vol. I, Vozes, Petrolópolis, 1984, 62.

grupo dos “doze”, desempenhando um papel relevante na eleição de Matias (Act 1, 15), na pregação (Act 2, 14), em curas e no baptismo do centurião Cornélio, entre outros²⁸².

1.2. S. Paulo

Paulo de Tarso é um dos exemplos paradigmáticos do ser discípulo de Cristo. Ele que não conhecera Jesus, após a sua (re)conversão, muda toda a sua vida, realizando uma tarefa semelhante à dos Apóstolos, anunciando Jesus Cristo entre o mundo pagão. Sente-se irmanado do mesmo Espírito que os discípulos de Jesus e, por não querer agir à revelia de Pedro, vai a Jerusalém para apresentar, aos mais notáveis, o Evangelho que pregava entre os gentios²⁸³.

Paulo considera o seu trabalho apostólico como um serviço (Act 20, 24; 21, 19) sendo frequente, nos textos por ele escritos, o uso do termo *diakonía* para indicar a obra por si realizada. Sente-se um homem enviado por Deus e, pelo chamamento, pela força recebida de Jesus, Paulo considera-se investido para o ministério (1Tm 1, 12).

Dá principal relevo ao anúncio do Evangelho, à proclamação da Palavra, que considera um ministério (1Tm 4, 13), o qual ele realiza (Ef 3, 7; Cl 1, 23) bem como outros seus colaboradores (Ef 6, 21; Cl 1, 7).

Em S. Paulo observamos que diácono é o servidor do Evangelho²⁸⁴. Chama também *diakonía* ao serviço de apoio aos necessitados, tal como foi por ele promovida a recolha e entrega de dinheiro para suprir as necessidades dos cristãos em Jerusalém (2Co 8, 4; 9, 1.12-13; Rm 15, 31), considerando este trabalho como “servir os santos” (Rm 15, 25)²⁸⁵.

²⁸² *Ibidem*, 75.

²⁸³ *Ibidem*, 78.

²⁸⁴ Cf. A. WEISER, “διακονεω”, in G. SCHNEIDER, H. BALZ, *DENT*, Vol. I, Ediciones Sígueme, Salamanca, 2012, 919.

²⁸⁵ Cf. W. BEYER, “διακονέω”, in KITTEL, G., *Grande Lessico del Nuovo Testamento*, Vol. II, Paideia, Brescia, 1966, 965.

Os textos bíblicos de S. Paulo, ou a ele atribuídos, apresentam-nos uma constante, a de que o Apóstolo dos gentios se considerava como *δούλος* do Senhor que o envia²⁸⁶, na sua tarefa de difundir a Boa Nova de Jesus Cristo.

Considera-se servidor da comunidade (Cl 1, 25) através de um serviço orientado pelos ditames do Evangelho (Cl 1, 23), do qual se sente servidor de Deus (2Co 6, 4), de Cristo (2Co 11, 23), da Nova Aliança (2Co 3, 6-10) e da Igreja (Cl 1, 25), para servir a saúde das almas dos seus irmãos (2Co 5, 18ss)²⁸⁷.

Mas não só ele se considera este servo de Cristo ou de Deus (Rm 1, 1; Gl 1, 10; Fl 1, 1; Cl 1, 7; Tt 1, 1), como do mesmo modo trata alguns dos seus colaboradores, como Silvano e Timóteo, por “Apóstolos de Cristo” (1Ts 2, 7), por exercerem igualmente diaconia ao levar para Tessalónica o “Evangelho de Deus” (1Ts 1, 5; 2, 2.4.8)²⁸⁸, pedindo aos seus auditores que, à imagem da sua própria vida, também eles sejam imitadores de Cristo (1Co 11, 1)²⁸⁹.

Assim o fizeram os Tessalonicenses tornando-se modelo para os crentes da Macedónia e da Acaia²⁹⁰, mas outros mais como Timóteo (1Tm 1, 2), Onesíforo (2Tm 1, 18), Marcos (2Tm 4, 11)²⁹¹, ou Barnabé companheiro de viagem do Apóstolo poderão ser igualmente considerados diáconos de Jesus, pelo modo como contribuíram para a divulgação e testemunho do Evangelho.

1.3. Período Pós-apostólico

O Livro dos Actos dos Apóstolos refere-nos que, pelo testemunho e acção dos Apóstolos e de outros eleitos no anúncio da Palavra, muitas outras pessoas se tornaram discípulos de

²⁸⁶ Cf. G. SCHNEIDER, “*ακολουφέω*”, in G. SCHNEIDER, H. BALZ, *DENT*, Vol. I, Ediciones Sígueme, Salamanca, 2012, 430.

²⁸⁷ Cf. W. BEYER, “*διακονέω*”, 968.

²⁸⁸ Cf. G. LEONARDI, “Apóstol/Discípulo”, in A. GIRLANDA, G. RAVASI, P. ROSSANO, *NDTB*, Ediciones Paulinas, Madrid, 1990, 145.

²⁸⁹ Cf. X. LÉON-DUFOUR, *VTB*, Editorial HERDER, Barcelona, 1965, 225.

²⁹⁰ *Idem*.

²⁹¹ Cf. A. WEISER, “*διακονέω*”, 919.

Jesus. Ananias que recuperou Paulo (Act 9, 10), Silas (Act 15, 27), mas também algumas mulheres como Tabitá (Act 9, 36), ou outras (Act 17, 12; 21, 9).

Também S. Paulo fala de várias pessoas, onde se incluem mulheres, que asseguravam o serviço em várias Igrejas. Febe, diaconisa ao serviço de Cêncreas (Rm 16, 1), o casal Priscila e Áquila que recebiam a assembleia em sua casa (1Co 16, 9), Urbano cooperador em Cristo (Rm 16, 9) e outros que se dedicavam ao serviço do Evangelho como Apolo (1Co 3, 5), Tíquico (Cl 4, 7; 6, 21), Epafras (Cl 1, 7), Epafrodito (Ef 2, 25) a quem é confiado um ministério e o título de ministro²⁹², bem como o caso paradigmático de Timóteo²⁹³ a quem chama diácono de Deus (1Ts 3, 2) e servidor de Cristo (1Tm 4, 6), e ao qual exorta a ser um exemplo para os outros (1Tm 4, 14).

Com a abertura da Igreja aos gentios, em particular por S. Paulo, o ministério é renovado. A Igreja nascente torna-se essencialmente missionária, passando a existir dois tipos de ministros: os estáveis e os itinerantes²⁹⁴. O serviço da Palavra recebe maior destaque pelo que, pela sua eficácia e aumento do número de crentes, vai crescendo também o número dos que para além de anunciar o Evangelho, vão igualmente fundando novas comunidades. Para este serviço missionário surgem ministros denominados: apóstolos, profetas e doutores²⁹⁵.

Estes apóstolos eram encarregados de anunciar o Evangelho e construir novas comunidades, secundando os Apóstolos de Jesus, tornando-se seus colaboradores, agindo na sua dependência ou de modo autónomo²⁹⁶.

Os profetas eram os missionários que estavam incumbidos de estimular a comunidade, animando-a a seguir a doutrina do Senhor²⁹⁷, fazendo a pregação da homília nas assembleias eucarísticas²⁹⁸, ocupando assim uma posição de relevo.

²⁹² Cf. R. ARNAU-GARCIA, *Orden y Ministerios*, 50.

²⁹³ Cf. J. C. CARVALHO, "A linguagem ministerial e a organização dos Ministerios nas Igrejas de Paulo", 91.

²⁹⁴ Cf. R. ARNAU-GARCIA, *Orden y Ministerios*, 65.

²⁹⁵ Cf. C. FLORISTAN, *Teologia Practica*, Ediciones Sigueme, Salamanca, 1998, 284.

²⁹⁶ Cf. F. A. FIGUEIREDO, *Curso de Teología Patristica*, Vol. I, 34.

²⁹⁷ Cf. R. ARNAU-GARCIA, *Orden y Ministerios*, 67.

²⁹⁸ Cf. F. A. FIGUEIREDO, *Curso de Teología Patristica*, Vol. I, 35.

Os doutores eram os catequistas da mensagem de Jesus²⁹⁹. Eram os mestres que ensinavam a Palavra de Deus ao estilo dos rabinos.

1.4. O ministério eclesial

A pregação da Boa Nova de Jesus e o testemunho dos seus seguidores foram facilitados pelas vias de comunicação construídas pelo Império Romano, permitindo que a mensagem chegasse também, de forma segura, a toda a zona mediterrânica.

Como já vimos, quer pelos Apóstolos quer por S. Paulo e respectivos discípulos, foram-se formando várias comunidades. Em cada uma foi-se dando início à criação de estruturas de coordenação, para se poder preservar a unidade, a fidelidade e a defesa da Palavra, a par do serviço aos necessitados.

Os relatos do NT permitem-nos verificar que ainda no tempo dos Apóstolos existia uma hierarquia governativa que vê depois prolongada a sua acção.

As comunidades judaicas encontravam-se organizadas e coordenadas por um conselho de anciãos, os *πρεσβύτεροι*. Também S. Paulo e Barnabé foram estabelecendo este tipo de organização em todos os lugares que passavam e fundavam igrejas, colocando à sua frente *presbíteroi* para as dirigir (Act 14, 23)³⁰⁰.

É assim que as comunidades judaico-cristãs se vão organizando a partir do modelo presbiteral próprio da comunidade de Jerusalém, surgindo a distinção, como ministério, dos *ἐπίσκοποι*, *presbíteroi* e *διάκονοι*³⁰¹, de acordo com o que se verificava no mundo judaico e grego com as funções de supervisão ou do serviço aos pobres, constituindo a evolução interna da organização da Igreja nascente³⁰².

²⁹⁹ Cf. C. FLORISTAN, *Teologia Practica*, 284.

³⁰⁰ Cf. X. LÉON-DUFOUR, *VTB*, 474.

³⁰¹ Cf. C. FLORISTAN, *Teologia Practica*, 285.

³⁰² Cf. J. C. CARVALHO, “A linguagem ministerial e a organização dos Ministérios nas Igrejas de Paulo”, 102.

Por *presbíteroi*, ou anciãos, eram considerados no judaísmo as pessoas de idade avançada³⁰³ ou os elementos que, fazendo parte da nobreza laica, pertenciam ao sinédrio e que perseguiram os Apóstolos em Jerusalém³⁰⁴. Nas comunidades cristãs representavam a autoridade moral da comunidade, devendo ter uma conduta irrepreensível nas relações familiares e na sua função de ensino, anúncio da Palavra e de supervisão (1Tm 3, 5)³⁰⁵. São os que se reúnem como *presbiterium*, chefiados por Tiago (Act 15, 2.4.6.22ss), com os Apóstolos e S. Paulo na Assembleia de Jerusalém.

Episkopos, embora possa designar pela terminologia grega vários ofícios, tem no seu sentido religioso o conceito de protector, vigilante, surgindo em textos do NT associado à imagem do pastor³⁰⁶. São apresentados estando colocados à frente das comunidades velando por elas.

Diákonos é aquele que, de acordo com a etimologia da palavra, está ao serviço de alguém. Era o servidor, ou melhor, o colaborador do *episkopos* na sua função de vigilância³⁰⁷.

Este modelo de organização das comunidades torna-se o embrião do ministério hierárquico e da futura hierarquia da Igreja³⁰⁸, tal como nos é indicado quer nos textos bíblicos quer pelos primeiros escritos cristãos.

Algumas das Cartas de S. Paulo referem-nos a existência em cada comunidade de um só bispo, que Tito ia estabelecendo de cidade em cidade³⁰⁹, que devia ser escolhido cuidadosamente (1Tm 3, 1-7), aparentemente entre os presbíteros (Tt 1, 5-9)³¹⁰, e que, sendo ele o mestre dessa comunidade (1Tm 4, 11-16), deveria ser exemplo de vida para todos (1Tm

³⁰³ Cf. J. ROHDE, “πρεσβύτερος”, in G. SCHNEIDER, H. BALZ, *DENT*, Vol. II, Ediciones Sígueme, Salamanca, 2012, 1223.

³⁰⁴ *Ibidem*, 1220.

³⁰⁵ Cf. J. C. CARVALHO, “A linguagem ministerial e a organização dos Ministérios nas Igrejas de Paulo”, 99.

³⁰⁶ Cf. J. ROHDE, “ἐπίσκοπος”, in G. SCHNEIDER, H. BALZ, *DENT*, Vol. I, Ediciones Sígueme, Salamanca, 2012, 1528.

³⁰⁷ Cf. F. A. FIGUEIREDO, *Curso de Teología Patristica*, Vol. I, 67.

³⁰⁸ Cf. R. ARNAU-GARCIA, *Orden y Ministerios*, 66.

³⁰⁹ Cf. K. H. SCHEKLE, *TNT*, Vol. IV, Editorial Herder, Barcelona, 1978, 289.

³¹⁰ Cf. X. LÉON-DUFOUR, *VTB*, 475.

2, 3-7). Também por estas razões se pode depreender tratar-se de um ministério estável e fixo ao qual seria lícito aspirar (1Tm 3, 1)³¹¹.

A conduta da comunidade, na concretização dos vários serviços ou ministérios existentes, levou à origem do ofício dos diáconos, referido pela primeira vez em (Fl 1, 1)³¹², colocados junto ao bispo e que, tal como este, deveriam estar sujeitos a determinadas regras para a sua eleição (1Tm 3, 8-13).

Ainda nesta época são instituídos em cada cidade um colégio de presbíteros confinados a regras próprias (Tt 1, 5-6)³¹³. Também Pedro, na sua primeira Carta, fala como presbítero aos anciãos que estavam à frente das comunidades da diáspora (1Pe 1, 1), exortando-os a apascentar o rebanho de Deus (1Pe 5, 2), querendo mostrar, pelas suas palavras, que o ministério é serviço pontual de entrega e preocupação³¹⁴.

Também S. Tiago se sente servo do Senhor e, na sua Carta dirigida à comunidade de Israel, refere a existência de presbíteros, aos quais exorta a dar resposta com sua presença e acção pela unção se alguém da comunidade estiver doente (Tg 5, 14).

Neste período, na Igreja, a função de bispos e presbíteros é, no sentido geral, a pastoral, isto é, tem por objectivo guiar e custodiar as jovens comunidades cristãs³¹⁵. Não se falava em ordenação mas em eleição para qualquer um destes ministérios³¹⁶.

A eleição era modo de proceder do judaísmo sinagoga³¹⁷. O bispo tal como os diáconos eram escolhidos de acordo com as suas capacidades e competências e, se para o ministério episcopal era exigida a hospitalidade e o saber ensinar (1Tm 3, 2)³¹⁸, ao diácono era solicitada a disponibilidade para servir a comunidade em estreita ligação com o bispo, como se

³¹¹ Cf. H. SCHELKLE, K., *TNT*, 309.

³¹² Cf. A. WEISER, “διακονεω”, 915.

³¹³ Cf. X. LÉON-DUFOUR, *VTB*, 474.

³¹⁴ Cf. H. SCHELKLE, K., *TNT*, 274.

³¹⁵ Cf. S. DIANICH, “Ministerio”, in L. PACOMIO, F. ARDUSSO, G. FERRETI, G. MOIOLI, D. MOSSO, G. PIANO, L. SERENTHA, *DTI*, III, Ediciones Sigueme, Salamanca, 1982, 522.

³¹⁶ Cf. R., ARNAU-GARCIA, *Orden y Ministerios*, 67.

³¹⁷ Cf. K. H. SCHELKLE, *TNT*, 274.

³¹⁸ *Ibidem*, 309.

depreende do texto característico do ofício dos diáconos fazendo referência à sua íntima conexão com o bispo (1Tm 3, 8-13)³¹⁹.

O acto de nomeação ou eleição era precedido da imposição das mãos tal como aconteceu com Paulo, Barnabé, Timóteo e muitos outros. Era um rito usual no AT (Nm 27, 21-23; 2Rs 13, 16). Também os rabinos, conforme costume desde o século I d.C., eram instituídos, como mestres dotados de autoridade, mediante a imposição das mãos³²⁰.

Observamos assim que, nos textos de S. Paulo, não é referida a instituição de um ministério próprio e verdadeiro, tal como conhecemos de bispos, presbíteros e diáconos, nem de um rito próprio da imposição das mãos. Porém, outros textos posteriores testemunham a necessidade premente de procurar ministros instituídos de modo estável, mediante o rito de imposição das mãos, para a direcção espiritual da comunidade³²¹.

2. Dos Padres da Igreja ao Concílio Vaticano II

Na Igreja Primitiva do século I, onde a “fracção do pão” e a oração eram feitas nas casas e a ajuda aos pobres uma realidade que exigiu um serviço especial de solidariedade, os pagãos eram mais atraídos pela diaconia dos cristãos do que pela pregação acerca de Jesus. A diaconia era vista como serviço de entrega ao outro paralelamente com a pregação do Evangelho³²², de tal modo que, de acordo com o testemunho escrito de Tertuliano, os pagãos reagiam em relação aos cristãos com admiração, pelo que faziam uns aos outros, pela entrega de dinheiro e bens para o sustento dos pobres, órfãos, presos ou abandonados, levando-os a afirmar «vede como eles se amam»³²³.

³¹⁹ Cf. W. BEYER, “διακονέω”, 973.

³²⁰ Cf. K. H. SCHELKLE, *TNT*, 276.

³²¹ Cf. S. DIANICH, “Ministerio”, 520.

³²² Cf. C. FLORISTAN, *Teología Práctica*, 654.

³²³ Cf. TERTULIANO, Q.S.F., *Apologético*, tradução de J. C. Miranda, Edição Bilingue, Alcalá, Lisboa 2002, 463.

No início do século II d.C. a Igreja Primitiva, embora mantendo o carácter missionário, vai-se sedentarizando. Vive uma posição estável centrada na celebração semanal da mesa da Palavra e da Eucaristia através de bispos e diáconos³²⁴, paralelamente com os ministros itinerantes (apóstolos, profetas e doutores) de cariz missionário.

A *Didaché* é o texto mais antigo que nos permite constatar que, no final do século I princípio do século II d.C., na Igreja oficialmente só existem dois ministérios: o dos bispos e o dos diáconos, ambos por eleição³²⁵.

Clemente de Roma, bispo, ainda neste período, de acordo com o preceituado na *Didaché*, indica que o bispo/ presbítero está vinculado ao culto, à celebração da Eucaristia³²⁶, da qual é o presidente. Refere-se aos graus da hierarquia eclesial, falando apenas de bispos e diáconos, sem referência explícita aos presbíteros, talvez porque nesse tempo a função de bispos e presbíteros fosse a mesma³²⁷.

Na *I Carta aos Coríntios*, Clemente de Roma parece querer indicar uma ideia de sucessão apostólica ao referir bispos, presbíteros e diáconos em separado e por esta ordem, dizendo que os diáconos devem estar relacionados com a comunidade a par de Cristo, como o bispo a par de Deus³²⁸.

A partir desta época começa então a ser desenhada e desenvolvida uma teologia de sucessão, onde a continuidade do ministério é centrada na figura do bispo, cabeça da Igreja, como garantia da ortodoxia, ou seja, da fidelidade à mensagem original³²⁹.

A ideia de uma hierarquia funcional e formal é mantida no texto *Pastor de Hermas*, quando fala de dignidade dos presbíteros da Igreja, referindo que são os que presidem, os que devem ocupar os primeiros lugares e que é diante deles que é proclamada a mensagem da

³²⁴ Cf. I. P. LAMELAS, *As origens do Cristianismo Padres Apostólicos*, Paulus Editora, 2016, 237.

³²⁵ Cf. R. ARNAU-GARCIA, *Orden y Ministerios*, 68.

³²⁶ Cf. F. A. FIGUEIREDO, *Curso de Teología Patristica*, Vol. I, 68.

³²⁷ Cf. I. P. LAMELAS, *As origens do Cristianismo Padres Apostólicos*, 56.

³²⁸ Cf. W. BEYER, “διακονέω”, 981.

³²⁹ Cf. S. DIANICH, “Ministerio”, 524.

Igreja³³⁰. Por outro lado exalta as características dos bispos no seu ministério como homens puros, hospitaleiros, protectores dos mais necessitados³³¹.

Também Policarpo de Esmirna, bispo e mártir, fala da hierarquia eclesiástica reconhecendo a existência de um colégio de presbíteros que preside à comunidade e ao qual se unem os diáconos³³².

Com Santo Inácio de Antioquia parece ficar definitivamente estabelecida a hierarquia ministerial da Igreja, assente nos bispos que ocupam o lugar de Deus, nos presbíteros que junto do bispo se podem assemelhar aos Apóstolos à volta de Cristo, e nos diáconos que, ligados ao bispo e aos presbíteros, devem ser imagem do Cristo servo³³³.

Nesta divisão hierárquica tripartida, os ministérios estavam definidos de acordo com o grau. O bispo, ou eventualmente um seu delegado, era o único que presidia aos sacramentos (Eucaristia e Baptismo), era coadjuvado pelos presbíteros, que formavam um grupo corporativo e tinham funções pastorais e cultuais, aos quais os fiéis deviam obediência³³⁴. Os diáconos, pessoas dedicadas ao serviço da comunidade, à prática da caridade, eram os “companheiros de serviço do bispo”³³⁵.

Com Hipólito de Roma, na sequência da dicotomia entre os ministérios da Igreja e o povo, efectuada por Tertuliano³³⁶, é estabelecida a hierarquia através de ministros ordenados³³⁷, isto é, já não são escolhidos mas sim ordenados, passando a pertencer a uma ordem.

Como podemos constatar, neste período, a diaconia na Igreja passou de um serviço de proximidade, de tentativa de imitação de Jesus ou dos seus seguidores, para um serviço

³³⁰ Cf. R. ARNAU-GARCIA, *Orden y Ministerios*, 74.

³³¹ Cf. M. M. RODRIGUEZ, *Padres Apostólicos*, Biblioteca Patristica 50, Ciudad Nueva, 2000, 490.

³³² Cf. R. ARNAU-GARCIA, *Orden y Ministerios*, 75.

³³³ Cf. M. M. RODRIGUEZ, *Padres Apostólicos*, 269.

³³⁴ *Idem*.

³³⁵ Cf. F. A. FIGUEIREDO, *Curso de Teología Patristica*, Vol. I, 69.

³³⁶ Cf. R. ARNAU-GARCIA, *Orden y Ministerios*, 81.

³³⁷ Cf. K. H. SCHELKLE, *TNT*, 298.

normalizado, onde a evangelização ocupava lugar de maior destaque, seguida do serviço cultural e apoio aos mais necessitados.

O ministério inicialmente começado pelos Apóstolos e por outros discípulos, que iam abraçando a fé em Jesus Cristo, foi-se estruturando em torno das comunidades que iam sendo fundadas com base nos episcopos, presbíteros e diáconos.

Os *epískopoi*, inicialmente supervisores, tornaram-se os vigilantes, pela correcta transmissão da doutrina, presidentes das comunidades e administradores dos Sacramentos³³⁸.

Os presbíteros, antigos anciãos³³⁹, pastores da comunidade, eram auxiliares do bispo nos campos da pastoral e dos sacramentos.

Os diáconos mantiveram sempre o sentido do serviço à comunidade, pela ajuda aos mais necessitados, as visitas aos presos e doentes, a distribuição da Eucaristia aos que não podiam ir à celebração, e a disponibilidade de assistir o bispo da comunidade. A administração dos bens era também uma das suas funções, tendo inclusivamente acontecido que, cerca do ano 250, o bispo Fabiano dividiu a cidade de Roma em sete distritos que confiou a diáconos para administrar³⁴⁰.

Finalmente referir, quanto aos ministérios eclesiásticos, que no século III d.C., com a expansão das comunidades e o aumento do número de fiéis, foram criados novos ministérios e ofícios para suprir as necessidades pastorais, litúrgicas e sócio-caritativas. Surgem assim, os subdiáconos como ajudantes dos diáconos na administração dos bens materiais, os acólitos para ajudar no serviço litúrgico, os leitores para ler as Sagradas Escrituras durante as celebrações, os ostiários para vigiar as entradas dos locais de celebração, como também exorcistas para expulsar demónios.

Para além do que foi referido no que concerne ao serviço ou ministério feito por Apóstolos e/ ou discípulos de modo individual, ou no exercício de um ministério eclesiástico,

³³⁸ Cf. F. A. FIGUEIREDO, *Curso de Teología Patristica*, Vol. I, 67.

³³⁹ Cf. K. H. SCHEKLE, *TNT*, 297.

³⁴⁰ Cf. W. BEYER, “*διακονέω*”, 982.

muitas outras acções foram tomados na divulgação ou defesa da mensagem de Cristo, por parte de individualidades conhecidas ou anónimas.

Referimo-nos, entre outros, às centenas ou milhares de cristãos que depois de abraçar a fé em Jesus, foram perseguidos, torturados ou mortos, por serem discípulos e servidores do mesmo Jesus.

O martírio está ligado à vocação baptismal. A afirmação de ser cristão é consequência da adesão total a Cristo³⁴¹ e desde o início do cristianismo os cristãos entenderam o martírio como uma imitação de Cristo, isto é, um modo de tornar Cristo crucificado presente e actual no meio dos homens³⁴².

Homens e mulheres como Estevão (Act 6, 8-7, 61) que não renunciaram afirmar o amor a Jesus, os doze cristãos que no Norte de África foram decapitados por confessar viver segundo o rito cristão e possuir livros de S. Paulo³⁴³, ou o bispo Policarpo que já condenado afirmou “há 86 anos que sirvo Cristo. Como posso blasfemar contra o Rei que me salvou?”³⁴⁴, e tantos outros que ao longo dos quase três séculos de perseguição do cristianismo, foram exemplo de vida e de entrega como verdadeiros discípulos ao serviço de Deus e da Igreja pelo amor a Jesus Cristo.

Houve igualmente outros homens e mulheres que serviram a Igreja nascente catequisando³⁴⁵, tratando doentes, providenciando alimento ou outros bens, mas igualmente pela arte, pintada ou escrita, fazendo chegar a mensagem de Jesus aos que queriam abraçar a fé.

Nos inícios do século III, homens e mulheres tornam-se discípulos de Jesus desempenhando a função do ensino da fé cristã como preparação para o Baptismo. Personagem marcante na história da Igreja foi Orígenes de Alexandria que apenas com 18

³⁴¹ Cf. F. A. FIGUEIREDO, *Curso de Teología Patristica*, Vol. I, 102.

³⁴² *Ibidem*, 103.

³⁴³ Cf. R. T., ETCHEVERRIA, *Patrología*, Biblioteca de Autores Cristianos, Madrid, 1994, 92.

³⁴⁴ *Ibidem*, 94.

³⁴⁵ Cf. F. A. FIGUEIREDO, *Curso de Teología Patristica*, Vol. II, 25.

anos foi escolhido pelo seu bispo para dirigir este tipo de catequese aos catecúmenos³⁴⁶. Uma instrução que estes discípulos/ catequistas faziam ao longo de cerca de três anos como caminhada para o acesso à Igreja, referida já por Hipólito de Roma³⁴⁷.

Embora na Igreja qualquer pessoa, homem ou mulher, pudesse exercer um ministério cristão, particularmente no âmbito sócio-caritativo, a realidade é que só os homens chegavam a ser diáconos, presbíteros ou bispos³⁴⁸.

Era no bispo que estava concentrada toda a responsabilidade do ministério da Igreja Local. Era ele que ordenava os presbíteros e diáconos, surgindo até ao final do século V o “ofício de clero”, originando a separação entre fiéis e clérigos³⁴⁹.

Com Leão Magno é fixado o rito de imposição das mãos como sinal externo de ordenação. Para os bispos e presbíteros, o bispo ordenava impondo as mãos em vista ao sacerdócio e para os diáconos sem imposição das mãos somente para o ministério³⁵⁰.

No primeiro milénio o ministério presbiteral era entendido no sentido da presidência da comunidade, no entanto a partir do século XI passou a ser sinónimo de presidência do sacramento da Eucaristia. No Concílio de Latrão (1215) é definido que para presidir à Eucaristia deve haver um sacerdote devidamente ordenado³⁵¹.

Se nos primeiros tempos do cristianismo a comunidade, de acordo com as necessidades, convidava os mais aptos a assumir determinado ministério, observamos que, nesta época surge o conceito de “ordem” na Igreja, à semelhança do que se verificava com os governantes, cavaleiros, etc.. Foi o tempo em que o próprio ministério eclesiástico se afastou do seu conceito primário de serviço, passando a ser mais um acto institucional, público e ritual³⁵².

³⁴⁶ Cf. F. A. FIGUEIREDO, *Curso de Teología Patristica*, Vol. II, 88.

³⁴⁷ *Ibidem*, 25.

³⁴⁸ Cf. C. FLORISTAN, *Teología Practica*, 283.

³⁴⁹ *Ibidem*, 301.

³⁵⁰ Cf. LEON MAGNO, “Statuta Ecclesiae Antiqua, a mediados o a fines del siglo V”, in H. DENZINGER, P. HÜNERMANN, *EL Magisterio de la Iglesia, Enchiridion Symbolorum Definitionum et Declarationum de Rebus Fidei et Morum*, Herder Editorial, S.L., Barcelona, 2006, 173.

³⁵¹ Cf. INOCENCIO III, “Concilio IV de Latrán”, in H. DENZINGER, P. HÜNERMANN, *EL Magisterio de la Iglesia, Enchiridion Symbolorum Definitionum et Declarationum de Rebus Fidei et Morum*, Herder Editorial, S.L., Barcelona, 2006, 359.

³⁵² Cf. C. FLORISTAN, *Teología Practica*, 302.

Mas é igualmente o tempo em que muitos homens, a coberto do fenómeno das descobertas, se tornaram missionários, à semelhança dos seus antecessores do século I, difundindo a mensagem, a Palavra, o Evangelho de Cristo, pelos “novos mundos”. O sentido da diaconia é retomado com outra energia pela criação e desenvolvimento das Ordens Mendicantes cujo espírito era “servir Cristo é servir os pobres”.

Posteriormente, com o surgir de novas realidades sociais decorrentes da revolução industrial, a Igreja, embora mantendo e justificando o binómio clérigos-fiéis como os que ensinam e os que aprendem³⁵³, inicia um novo processo de evangelização, inserindo-se nas cidades e nos campos, nas fábricas e nas herdades agrícolas, mostrando preocupação pelos mais desprotegidos ou explorados, à semelhança do que fez Jesus.

É o tempo em que surgem os movimentos laicais, no âmbito da evangelização, da pastoral litúrgica, sócio-caritativa, bíblica, etc., que irá conduzir a uma resposta da Igreja ao mundo através do Concílio Vaticano II.

3. O Concílio Vaticano II

O Concílio Vaticano II é um marco histórico importante para a Igreja e para a Humanidade, já que, entre os vários âmbitos dos estudos teológicos, foi afirmado que a Igreja é “servidora do mundo”, levando assim a entender a diaconia como missão da Igreja, no seguimento de Cristo a partir do Evangelho³⁵⁴.

Este seu olhar, o seu abrir ao exterior e o querer respirar o mesmo ar do mundo, pode ser traduzido pela afirmação de O. Fuchs “A finalidade da Igreja é viver para os outros”³⁵⁵. Entendendo esta afirmação como um querer voltar às origens, faz igualmente sentido pensar como D. Bonhöffer e ver a Igreja ao serviço do homem, de qualquer ser humano, mas

³⁵³ *Ibidem*, 289.

³⁵⁴ *Ibidem*, 655.

³⁵⁵ *Idem*.

principalmente dos pobres, marginalizados, descrentes, estrangeiros, pecadores, de acordo com o que escreveu “a Igreja é Igreja só quando existe para os outros”³⁵⁶.

A Igreja quis recuperar o conceito de diaconia, onde então falar de ministério não é ter presente a pessoa do executor, do ministro, mas sim o agir de acordo com as palavras e mensagem que Jesus nos deixou «Ide, pois, fazei discípulos de todos os povos» (Mt 28, 19) e «sereis minhas testemunhas (...) até aos confins do mundo» (Act 1, 8)³⁵⁷.

A ideia de serviço passa a ser o seu ponto central e no ministério da Igreja, que até então estava reservado exclusivamente aos sacerdotes e bispos pela “sacerdotização da diaconia”, passam a poder participar também os fiéis leigos³⁵⁸.

O termo ministério pretende deixar simplesmente querer indicar uma função, mas antes um serviço baseado no amor fraterno, no amor “ágape” (Jo 13, 1b), no qual todos os baptizados podem e devem participar segundo o exemplo de Jesus «Ora se Eu, o Senhor e o Mestre, vos lavei os pés, também vós deveis lavar os pés uns aos outros» (Jo 13, 14).

Tal como na Igreja Primitiva, a opção pelos pobres continua a ser prioridade e característica da diaconia. Uma forma de diaconia cristã que, agora, não é somente para os que não têm recursos materiais, mas para todos aqueles que têm necessidade do outro ou dos outros, por não serem capazes de viver para si mesmos, onde se incluem não só os pobres, doentes, presos, drogados, desempregados, refugiados mas também aqueles de coração pobre ou duro como o dos ricos, orgulhosos dos seus bens efêmeros³⁵⁹.

Para a Igreja do CV II, servir o mundo, ser diácono de Cristo neste tempo, é estar, a exemplo de Jesus, em todos os sectores da sociedade, não só na Igreja Local, mas igualmente na economia, na política, nas Forças Armadas, nas associações, no desporto, etc..

³⁵⁶ *Idem.*

³⁵⁷ *Ibidem*, 288.

³⁵⁸ *Ibidem*, 289.

³⁵⁹ *Ibidem*, 656.

Os ministros devem sentir-se missionários, mostrar-se disponíveis e preparados para o serviço do Evangelho, vivido quer na comunidade quer em outro qualquer local da sociedade em que estejam inseridos³⁶⁰.

A Igreja através do CV II, graças às transformações propostas pelos membros conciliares, reconheceu que o ministério cristão deve ser serviço evangélico de toda a Igreja³⁶¹. Um ministério que é serviço de todos e para todos os crentes nas várias áreas da evangelização, da celebração litúrgica, do apoio sócio-caritativo, no desenvolvimento comunitário e na promoção da liberdade humana³⁶².

Neste olhar e abertura *ad intra* da Igreja, o ministério é renovado a partir da praxis eclesial, passando a ser tarefa de todo o Povo de Deus³⁶³, como nos refere a LG 10 «ofereçam-se todos os discípulos de Cristo como hóstias vivas, (...), dêem testemunho de Cristo em toda a parte».

A Igreja é então Povo de Deus, em cujo interior, e pelo serviço, estão todos os ministros³⁶⁴, clérigos, religiosos e leigos, que pelo Baptismo se tornaram, à imagem de Cristo, sacerdotes, profetas e reis, sendo chamados por isso a participar na missão profética do Filho de Deus, dando testemunho vivo d'Ele, especialmente pela vida de fé e de caridade (LG 12).

Pelo mandato solene de anunciar Jesus Cristo, que a Igreja recebeu dos Apóstolos, deve cada um dos seus ministros, como discípulos de Cristo, participar não só no anúncio mas igualmente na responsabilidade de espalhar a fé (LG 17).

Embora mantendo a hierarquia ministerial e a distinção entre clero e fiéis, onde o clero continua na posse do poder sacramental, da interpretação do Evangelho e da decisão do governo pastoral, observamos que após o CV II, os leigos passaram a ter acesso às

³⁶⁰ *Ibidem*, 293.

³⁶¹ *Ibidem*, 281.

³⁶² *Ibidem*, 282.

³⁶³ *Ibidem*, 287.

³⁶⁴ *Ibidem*, 289.

responsabilidades pastorais e à participação activa de modo mais pleno na vida das Igrejas Locais e respectivas comunidades pastorais³⁶⁵.

Os leigos, aqueles que não receberam uma ordem sacra ou os religiosos (LG 31), são chamados a anunciar e testemunhar Jesus nos meios seculares onde estão inseridos, pela profissão, actividade ou família, mostrar que a Igreja é o “sal da terra”, e colaborar directamente com o apostolado da hierarquia (LG 33), tal como tantos homens e mulheres o fizeram ao longo da história da Igreja. Podem igualmente realizar ministérios legitimamente litúrgicos, como a proclamação de leituras, a animação do canto ou da oração, o serviço do altar (SC 29) e a distribuição extraordinária da sagrada Eucaristia sobretudo aos doentes.

No âmbito da pastoral, podem cooperar com o clero na preparação dos Sacramentos, na evangelização através da catequese, na animação de grupos bíblicos, como responsáveis de movimentos eclesiais, etc.. Têm relevado empenho no sistema sócio-caritativo de que toda a Igreja é responsável.

Os leigos, em qualquer ministério que estejam envolvidos, não se podem considerar subalternizados ao ministério ordenado, pois na Igreja, ser “ministro” deve ser entendido como serviço e não como privilégio de poder (IGMR 60).

Uma das novidades do CV II é que, para além da afirmação dos ministérios ordenados, surgiram novos ministérios não ordenados aos quais os leigos têm acesso. Estes ministérios não ordenados, a saber, os instituídos e os reconhecidos, que se designam pelo CDC como “um serviço estável” conferido por um rito litúrgico (Cân. 230. 1.), surgem na prática para que a responsabilidade, sobretudo da comunidade, não resida unicamente no presbítero³⁶⁶.

É assim que são instituídos, por decisão do Magistério só homens (as mulheres ainda estão excluídas), não ordenados, os leitores e acólitos destinados ao serviço permanente da Palavra e do altar.

³⁶⁵ *Ibidem*, 286.

³⁶⁶ *Ibidem*, 290.

Os ministérios não instituídos, ou somente reconhecidos, embora tenham um carácter oficial, são serviços temporais e espontâneos como é o caso do animador da liturgia ou do canto, os leitores, acólitos, ou ministros extraordinários da comunhão, podendo ser feitos por homens ou mulheres³⁶⁷.

Quanto ao ministério ordenado o CV II manteve os graus já existentes e restaurou o ministério do diaconado que tinha desaparecido ao longo da Idade Média. No entanto o ministério sacerdotal passou a ser chamado ministério presbiteral ou simplesmente ministério³⁶⁸, onde estes ministros, revestidos de poder sagrado, passam a estar ao serviço dos seus irmãos (LG 15).

Serviço é palavra de ordem para os ministros ordenados. Os bispos, sucessores dos Apóstolos, têm a plenitude do Sacramento da Ordem (LG 26), receberam o encargo de servir a comunidade com os seus colaboradores presbíteros e diáconos (LG 20), e têm a missão de ensinar todas as gentes e pregar o Evangelho (LG 24).

Os presbíteros devem ser imitadores de Cristo e modelos para o povo, servindo a comunidade local (LG 28), anunciando o Evangelho de Deus (PO 4), conduzindo fraternalmente a comunidade para Deus Pai (PO 6), reconhecendo e promovendo a dignidade e participação própria dos fiéis na missão da Igreja (PO 9), tendo como objectivo preferencial da sua evangelização os pobres e os mais desprotegidos (PO 6).

O diaconado, que não somente o considerado como estado de preparação e passagem para acesso ao presbiterado, é restaurado essencialmente para estender o ministério ordenado a responsáveis de acção caritativa, pelas dificuldades do ministério presbiteral e também pela escassez de presbíteros³⁶⁹.

Os diáconos ocupam o lugar inferior da hierarquia, são ordenados para o serviço e não para o ministério por isso não recebem a imposição das mãos. Servem o Povo de Deus nos

³⁶⁷ *Ibidem*, 291.

³⁶⁸ *Ibidem*, 287.

³⁶⁹ *Ibidem*, 315.

ministérios da liturgia, da palavra e caridade, em comunhão com o bispo e o seu presbitério (LG 29), não devendo ser entendidos como auxiliares dos presbíteros, mas sim seus colaboradores³⁷⁰.

Na Igreja pós CV II, que se pretende rever no modelo apostólico pela transição do domínio que exercia para a categoria evangélica do serviço³⁷¹, fala-se hoje mais de presbiterado que de sacerdócio, de serviço que de hierarquia, de comunidade que de obras da Igreja, de cristãos que de laicado³⁷².

4. Recepção da doutrina conciliar

4.1. Desafios do mundo actual para a Igreja

O mundo actual está profundamente marcado pela transformação tecnológica. Vive-se uma sociedade de mercado, na política ou economia, desde a arte ao produto agrícola, na medicina ou no desporto. "Coisas" materiais e muitas vezes até o ser humano, tudo se compra e vende, a verdade pouco ou nada conta, o importante é o dinheiro.

A moral e os costumes, os modelos culturais ancestrais ou contemporâneos deixaram de ser prioridade, tal como a vivência comunitária ou familiar, sendo ultrapassadas por um "cultura" egocêntrica, sobretudo nas sociedades ditas desenvolvidas ou em vias de desenvolvimento.

Perante estes factos caberá perguntar: como ser discípulo hoje? Como mostrar o rosto e a mensagem de Jesus? Pode a Igreja continuar a dar cumprimento ao mandato de Jesus «fazei discípulos de todos os povos» (Mt 28, 19)? Será que o homem, que cada homem pode ser feliz sendo servo do outro (Jo 13, 17), neste mundo marcado pelo egoísmo e secularização?

³⁷⁰ *Idem*.

³⁷¹ *Ibidem*, 655.

³⁷² *Ibidem*, 287.

A Igreja a que pertencemos tem hoje, tal como em todas as épocas em que foi sendo colocada à prova, o desafio de continuar a estar atenta aos sinais dos tempos, tentando dar a melhor resposta quer para o exterior, quer igualmente *ad intra*, para continuar a ser marca da presença de Deus no mundo e factor de salvação para a humanidade.

4.1.1. *Ad extra*

A Igreja como enviada de Cristo (AG 5) é a partir do CV II, essencialmente, diaconia e serviço, presença e testemunho de Jesus no meio dos homens, tendo por missão tornar-se serviço no amor e amar servindo o homem e o mundo (GS 3), à semelhança e imitação de Jesus o diácono absoluto do Pai.

Estar presente no mundo não significa hoje a construção de novos templos ou sinais exteriores da presença de Cristo, mas antes que cada cristão se sinta, ele próprio, templo do Senhor e O testemunhe em cada um dos ambientes que partilha. Descobrir que Jesus quer servir-se de nós para chegar cada vez mais perto do Seu povo amado, que nos toma do meio do povo e nos envia a esse mesmo povo (EG 268).

Consciente que na actualidade existe uma maior participação dos leigos ao serviço da Igreja, o Papa Francisco no entanto constata que os cristãos desempenham mais tarefas no seio da Igreja, do que mostrar e levar o Evangelho ao mundo político, social e económico, para poder transformar a sociedade (EG 102). Assim, torna-se hoje necessário pessoas que vivam a Igreja e na Igreja como verdadeiros discípulos, pelo testemunho de vida dado nos seus ambientes. Que, como nos primeiros séculos, à semelhança de muitos mártires, sejam uma interpelação, uma chamada e um estímulo para os restantes homens seus contemporâneos.

Ser discípulo hoje, seja ministro ordenado ou não, homem ou mulher, é estar no mundo onde seja mais necessário mostrar Jesus Cristo, como nos desafia o Santo Padre:

«Neste mundo, os ministros ordenados e os outros agentes da pastoral podem tornar presente a fragância da presença solidária de Jesus e o seu olhar pessoal. A Igreja deverá iniciar os seus membros nesta arte de acompanhamento para que aprendam a descalçar sempre as sandálias diante da terra sagrada do outro e dar ao nosso caminhar o ritmo salutar da proximidade» (EG 169).

É nas organizações, na política, na administração da justiça, na economia, no desporto, ou como força produtiva, que os cristãos devem estar ao serviço da evangelização.

Estar presente na vida política é uma expressão qualificada e exigente do compromisso cristão ao serviço dos outros, é ter o sentido e o espírito de serviço para o bem comum³⁷³.

A política e a economia são actividades marcantes na governação e desenvolvimento das sociedades e dos povos pelo que, deverá constituir desafio para a Igreja a formação de líderes políticos, económicos e sociais, através de congressos ou outros meios, onde se explorem os valores humanos e a Doutrina Social da Igreja.

Denunciar o poder económico, ou outros poderes, fazendo do poder um serviço e o serviço como poder (Jo 13, 16). Influenciar os agentes económicos evitando o aumento do fosso entre ricos e pobres. Dizer “não” a uma economia de exclusão e desigualdade social, onde o ser humano é considerado bem de consumo, onde predomina a cultura do descartável e os excluídos, os que vivem nas periferias, mais que explorados são considerados resíduos, “sobras” (EG 53).

Saber dizer “Não!” à idolatria do dinheiro (EG 46), o deus de poucos e a deusa sedutora de muitos. «O dinheiro deve servir, e não governar!» diz-nos o Papa Francisco, lembrando que os ricos devem ajudar os pobres, respeitá-los e promovê-los (EG 58).

Um outro desafio para a Igreja é a preocupação pela desigualdade social e as condições de vida das populações. A maior parte dos homens e mulheres vive precariamente, levando ao aumento das doenças. O medo e o desespero apoderam-se dos corações de muitos, mesmo nos países mais ricos e a alegria de viver desvanece (EG 52).

³⁷³ Cf. CONSELHO PONTIFÍCIO «JUSTIÇA E PAZ», *Compêndio da Doutrina Social da Igreja*, Principia, 2005, 352.

Os cristãos são então chamados ao empenho social, ao serviço à pessoa humana, à promoção da dignidade de qualquer pessoa, que é o bem mais precioso que o homem possui³⁷⁴.

A presença na arte e na cultura, tal como outrora, devem constituir um campo privilegiado de presença e empenho para a Igreja e para os cristãos individualmente considerados³⁷⁵, fomentando a sua acção em modelos inspirados no Evangelho.

Intervir e participar activamente nos meios de comunicação social (rádio, televisão, internet, imprensa), como possíveis e poderosos meios de evangelização.

Continuar a manter e aprofundar a aproximação e o diálogo com as outras religiões e os agnósticos, à semelhança do realizado por Jesus. Os relatos evangélicos referem-nos que Jesus não só falava ou se rodeava daqueles que o acompanhavam, mas também partilhava a Sua vida com os pecadores, os excluídos dos cânones, ou com quem o acusava. Estava com eles, partilhava as refeições, não para comer, mas para sentir as suas preocupações e lhes dar esperança através da Sua mensagem de vida.

Na educação, no desporto, nas Forças Armadas, nas associações, na saúde, etc. cada cristão pode e deve sentir-se discípulo através de uma vida exemplar, com sentido e coerente com os ditames do Evangelho. Sentir-se feliz e alegre, «não ter constantemente cara de funeral» (EG 10), para mediar a luz de Cristo e fazer felizes todos aqueles com quem se cruza.

4.1.2. *Ad intra*

Para além dos desafios com o mundo a Igreja também deve saber olhar e escutar os seus fiéis.

É verdade que 60 anos após o CV II muito mudou na Igreja. O apelo à renovação e à participação nos variadíssimos serviços eclesiais e a tentativa de imitação das primeiras

³⁷⁴ *Ibidem*, 346.

³⁷⁵ *Ibidem*, 347.

comunidades é uma constante. No entanto verificamos que, quer pela hierarquia quer pelas bases, ainda há muito a fazer e a modelar.

Pelo Baptismo ficamos dotados de determinados carismas que nos fazem viver na comunhão e para o serviço da Igreja, pelo que o convite de Jesus «ide vós também para a minha vinha» (Mt 20, 3-4) continua a fazer-se sentir, sendo dirigido a homens e mulheres de qualquer condição (ChFL, 2), pois a ministeralidade da Igreja não se esgota unicamente com os ministros ordenados³⁷⁶.

Quanto a esta possível forma de pensamento, o Papa Francisco foi suficientemente claro na homilia proferida em 22 de Outubro de 2015, na jornada de estudo organizada pelo Pontifício Conselho para os Leigos, sobre o tema *Vocação e missão dos leigos*, ao referir que:

«os fiéis leigos não são membros de segunda ordem da Igreja, ao serviço da hierarquia e simples executores das ordens superiores, são discípulos de Cristo, que pelo Baptismo e a sua inclusão no mundo estão chamados a animar qualquer ambiente, qualquer actividade humana com o espírito do Evangelho»³⁷⁷.

É verdade que em qualquer organização deve haver uma estrutura governativa, mas nesta Igreja comunhão que agora formamos, não deveria continuar a ser tão acentuada a diferença clero/ fiéis, ou religiosos/ não religiosos, já que todos são poucos para servir na messe do Senhor (Mt 9, 37).

Sabemos que na Igreja Primitiva não existiam ministérios decorativos, nem ministros sem funções, como qualquer função ministerial sem comunidade, pelo que, também agora os ministérios deveriam ser considerados como serviço e não serem vistos e/ ou executados como privilégio.

Torna-se cada vez mais premente que os líderes religiosos saibam governar e presidir a partir dos sinais dos tempos, com base no mundo actual, na realidade própria de cada comunidade e não a partir de uma Igreja ideal.

³⁷⁶ Cf. L. J. RODRIGUES, “A Igreja, comunidade no Espírito: dons e carismas (Actos e São Paulo)”, in *Biblica*, Série Científica, Difusora Bíblica, Ano VI, Dezembro 1997, 102.

³⁷⁷ http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/messages/pont-messages/2015/documents/papa-francesco_20151022_messaggio-apostolicam-actuositatem.pdf, em 25 de Maio de 2016, pelas 15H00.

Bispos, presbíteros e diáconos devem ser exemplo, sinal do Evangelho e do caminho que conduz a Jesus. Estarem atentos a todos e a cada um nas várias ocupações e actividades não se deixando mover por motivações abstractas, querendo muitas vezes justificar o injustificável, o poder da Igreja, o Direito canónico, etc., falando de acordo com a hierarquia, deixando a realidade passar ao lado e não colocando o Evangelho em primeiro lugar.

Embora a Igreja, particularmente na Europa, se tente demarcar dos vários poderes, a verdade é que vivemos numa época marcada pela secularização que influencia igualmente a vida religiosa.

A Europa, que outrora foi ponto de partida e fonte missionária, vê-se agora envolvida com uma enorme crise de vocações para o ministério ordenado ou até laical.

Surgem muitos movimentos e seitas religiosas, a maioria de cariz não cristão, que conhecendo as fragilidades humanas, actuam pelo marketing e, vão conquistando adeptos à procura de uma resposta mais ou menos imediata para os seus problemas, por verem que a velha Igreja Católica parece ter estagnado no tempo.

Serão necessárias, talvez, novas práticas eclesiais, fundamentadas na hospitalidade, na proximidade. A Igreja está essencialmente assente em funcionários que representam o ideal de uma organização legal-burocrática. Os sacerdotes, formados desde cedo com uma bagagem cultural específica e uma disponibilidade total, vivendo e assumindo uma obediência sacralizada, afastados de qualquer trabalho civil e obrigados à lei do celibato³⁷⁸, deviam estar mais preparados para, no contexto actual, viver e fazer viver o Evangelho em qualquer meio.

Uma prática eclesial que poderá passar por rever o modelo da paróquia. O CV II quis uma Igreja, comunidade de comunidades, na qual todos se sentem responsáveis, onde cada um com o seu carisma tem lugar.

³⁷⁸ Cf. C. FLORISTAN, *Teología Practica*, 300.

Ser discípulo para poder fazer discípulos torna-se necessário estar mais próximo, de todos e de cada um em particular, não podendo haver na Igreja o sentimento daquele que manda e o do que obedece.

O próprio Magistério reconhece que a maioria dos batizados não sente a presença da Igreja, quer porque as suas estruturas não proporcionam um clima acolhedor nas paróquias e comunidades, como também devido à atitude burocrática com que se dá resposta a muitos problemas, verificando-se igualmente a sobreposição da administração sobre a pastoral ou a sacramentalização sem outras formas de evangelização (EG 63).

Hoje, mais que clérigos, são necessários homens e mulheres capazes de criar, presidir, anunciar, coordenar, pequenas comunidades de crentes.

Necessitamos de viver a fé em comunidade para, a partir dela, a poder anunciar, mas uma comunidade que não necessariamente a paróquia com a estrutura que lhe é própria. Funcionar em pequenas comunidades, ligadas entre si, não por uma estrutura hierarquizada (bispo, presbíteros, diáconos, povo), como justificação para a unidade, mas à imagem da Igreja Primitiva, com um Pastor, vários dirigentes ou orientadores, de acordo com os ministérios necessários, com quem oriente, mas sempre em atitude de serviço à comunidade, onde se tenha em conta, entre outros, a participação e acompanhamento sacramental dos muitos fiéis obrigados a trabalhar por turnos cujos horários não se coadunam com o “normal” funcionamento da paróquia.

Sabemos também que em muitas partes do mundo, principalmente nos países onde se verifica a falta de presbíteros, tem sido promovida uma forte co-responsabilidade na tarefa de evangelização, pela eleição interna de responsáveis encarregados da tarefa de serem guias e evangelizadores, tentando, tal como outrora, dar a resposta mais adequada às necessidades locais, vivendo e entendendo a Igreja de acordo com os valores do Evangelho, onde há leigos que batizam, atendem a enfermos, presidem às celebrações do matrimónio, dirigem a

celebração da Palavra, pela ausência do presbítero³⁷⁹ relativizando o papel e a importância dos ministros ordenados.

4.1.3. A mulher

O papel e a intervenção da mulher na sociedade é uma outra realidade que tem vindo a aumentar nas últimas décadas. Também na Igreja a mulher tem cada vez mais um papel privilegiado em muitos campos da sua vida interna, como catequistas, nos concelhos pastorais, nos vários movimentos de evangelização, nas Ordens Religiosas, na pastoral dos enfermos, com os marginalizados, na caridade, na assistência social, como igualmente na participação litúrgica como cuidadoras e zeladoras da igreja e dos altares, nas leituras, no canto, etc.

A Igreja reconhece esta sua indispensável contribuição devido às características que lhe são próprias como a sensibilidade, a intuição, o cuidado, a beleza, a especial solicitude pelos mais débeis, tornando-se por isso necessário ampliar os espaços para uma presença feminina mais efectiva na Igreja (EG 103).

No entanto não é reconhecido à mulher qualquer lugar como ministro ordenado ou instituído, pelo que como nos refere o Santo Padre, ter Maria como exemplo, pode ser o desafio para pastores e teólogos para ajudar a reconhecer qual o papel que a mulher pode ter na Igreja dos nossos dias (EG 104).

³⁷⁹ Cf. C. FLORISTAN, *Teología Practica*, 292.

4.2. Ser discípulo, hoje

Perante uma cultura dominante que oferece muitos deuses, onde o que é exterior, imediato, visível, rápido, superficial e provisório ocupa o primeiro lugar (EG 62), somos desafiados a alterar comportamentos.

Ser discípulo é estar na linha da frente do combate à indiferença, à aparência, ao facilitismo, que também existe nas nossas comunidades.

Hoje, a maioria dos cristãos parece querer ignorar os ensinamentos da Igreja. Perante uma ética *light*, sem peso, sem valores, onde tudo é fugaz, transitório, nada sério, também muitos cristãos seguem a religião “à sua maneira”. Vai-se permitindo uma religião, também *light*, onde cada um se serve como quer. É importante assistir à missa, ter diploma dos sacramentos, mas vive-se uma moral à parte, Jesus Cristo é essencial sim, mas só dentro das paredes da igreja ou num outro qualquer momento de maior aflição.

Perante as necessidades de interioridade e espiritualidade, de amor e afectividade, de princípios sólidos e duradouros, de valores humanos e sociais, é urgente uma presença efectiva e dinâmica de novos rostos de Jesus, de homens e mulheres, clérigos ou não, que livremente, de acordo com o seu carisma são chamados a ser “pessoas cântaro” (EG 86) para dar de beber aos outros (Jo 4, 14.28), se dediquem e sacrifiquem com verdadeiro espírito de servir.

Perante a falta de compromissos sérios, de um amor “*a la carte*”, de um viver *light* de muitos cristãos, a Igreja não pode facilitar nas suas regras. É verdade que se deve modelar, estar mais próxima, que os seus agentes mais que pensar em hierarquia devem pensar em comunhão, que as soluções para o êxito da evangelização passam pela partilha de opiniões e não na decisão unilateral do pastor, sem no entanto deixar de mostrar com rigor a verdadeira mensagem de Jesus, sem recortes, sem comodidades, sem rendinhas.

A Igreja actual não pode ficar só na sacristia. Ela sai pelos leigos, e com eles, para as suas actividades, na família, no campo político, financeiro, social, económico, industrial, médico, desportivo, etc..

Embora haja já muitos cristãos que dão a vida por amor, ajudando tantas pessoas, seja a curar-se seja a morrer em paz em hospícios precários, ou a acompanhar pessoas que se tornaram escravas de vícios, bem como na educação de crianças e jovens ou no cuidado de idosos (EG 76), a Igreja deve também ter a preocupação pela formação bíblica, sacramental, litúrgica e sócio-caritativa dos seus fiéis.

Em comunidade, na família ou na sociedade, ser discípulo, imitador e servidor de Jesus, nos dias de hoje é colocar no centro da nossa existência aqueles que Jesus também colocou como prioridade na Sua vida. É ter vida de oração, de encontro com os outros e com Deus. É saber ser amigo, bom vizinho, bom pai, bom filho, bom padre, bom diácono, amando e perdoando, motivando à vida e à esperança, pela alegria, sempre com um sorriso e não com cara de sofrimento.

Ser discípulo significa ter a disposição permanente de levar aos outros o amor de Jesus e isto sucede espontaneamente em qualquer lugar, na rua, na praça, no trabalho, num caminho (EG 127), exigindo do evangelizador certas atitudes que ajudem a acolher melhor o anúncio, pela proximidade, abertura ao diálogo, paciência, acolhimento cordial sem qualquer condenação (EG 165).

Por isso, e à semelhança dos relatos evangélicos da vida dos primeiros cristãos, também o Papa Francisco (EG 99) nos pede um testemunho verdadeiro para que «todos possam admirar como vos preocupais uns pelos outros, como mutuamente vos encorajais, animais e ajudais, de acordo com a palavra de Jesus “Por isto é que todos conhecerão que sois meus discípulos: se vos amardes uns aos outros” (Jo 13, 35)».

4.3. Fidelidade ao ministério

4.3.1. Ministério laical

A fidelidade, não sendo característica essencialmente cristã, é um valor fundamental que deve exigir do crente um constante compromisso.

O Baptismo, porta de entrada para a Igreja, torna-nos filhos de Deus, imprime em cada um uma marca, que nos faz chamar “cristãos”. Este “carácter” implica uma união, uma relação íntima com Jesus Cristo, que se pode traduzir pela prática constante de uma vida de acordo com os ensinamentos do próprio Jesus.

Então, se a fidelidade no homem consiste na resposta permanente a um compromisso dado, para o cristão essa fidelidade deverá corresponder ao seguimento de Jesus pela constância de vida de fé, pelo serviço e amor aos outros e à Igreja, seja qual for o estado ou situação da pessoa.

Nesta Igreja de comunhão, saída do CV II, onde os baptizados são considerados filhos do mesmo Pai e todos discípulos de Jesus Cristo, cada um é chamado a realizar uma missão na Igreja e no mundo a partir dos carismas recebidos e dos serviços e ministérios que exerce.

A Igreja como mãe de todos os baptizados, continuará a manter a sua fidelidade ao mandato de Jesus «sereis minhas testemunhas (...) até aos confins do mundo» (Act 1, 8), através dos seus ministros ordenados e instituídos, dos religiosos e restantes fiéis, pelo anúncio do Evangelho a todos os homens, em espírito de serviço e comunhão, sendo pobre e servindo sobretudo os mais pobres.

Nesta Igreja em que há carismas, serviços e ministérios, a fidelidade a Jesus e à Sua Boa Nova é comum ao ministério ordenado e aos fiéis leigos.

Tal como outrora, na Igreja Primitiva, em que a diaconia era entendida como responsabilidade comum de toda a comunidade cristã³⁸⁰, também agora todos somos convocados para o serviço, assumindo cada um o seu papel na Igreja, sem lutas, como crianças (Mt 11, 16), simples, gratos, alegres e acolhedores, com humildade (Jo 13, 17) e conscientes que todas as tarefas, desde a presidência, oração, canto, catequese, economia, etc., até à limpeza, são todas importantes.

Os fiéis leigos também são ministros da Igreja, porque ser ministro de Cristo (AG 26), não é simplesmente aquele que pode ostentar determinado título jurídico, mas o que tem uma vida semelhante à de Jesus (2Co 11, 23).

É nessa condição que lhes é pedido que, no seu estado secular, sejam, na escola, no trabalho, no desporto, no lazer, na política, etc., as novas mãos, pés, boca, olhos, ou coração de Cristo. Ser imitador de Jesus pela humildade (Jo 13, 5), gratuidade (Mc 10, 8), simplicidade (Mt 10, 6), olhando o outro com o coração acolhedor, ser exemplo de vida. Ser em qualquer meio e condição uma página do Evangelho.

Na família os esposos devem manter o compromisso assumido no matrimónio. Na sua relação como marido e esposa, pela vivência diária do amor recíproco da interajuda e para com os filhos educando-os, quer na fé da Igreja rezando e participando com eles na Eucaristia, quer para a vida mostrando-lhes que esta não é fácil e exige constantes sacrifícios. Também os filhos deverão corresponder ao amor dos pais pelo carinho, presença, ajuda e obediência.

Nos vários campos da sociedade contribuir para o bem comum dando primazia aos mais desfavorecidos.

Em Cuba, o Papa Francisco disse³⁸¹ que servir significa cuidar dos mais frágeis das nossas famílias e da sociedade, pois são estes os rostos sofredores, desprotegidos e

³⁸⁰ Cf. C. FLORISTAN, *Teología Práctica*, 281.

³⁸¹ http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2015/documents/papa-francesco_20150920_cuba-omelia-la-habana.pdf, em 25 de Maio de 2016, pelas 16H00.

angustiados que Jesus pede para olhar e amar, terminando a homilia citando Mahatma Gandhi «quem não vive para servir não serve para viver».

A Igreja continua a ser um campo fértil para o serviço, a vinha do Senhor com espaço para muitos operários (Mt 20, 7) e onde também os batizados devem manter e marcar presença fiel. É desta vinha que os fiéis leigos se sentem igualmente chamados a participar na missão na Igreja e no mundo (ChFL, 2), na evangelização dos pobres.

O anúncio do Evangelho pela Palavra ou até com a própria vida é a finalidade principal da comunidade cristã e de cada um dos seus membros, disse-nos o Papa Francisco em Janeiro de 2016³⁸², referindo ainda que esta evangelização sobretudo aos mais pobres, significa aproximar-se deles, servi-los, libertá-los da sua opressão, não como assistência social ou actividade política mas dando a força do Evangelho de Deus.

Na comunidade eclesial os leigos manterão a fidelidade ao ministério, ou a qualquer serviço a que são chamados de acordo com o seu carisma, tendo consciência que também eles são enviados, promovendo a comunhão, vencendo a indiferença, sentindo a necessidade de pertença.

As comunidades marcarão diferença pela alegria, dinamismo, pelo modo de receber, de tratar os doentes, os pobres e marginalizados, como também pela relação entre os seus membros, pelo sentimento que todos formam um só corpo (1Co 12, 4-7) e não pelas lutas internas que só leva a conflitos.

Aos discípulos Jesus pediu que evitassem discórdias (Mc 10, 42) e afirmou que a verdadeira grandeza não se mede pela força, poder, títulos ou cargos oficiais, mas antes pela generosidade, disponibilidade, diálogo, serviço.

É necessário ter presente que, os vários ministérios do âmbito da pastoral, liturgia ou caridade, como é o caso entre outros dos catequistas, responsáveis por movimentos espirituais, acólitos, cantores, leitores, ou a ajuda aos pobres, exige, para além da

³⁸² Cf. http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/angelus/2016/documents/papa-francesco_angelus_20160124.pdf, em 25 de Maio de 2016, pelas 15H00.

disponibilidade e oração, também uma formação contínua, bíblica, teológica, técnica, etc., para que o amor com que se serve e o que é servido seja uma realidade.

Um amor que não só de palavras mas igualmente de obras (Tg 2, 14), pelo serviço humilde feito no silêncio e às escuras, «a tua mão esquerda não saiba o que fez a direita» (Mt 6, 3), como nos alertou o Papa Francisco na sua catequese de 12Mar16 sobre o caminho do serviço³⁸³.

Nesta Igreja governada por homens, julgamos importante ter uma palavra própria para as mulheres que na sua condição laical, religiosa ou consagradas ao Senhor, não se devem ver consideradas como cristãos de segunda categoria por não poder participar, ainda, em pleno, na vida eclesial como ministros ordenados. A sua fidelidade à Igreja e à própria hierarquia passa por tentarem continuar a ter como modelo Maria, mãe de Jesus, mas igualmente tantas outras mulheres como Marta, Febe, Priscila, etc., que serviram Jesus e o Seu Evangelho. A sua participação activa na Igreja, como em muitos sectores da sociedade, pela sua condição feminina de ternura, docilidade e cuidado com que fazem as coisas, é importantíssimo na ajuda dos pastores ou guias das comunidades, bem como em qualquer actividade de evangelização, sacramental ou sócio-caritativa em que estejam envolvidas.

4.3.2. Ministério ordenado

Os ministros ordenados estão também, por razões acrescidas, sujeitos ao dever de fidelidade ao ministério, quer à Igreja através da hierarquia como símbolo da sucessão apostólica, quer ao povo de Deus a quem servem. O ministro ordenado, como ministro de Cristo, não pode ser visto como aquele que ostenta um título jurídico, mas sim o que actua na Igreja *in persona Christi*, o que leva e dá aos outros a perfeita imagem de Jesus, não podendo

³⁸³ Cf. http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2016/documents/papa-francesco_20160312_udienza-giubilare.html, em 25 de Maio de 2016, pelas 15H00.

por isso identificar-se como um dirigente ou comandante, considerando que os outros são seus subalternos.

Ser fiel ao ministério recebido pelo sacramento da Ordem é ser servo da Igreja e do mundo, viver desprendido de bens, estar preparado para em qualquer momento poder responder ao apelo do Senhor, pois é assim que será feliz (Lc 12, 43).

O ministério não pode ser visto como poder ou dignidade, pois o seu carácter diaconal significa serviço.

No rito de ordenação para o ministério, aqueles que são ordenados, bispo, presbítero ou diácono, assumem, perante a Igreja reunida e para com ela, determinados compromissos que deverão cumprir no exercício desse ministério. É um acto feito com toda a liberdade e que de modo consciente pretende levar o ordenando a assumir a fidelidade a Cristo e à Sua Igreja.

A imagem de Cristo bom pastor é marca comum, é o exemplo a seguir para aqueles que têm responsabilidades de governação e/ ou administrativas da comunidade.

Para o bispo, ser bom pastor, imitar Jesus na linha sucessória dos Apóstolos, é empenhar-se na união da Igreja Local que governa, é trabalhar juntamente com o seu presbitério e corpo diaconal no cuidado pastoral, sócio-caritativo e espiritual, da fatia do povo de Deus que lhe é confiada.

Estar e viver este ministério nos dias de hoje é ter presente as palavras do Papa Francisco na homilia da ordenação de dois bispos em 19 de Março de 2016 «episcopado é nome de serviço e não de honorificência. Sede servos de todos, dos grandes e dos pequenos, de todos. Mas sempre servos, ao serviço. Amai com amor de pai e de irmão todos os que Deus vos confiar»³⁸⁴.

É servir a Igreja de tal maneira que os cristãos se sintam tentados a estar com Jesus. É servir Jesus em todas as pessoas marginalizadas, naqueles que perderam a fê, que se afastaram

³⁸⁴ Cf. http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2016/documents/papa-francesco_20160319_omelia-ordinazioni-episcopali.html, em 25 de Maio de 2016, pelas 16H00.

da prática da sua fé³⁸⁵. É ter Jesus sempre no seu coração, evitar contendas ou querer mostrar serviço, mas antes caminhar com o povo, sem nada impor, ir ao seu ritmo, sem excluir ninguém, mas antes procurando os mais desprotegidos e afastados da sociedade, dizia o Papa³⁸⁶ na XIV Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos bispos.

Aos padres pede-se que sejam homens de comunhão e fraternidade com coração de bom pastor. Que estejam próximo dos seus fiéis, com capacidade de promover uma cultura de encontro junto dos desprotegidos ou marginalizados.

Devem por isso ouvir e pôr em prática as palavras do Santo Padre na missa crismal de 2013 pedindo que os pastores “cheirem a ovelha”³⁸⁷, que tenham como modelo Jesus que deixou 99 ovelhas e foi à procura da que estava presa nos arbustos e não a espancou, não a repreendeu, mas antes pegou nela ao colo, abraçou-a e curou-a. O mesmo se deve fazer em qualquer comunidade, deixando o “chicote” pendurado na sacristia e ser pastor com ternura para com aquele que cria mais problemas³⁸⁸.

O presbítero de hoje deve ter uma presença activa na sociedade e em particular nos novos púlpitos da comunicação, nas redes sociais, em programas de rádio ou televisão, etc.. Não agir por medo ou outras motivações para conservar determinada imagem ou posição social ou hierárquica, falando somente do “politicamente correcto”, denotando uma submissão que poderá fazer paralisar a Igreja.

É necessário que os pastores, em particular os presbíteros, se insiram na comunidade e não sejam funcionários da mesma, que estejam com as pessoas nos seus ambientes, tal como Jesus que comia, falava e curava qualquer um. Que sejam como um dos outros e não se escudem no seu “ministério sacerdotal”, parecendo não conhecer as palavras de Jesus para

³⁸⁵ Cf. http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2015/documents/papa-francesco_20150215_omelia-nuovi-cardinali.html, em 25 de Maio de 2016, pelas 15H00.

³⁸⁶ Cf. http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2015/documents/papa-francesco_20151025_omelia-chiusura-sinodo-vescovi.html, em 25 de Maio de 2016, pelas 16H00.

³⁸⁷ Cf. http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2013/documents/papa-francesco_20130328_messa-crismale.html, em 25 de Maio de 2016, pelas 15H00.

³⁸⁸ Cf. http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2015/documents/papa-francesco_20150612_omelia-ritiro-mondiale-sacerdoti.html, em 25 de Maio de 2016, pelas 15H00.

aqueles que se apresentavam vestidos de maneira diferente (Mc 12, 38) ou de ser tratados como pessoas importantes da sociedade (Mt 23, 7)³⁸⁹.

Ser fiel como presbítero a Cristo Bom Pastor é, pelas palavras do Papa Francisco em 3 de Junho no jubileu dos sacerdotes, ter o coração livre para deixar as suas coisas, não vivendo a fazer contabilidade do que tem e das horas de serviço. É ser pastor e não inspector do rebanho dedicando-se totalmente à missão que lhe é confiada. É caminhar com os fiéis, ao seu ritmo, congregando e não afastando, sem usar luvas, ser o primeiro a estender a mão sem esperar cumprimentos ou elogios dos outros³⁹⁰.

Por sua vez, a fidelidade do ministério diaconal passa, tal como com os restantes ministérios ordenados, pelo amor ao Evangelho, à proclamação da Palavra e à imitação de Cristo como exemplo de humildade de vida. Ordenados para o serviço, os diáconos devem centrar-se mais nas tarefas sociais, do que no serviço litúrgico ou na pregação, por ser essa a diaconia mais urgente e necessária.

Na dupla função de ministro ordenado e de secular pela vocação e situação familiar e profissional que exerce, o diácono deve ser um só espelho de Jesus, num duplo amor com que pauta a sua vida, o amor à esposa e filhos assumido pelo matrimónio e pelo amor e obediência à Igreja e sua hierarquia, no serviço, pela disponibilidade e prontidão para servir a todos sempre da melhor maneira.

Manter-se-á fiel no seu ministério, pela entrega constante e desinteressada, dando resposta às solicitações que dos diversos âmbitos lhe poderão ser confiadas. É seu dever colaborar com o bispo diocesano e seu presbitério, sobretudo no acompanhamento e promoção de obras sociais e caritativas, tomando sempre a opção pelos mais desfavorecidos.

Fidelidade diaconal é sentir em cada momento, em cada acção que possa tomar, que a humildade é condição de serviço, pelo que, por muito que os fiéis o apoiem e incentivem, a

³⁸⁹ Cf. <http://www.ciberiglesia.net/discipulos/06/06eclesiologia-castillo.htm>, em 22 de Maio de 2016, pelas 18H00.

³⁹⁰ Cf. http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2016/documents/papa-francesco_20160603_omelia-giubileo-sacerdoti.html, em 14 de Junho de 2016, pelas 10H00.

sua missão, não sendo subalternizada, não deverá nunca levar à tentação de querer substituir o padre.

É neste sentido que se compreendem as palavras do Papa Francisco aos diáconos em Roma no seu jubileu em 29Mai16: «Os termos apóstolo e servo devem andar juntos (...) quem anuncia Jesus é chamado a servir e quem serve anuncia Jesus». E para ser bom servo, continuava dizendo, é necessário viver na disponibilidade, dando a vida, vivendo cada dia não para si, mas como dom de si. Que quem serve deve estar disponível para o não programado, não sendo escravo de uma agenda. O servo não tem horários. «Tende coragem de pôr de lado os horários. Assim queridos diáconos vivendo na disponibilidade, o vosso serviço será livre de qualquer interesse e evangelicamente profundo»³⁹¹.

Finalmente, exortando à confiança e à fidelidade no ministério, referia que «disponíveis na vida, mansos de coração e em diálogo constante com Jesus, não tereis medo de ser servos de Cristo, de encontrar e acariciar a carne do Senhor nos pobres de hoje»³⁹².

³⁹¹ [http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2016/documents/papa-francesco_20160529_omelia - giubileo-diaconi.html](http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2016/documents/papa-francesco_20160529_omelia_giubileo-diaconi.html), em 14 de Junho de 2016, pelas 10H00.

³⁹² *Idem*.

Conclusão

Ao centrarmos o tema desta dissertação sobre o serviço, tendo como referência exemplar o texto base (Jo 13, 13-17), tentámos, após um enquadramento semântico possível, partir da vida e ministério de Jesus como modelo de acção, para encontrar e enquadrar possíveis atitudes na necessária continuação e manutenção desse ministério através dos seus seguidores, desde os primeiros discípulos até aos da actualidade.

O interesse da análise do campo semântico do “servir”, sobretudo no seu contexto bíblico, mas igualmente para a aplicação na pastoral, acompanhado da dedicação e empenho convenientes, deu-nos um novo conhecimento desta matéria, que, por certo, será motivo de contínuo estudo e aprofundamento.

O caminho não foi fácil. De entre alguns obstáculos que tentámos superar, sentímos que, neste tipo de abordagem e análise de um tema do âmbito dos estudos bíblicos, o nosso conhecimento e/ ou necessário domínio, mesmo que limitado, das línguas em que originalmente os textos bíblicos foram escritos, em particular o grego para o NT, dificulta e limita o estudo e o desenvolvimento mais adequado do trabalho que é proposto fazer.

Ministério e diaconia são dois termos que pertencem ao mesmo campo semântico. O verbo grego *diakonéo*, em sentido lato, significa servir.

Na cultura grega clássica, o conceito de serviço tinha um sentido negativo, era considerado inferior e inclusivamente degradante, por isso próprio de escravos, das pessoas que não tinham acesso à felicidade, à cidadania, exceptuando aqueles que exerciam funções para o Estado, a *Polis*, ou em favor das divindades.

Já para a cultura judaica, influenciada pelos Escritos Sagrados, o termo *diakonéo* não tinha a mesma conotação negativa como para os gregos, surgindo em textos de alguns dos seus historiadores querendo indicar sempre algum tipo de serviço, fosse o das mesas, o serviço a pessoas ou até mesmo actos de culto. No judaísmo, o conceito de servir estava

profundamente marcado não pela relação entre pessoas, mas na relação do povo para com o seu Deus.

Assim, o verbo servir aparece igualmente em muitas passagens do AT, ou sob a forma de *abad*, que o povo hebreu entendia como trabalhar, escravizar (Gn 14, 4; Dt 6, 13), mas também como serviço ou submissão a YHWH (Ex 3, 12; Sl 100, 2), ou pelo verbo *sharat* indicando um serviço próprio a YHWH, como era o serviço cultural com todas as características que lhe são próprias, desde as pessoas aos actos em si (1Sm 2, 11; 3, 1; 2Rs 4, 43), como ministério sacerdotal, ou também o serviço prestado a alguém, pessoa ou instituição, não relacionado com escravatura.

Os Evangelhos dão ênfase à actividade de Jesus considerando-a um serviço de entrega a Deus e aos homens que é oposto ao da dominação política e do autoritarismo religioso da época, que entendiam o serviço como submissão. Para o efeito, por influência do grego como língua dominante da época, os evangelistas, de acordo com a catequese própria de cada um, utilizam vários termos para indicar o ministério de Jesus. É assim que, na indicação de serviço, para além de *diakonéo*, vemos referidos os vocábulos *litourgéio* associado ao culto, *douléo* a uma atitude de submissão que não de escravatura, *therapeúo* no sentido da assistência sanitária ou cura, ou *hyperetéio* para a prestação de um serviço a outrem.

No entanto o termo que por excelência é usado para designar serviço ou ministério é diaconia. Nos Evangelhos é usado para expressar a atitude radical de Jesus, na entrega constante da Sua vida (Mc 10, 45), mas também a dos seus discípulos que devem dar continuidade a este serviço (Jo 13, 14-16).

O conceito de diaconia passou a identificar-se com o serviço das mesas, a fracção do pão, a proclamação da Palavra, a atenção aos mais necessitados e desprotegidos e a direcção das comunidades. No Livro dos Actos e nas Cartas paulinas indicando os gestos de discípulos e cristãos, bem como do próprio S. Paulo, pela pregação e pela caridade (2Co 8, 4; 9, 1.12), se considera servidor de Cristo, de Deus e do Evangelho, da Igreja.

Com o crescente aumento e desenvolvimento de novas comunidades, o termo *diakonía*, que até então era sinónimo de serviço, passou a ser utilizado como designação de um determinado cargo, de um ministério.

É o que se pode depreender da leitura de alguns textos das Cartas Pastorais, onde vemos caracterizados alguns destes ministérios (1Tm 3, 1-13), onde se incluíam homens e mulheres, também em textos de carácter secular da época, como igualmente pelos escritos da Tradição da Igreja dos primeiros quatro séculos, fazendo referência à hierarquização do ministério em bispos, presbíteros e diáconos.

Ministério ou diaconia indica e pressupõe acção, implica movimento, entrega, cumprir determinada função ou missão, pelo que é em Jesus Cristo, que encontramos o exemplo, o modelo do serviço.

A vida exemplar de Jesus, os seus gestos, atitudes, ensinamentos e curas, constitui o seu ministério neste mundo, sendo marcado pela entrega constante a Deus e aos homens. Tratado pelos seus seguidores, ou pelos que detinham algum poder, como Mestre, Senhor ou *Rabbi*, Jesus não exercia qualquer tipo de poder, mas pelo contrário, apresentava-se aos homens numa atitude de servo (Mt 20, 28).

Falava, acolhia e convivia com qualquer homem ou mulher, exercendo uma autoridade pautada pela exemplaridade da vida que fazia, que seduzia indivíduos e multidões e provocava conflitos com o poder religioso por abalar interesses instalados.

«Ele que era de condição divina» (Fl 2, 6) assume a condição humana, põe toda a sua vida ao serviço de uma vontade, ou de um projecto (Jo 14, 31), tornando-se diácono do Pai, mas igualmente coloca-se no lugar das pessoas que servem, torna-se uma delas, na vida, no trabalho, nas relações, transforma-se num servidor itinerante, alterando os anteriores conceitos de *diakonía*, dá-lhe um novo sentido, o Seu “toque” original manifestado pela profunda coincidência entre o que diz e o que faz «não vim para ser servido mas para servir» (Mc 10, 45).

Jesus dedicou a sua vida a servir, foi o servidor da Humanidade. Foi um homem aberto e dedicado a todos, não excluindo ninguém, tendo especial atenção aos mais desprotegidos e afastados da sociedade.

A exemplaridade de vida de Jesus, como Mestre, foi única, marcante e contagiante. Mantinha uma constante relação com Deus através da oração, fazendo com que os seus discípulos também quisessem fazer essa experiência (Lc 11, 1). O Seu olhar, cativante, de misericórdia, de perdão, de amor para com quem com Ele se cruzava, indicava um projecto, um caminho novo.

Nos Seus ensinamentos, mais que palavras, mostrava o que fazer e como fazer. Apontava novas razões de viver, não pelo cumprimento restrito e fechado da Lei, mas pela vivência do amor, pela relação com Deus e com os irmãos. Ter um coração aberto e desprendido, ser como as crianças, não procurando honras ou poder, mas pela entrega desinteressada e humilde.

Jesus como *didáskalos* fez-se rodear de discípulos que, contrariamente aos costumes da sociedade de então em que eram estes que procuravam e escolhiam um mestre ou escola rabínica, foram escolhidos pelo próprio Jesus.

Os Evangelhos fazem referência particular aos Apóstolos, aos discípulos, aos doze, o grupo de maior intimidade com Jesus que muitas vezes se confunde com os Apóstolos e, a outros discípulos, aqueles que, incluindo mulheres, seguiam e acompanhavam Jesus ao longo do Seu trajecto de evangelização.

Os Apóstolos eram aqueles em quem Jesus mais confiava, mas igualmente mais pedia e aos quais legou a tarefa, a missão de continuidade, pela Palavra, pelo exemplo, pela sua vida, de anunciar o amor de Deus aos homens, com base na vida de Jesus, mostrar quem é Deus e o Seu plano de salvação através de Jesus Cristo.

O relato do lava-pés (Jo 13, 1-15) pretende dar a entender a atitude de serviço total de Jesus aos homens. Ao ser um gesto humilhante, pois era função de escravos, de serviço e

hospitalidade, Jesus mostra, pelo exemplo das suas acções, que está para servir. Ele, como Mestre e Senhor, quer mostrar que este sinal é um dom onde não há servos ou senhores, onde não domina o poder, mas simplesmente o serviço, um dom que levará o amor até ao extremo, que conduzirá à felicidade.

Jesus pretende ensinar aos seus discípulos qual deve ser a sua atitude perante o mundo, o que devem fazer, como servir, como ser feliz. Serve também de resposta aos próprios discípulos por anteriormente terem discutido entre si sobre qual deles era o maior (Lc 22, 24), ou quem se deveria sentar à Sua direita ou esquerda (Mc 10, 35-38). Dá-lhes o exemplo (Jo 13, 15), revela a Sua verdadeira diaconia, mostra-lhes que, embora sendo Deus e Senhor, «está no meio deles como o que serve» (Lc 22, 27), manifestando-lhes o estilo de serviço de quem ama verdadeiramente (Jo 13, 34) e que é exigido a quem quer efectivamente ser feliz.

Esta era uma das atitudes radicais do ser discípulo. Desprender-se de tudo o que tem, seguir pelo mesmo caminho imitando e identificando-se com a missão de Jesus.

Os discípulos receberam de Jesus o mandato de continuar a Sua missão «Ide pelo mundo inteiro, proclamai o Evangelho a toda a criatura» (Mc 16, 15), «fazei discípulos de todos os povos» (Mt 28, 19) e «sereis minhas testemunhas em Jerusalém, por toda a Judeia e Samaria e até aos confins do mundo» (Act 1, 8). Os discípulos deram continuidade ao pedido de Jesus através do anúncio e proclamação da Palavra e da caridade, servindo e fazendo mais servidores nas comunidades que iam formando.

S. Paulo, convertendo-se ao cristianismo, tornou-se um acérrimo defensor da Nova doutrina, um verdadeiro diácono de Deus, de Cristo e do Evangelho, servindo pela Palavra e caridade, levando ao mundo pagão a Boa Nova de Jesus, abrindo fronteiras e fazendo novos discípulos.

A Igreja nascente, através das suas comunidades que se reuniam centradas na mesa da Eucaristia e na Palavra, vai-se estruturando de acordo com o modelo judaico composto pelos

presbíteroi, os anciãos, os *epískopoi* ou supervisores e os *diákonoi*, como ajudantes destes para os vários serviços.

Com o crescente aumento do número de fiéis e a necessidade de dar resposta às várias solicitações que eram vividas na época, foi-se dando a institucionalização dos vários ministérios, principalmente os do episcopado, presbiterado e diaconado, tendo-se seguido a sua hierarquização.

A *diakonía* já não era somente a entrega gratuita ao outro, mas uma forma de estar e servir os demais. As várias funções ou cargos deixaram de ser manifestação de uma vontade ou necessidade da comunidade, passando a ser opção do próprio ou de outrem, constituindo-se como grupos separados e provocando a dicotomia entre o povo e o clero ordenado.

O Concílio Vaticano II ao fazer a Igreja abrir-se ao mundo provocou igualmente alterações no seu interior. Mantendo a diferença entre o clero e o povo, há uma tentativa de voltar às origens, ao querer envolver todo o povo de Deus para o serviço, de acordo com o carisma de cada um e da sua condição de batizado, que faz com que para o cristão o serviço seja um modo de ser, um estado de vida.

Os fiéis leigos são chamados a desenvolver o seu ministério de acordo com a sua condição secular, nos vários ambientes em que se encontram e os ministros ordenados têm por dever servir o povo de Deus.

Finalmente, perante o mundo de hoje, marcado pela globalização, pela matéria, pela indiferença, por uma cultura do “ter” e por um esvaziamento da religião, somos interpelados a tentar encontrar e dar resposta, como ser seguidor de Jesus, ser Seu imitador a partir dos ensinamentos que nos deixou, particularmente no episódio do lava-pés.

Hoje servir não é ir pelas ruas lavando os pés sujos de quem passa, mas sim ser humilde, aproximar-se do outro, não ter medo ou qualquer preconceito social ou racial de se baixar até ele, para o acolher, escutar, ajudar, criar empatia.

Servir é predispor-se a sair de si e, com humildade e sem qualquer receio ou preconceito social ou racial, ir ao encontro do outro, seja pela Palavra, pela oração, pela acção sócio-caritativa ou outra, sentindo-se como Jesus que serviu como enviado do Pai. É aceitar o serviço como um dom, dando graças por se sentir chamado a participar na construção do Reino de Deus e, por isso, sentir-se feliz por poder cumprir com alegria as palavras de Jesus: «Compreendeis o que vos fiz? (...) Ora, se Eu, o Senhor e o Mestre, vos lavei os pés, também vós deveis lavar os pés uns aos outros. (...) dei-vos exemplo para que, assim como Eu fiz, vós façais também. (...) não é o servo mais do que o seu Senhor, (...). Uma vez que sabeis isto, sereis felizes se o puserdes em prática» (Jo 13, 13-17).

Fazêmo-lo na sociedade, cada um no seu ministério, sendo interpelação e estímulo para com os outros homens, no trabalho, na vida quotidiana, participando e sendo exemplo nos vários sectores da sociedade como são a política, a economia, o desporto, a comunicação social, etc. É ser profeta anunciando a Palavra de Deus ao mesmo tempo que denuncia o mal e promove a defesa e ajuda dos mais pobres.

Devemos ser exemplo do caminho que leva a Jesus e à salvação, desde os ministros ordenados aos fiéis leigos, não querendo viver para uma religião mas fazendo parte dela. Contribuir para uma Igreja acolhedora e próxima centrada numa vida comunitária, onde todos se sintam úteis e de onde se parte para fazer chegar aos outros a mensagem de amor de Jesus.

Uma Igreja simples e austera, sem necessidade de optar pelo mais fácil, pelo *light*, para cativar e envolver quem dela se quer aproximar, onde todos, incluindo as mulheres, se sintam valorizados e possam contribuir com os seus dons para o desenvolvimento e crescimento do Reino de Deus.

Ser discípulo hoje, é também manter e ser fiel ao seu ministério. Os leigos nos seus ambientes seculares como na família, no trabalho, no lazer, na política, nas associações, etc., os ministros ordenados, pelo cumprimento das promessas da sua ordenação, mostrando-se disponíveis e próximos dos fiéis, desinteressados de qualquer protagonismo ou poder, usando

uma linguagem mais cativante e menos teológica ou “politicamente correcta”, devem preocupar-se mais com as pessoas, particularmente os mais frágeis e marginalizados, do que com as normas, os “paninhos, rendas e velinhas”, os incensos ou de uma forma de trajar que os diferencie dos demais.

Jesus Cristo foi e será sempre o exemplo a seguir, mas neste mundo, nos dias de hoje, quis o Espírito Santo, para nosso bem, que existisse um Papa Francisco que tem sido referência para crentes e não crentes, dando mostras que a Igreja e cada um dos seus membros pode mudar, que todos podem e devem fazer o esforço para se tentar viver à semelhança da Igreja primitiva, onde o testemunho dos primeiros cristãos fez com que outros afirmassem «vede como eles se amam».

Bibliografia

1. Fontes

a. Texto bíblico

Bíblia de Jerusalém, Paulus, São Paulo, 2002.

Bíblia Sagrada, Difusora Bíblica, Lisboa, Maio 2000.

Novo Testamento Interlinear Greco-Português, Sociedade Bíblica do Brasil, 2004.

b. Outros

CESAREIA, E., *Historia Ecclesiastica*, Tomo I, Libro primero, traducion de Joseph Agustin Orsi, 1748.

CRISÓSTOMO, J., *Homilias sobre el Evangelio de San Juan/ 3*, traducción del griego y notas de Isabel Garzón Bosque, Ciudad Nueva, Madrid, 2001.

DENZINGER, H., HÜNERMANN, P., *El Magisterio de la Iglesia, Enchiridion Symbolorum Definitionum et Declarationum de Rebus Fidei et Morum*, Herder Editorial, S.L., Barcelona, 2006.

Didaqué, Catecismo dos primeiros cristãos, tradução de Urbano Zilles, Editora Vozes, Petrópolis, 2003.

PLATÃO, *A República*, Fundação Calouste Gulbenkian, Serviço Educação, Lisboa.

PLATÃO, *Górgias*, Edições 70, Lisboa.

POLICARPO DE ESMIRNA, S., *Carta aos Filipenses e Martírio do Santo*, tradução de P. O. Tosti, Edições Paulistas, 1960.

RODRIGUEZ, M. M., *Padres Apostólicos*, Biblioteca Patristica 50, Ciudad Nueva, 2000.

SAINT JUSTIN, *Apologies*, traduction de André Wartelle, Études Augustiniennes, Paris, 1987.

TERTULIANO, Q.S.F., *Apologético*, tradução de J. C. Miranda, Edição Bilingue, Alcalá, Lisboa 2002.

HIPÓLITO DE ROMA, *Tradição Apostólica - liturgia e catequese em Roma no século III*, tradução da versão latina de Maria da Glória NOVAK, Editora Vozes Limitada, Petrópolis, 1981.

2. Documentos do Magistério

CONCÍLIO ECUMÉNICO VATICANO II, *Constituição Dogmática sobre a Igreja, (Lumen Gentium)*, Gráfica de Coimbra Lda., 131-180.

CONCÍLIO ECUMÉNICO VATICANO II, *Constituição sobre a sagrada Liturgia, (Sacrosanctum Concilium)*, Gráfica de Coimbra Lda., 3-108.

CONCÍLIO ECUMÉNICO VATICANO II, *Documentos Conciliares, Constituições Decretos Declarações*, Gráfica de Coimbra Lda.

CONCÍLIO ECUMÉNICO VATICANO II, *Documentos Conciliares, Constituição Pastoral sobre a Igreja no mundo contemporâneo (Gaudium et Spes)*, Gráfica de Coimbra Lda., 181-302.

CONCÍLIO ECUMÉNICO VATICANO II, *Documentos Conciliares, Decreto sobre o Ministério e vida dos Presbíteros (Presbyterorum Ordinis)*, Gráfica de Coimbra Lda., 340-392.

CONCÍLIO ECUMÉNICO VATICANO II, *Documentos Conciliares, Decreto sobre a actividade missionária da Igreja (Ad Gentes)*, Gráfica de Coimbra Lda., 498-554.

CONSELHO PONTIFÍCIO «JUSTIÇA E PAZ», *Compêndio da Doutrina Social da Igreja*, Principia, 2005.

JOÃO PAULO II, *Exortação Apostólica Pós-Sinodal Christifideles Laici*, Editorial A.O.,
Braga.

PAPA FRANCISCO, *Evangelii Gaudium*, Paulus Editora, 2013.

SECRETARIADO NACIONAL DE LITURGIA, *Introdução Geral ao Missal Romano*,
Gráfica de Coimbra, Lda., 2003.

3. Instrumentos de Trabalho

COENEN, L.,- BEYREUTHER, E., - BIETENHARD, H., *Diccionario Teológico del Nuevo
Testamento*, Vol. I-IV, Ediciones Sígueme, Salamanca, 1990.

GIRLANDA, A., RAVASI, G., ROSSANO, P., *Nuevo Diccionario de Teología Bíblica*,
Ediciones Paulinas, Madrid, 1990

JENNI, E. – WESTERMANN C., *Diccionario Teológico Manual del Antiguo Testamento*, I-
II, Madrid 1979.

KITTEL, G., - FRIEDRICH, G., *Compendio del Diccionario Teológico del Nuevo
Testamento*, Libros Desafío, 2003.

KITTEL, G., *Grande Lessico del Nuovo Testamento*, Vol. I-XIV, Paideia, Brescia, 1966.

LÉON-DUFOUR, X., *Vocabulario de Teología Bíblica*, Editorial HERDER, Barcelona, 1965.

SCHELKLE, K.H., *Teología del Nuovo Testamento*, Vol. I-IV, Editorial Herder, Barcelona,
1978.

SCHNEIDER, G., BALZ, H., *Diccionario Exegético del Nuevo Testamento*, Vol. I-II,
Ediciones Sígueme, Salamanca, 2012.

PACOMIO, L., ARDUSSO, F., FERRETI, G., MOIOLI, G., MOSSO, D., PIANO, G.,
SERENTHA, L., *Diccionario Teológico Interdisciplinar*, III, Ediciones Sígueme,
Salamanca, 1982.

4. Bibliografía Citada

- ANTUNES, M., “Filon”, in *Enciclopédia Luso-Brasileira da Cultura*, 8º Volume, Editorial Verbo, Lisboa, 881-883.
- ARNAU-GARCIA, R., *Orden y Ministerios*, Biblioteca de Autores Cristianos, Madrid 1995.
- BALZ, H., “λατρεύω”, in SCHNEIDER, G., BALZ, H., *DENT*, Vol. II, Ediciones Sígueme, Salamanca, 2012, 29-34.
- BALZ, H., “λειτουργέω”, in SCHNEIDER, G., BALZ, H., *DENT*, Vol. II, Ediciones Sígueme, Salamanca, 2012, 41-46.
- BEYER, W., “διακονέω”, in KITTEL, G., *GLNT*, Vol. II, Paideia, Brescia, 1966, 951-984.
- BIETTENHARD, H., “Señor” in COENEN, L.,- BEYREUTHER, E., - BIETTENHARD, H., *DTNT*, Vol. IV, Ediciones Sígueme, Salamanca, 1990, 202-211.
- BONNARD, P., *Evangelio segun san Mateo*, Ediciones Cristiandad, Madrid, 1983.
- BROWN, R.E.,- FITZMYER, J.A., - MURPHY, R.E., *Nuevo comentario biblico San Jerónimo: Nuevo Testamento*, Editorial Verbo Divino, Navarra, 2004.
- BÜHNER, J.-A., “ἀποστέλλω” in SCHNEIDER, G., BALZ, H., *DENT*, Vol. I, Ediciones Sígueme, Salamanca, 2012, 425-427.
- BÜHNER, J.-A., “ἀπόστολος” in SCHNEIDER, G., BALZ, H., *DENT*, Vol. I, Ediciones Sígueme, Salamanca, 2012, 427-438.
- CARDEDAL, O.G., *Cristologia*, Biblioteca de Autores Cristianos, Madrid, 2001.
- CARVALHO, J. C., “A linguagem ministerial e a organização dos Ministérios nas Igrejas de Paulo”, in *Bíblica*, Série Científica, Difusora Bíblica, Ano X, Novembro 2001, 79-104.
- COENEN, L., “Enseñanza” in COENEN, L.,- BEYREUTHER, E., - BIETTENHARD, H., *DTNT*, Vol. II, Ediciones Sígueme, Salamanca, 1990, 78-95.

- COMMISSIONE TEOLOGICA INTERNAZIONALE, “Il diaconato: evoluzione e prospettive”, in *La Civiltà Cattolica*, 1° febbraio 2003, anno 154, volume I, quaderno 3663, 253-336.
- DIANICH, S. “Ministerio”, in PACOMIO, L., ARDUSSO, F., FERRETI, G., MOIOLI, G., MOSSO, D., PIANO, G., SERENTHA, L., *DTI*, III, Ediciones Sígueme, Salamanca, 1982, 515-527.
- ETCHEVERRIA, R. T., *Patrología*, Biblioteca de Autores Cristianos, Madrid, 1994.
- FENEBERG, W., “φίλος” in SCHNEIDER, G., BALZ, H., *DENT*, Vol. II, Ediciones Sígueme, Salamanca, 2012, 1962-1964.
- FIGUEIREDO, F. A., *Curso de Teología Patrística*, I-II, Vozes, Petrolópolis, 1984.
- FLORISTAN, C., *Teología Prática: Teoría y praxis de la acción pastoral*, Ediciones Sígueme, Salamanca, 1998.
- FREIRE, A., S. J., *Gramática Grega*, Livraria Apostolado da Imprensa, Porto, 1947.
- GNILKA, J., *Teología del Nuevo Testamento*, Editorial Trotta S.A., 1998.
- GRIMM, W., “επιστάτης” in SCHNEIDER, G., BALZ, H., *DENT*, Vol. I, Ediciones Sígueme, Salamanca, 2012, 1532-1534.
- GRIMM, W., “θεραπέω”, in SCHNEIDER, G., BALZ, H., *DENT*, Vol. I, Ediciones Sígueme, Salamanca, 2012, 1861-1864.
- GÜNTHER, W., “Amor” in COENEN, L.,- BEYREUTHER, E., - BIETENHARD, H., *DTNT*, Vol. I, Ediciones Sígueme, Salamanca, 1990, 110-122.
- HANH, H.-CHR., “Seguimiento” in COENEN, L.,- BEYREUTHER, E., - BIETENHARD, H., *DTNT*, Vol. IV, Ediciones Sígueme, Salamanca, 1990, 172-186.
- HARTMANN, TH., “כַּבֵּ” in JENNI, E. – WESTERMANN C., *DTMAT*, II, Madrid 1979, Ediciones Cristianidad, 1985, 900-914.
- HESS, K., “Servicio”, in COENEN, L.,- BEYREUTHER, E., - BIETENHARD, H., *DTNT*, Vol. IV, Ediciones Sígueme, Salamanca, 1990, 212-219.

- INOCENCIO III, “Concilio IV de Latrán”, in DENZINGER, H., HÜNERMANN, P., *El Magisterio de la Iglesia, Enchiridion Simbolorum Definitionum et Declarationum de Rebus Fidei et Morum*, Herder Editorial, S.L., Barcelona, 2006, (354-364).
- JEREMIAS, J., *Jerusalen en tiempos de Jesus*, Ediciones Cristianidad, Madrid, 1980.
- KITTEL, G., - FRIEDRICH, G., *CDTNT*, Libros Desafío, 2003.
- KONINGS, J., *Evangelho segundo João: Amor e fidelidade*, Edições Loyola, São Paulo, Brasil, 2005.
- LAMELAS, I. P., *As origens do Cristianismo Padres Apostólicos*, Paulus Editora, 2016.
- LEON MAGNO, “Statuta Ecclesiae Antiqua, a mediados o a fines del siglo V”, in DENZINGER, H., HÜNERMANN, P., *El Magisterio de la Iglesia, Enchiridion Simbolorum Definitionum et Declarationum de Rebus Fidei et Morum*, Herder Editorial, S.L., Barcelona, 2006, 171-173.
- LEONARDI, G., “Apóstol/Discípulo”, in GIRLANDA, A., RAVASI, G., ROSSANO, P., *NDTB*, Ediciones Paulinas, Madrid, 1990, 142-162.
- LÉON-DUFOUR, X., *VTB*, Editorial HERDER, Barcelona, 1965.
- LOHOSE, E., “ῥαββί”, in KITTEL, G., *GLNT*, Vol. XI, Paideia, Brescia, 1966, 911-922.
- MARCELINO, “Sínodo de Elvira”, in DENZINGER, H., HÜNERMANN, P., *El Magisterio de la Iglesia, Enchiridion Simbolorum Definitionum et Declarationum de Rebus Fidei et Morum*, Herder Editorial, S.L., Barcelona, 2006, (90-91).
- MARTINI, C.M., *O Evangelho Segundo João*, Edições Loyola, São Paulo, Brasil, 1998.
- MARTIN-MORENO, J. M., S.J., *Personajes del Cuarto Evangelio*, Universidad Pontificia Comillas, Madrid, 2002.
- MATEO, J. – CAMACHO, F., *El Evangelio de Marcos*, Vol. I, Ediciones El Almendro, Madrid, 1993.
- MATEOS, J. - BARRETO, J., *El Evangelio de Juan*, Ediciones Cristiandad, Madrid, 1979.

- MENDONÇA, J. T., “Jesus Cristo, Palavra definitiva do Pai”, in *Bíblica*, Série Científica, Difusora Bíblica, Ano IV, Dezembro 1996, 95-102.
- MEYER, R., “λειτουργέω”, in KITTEL, G., *GLNT*, Vol. VI, Paideia, Brescia, 1966, 610-617.
- MONLOUBOU, L., *Los Profetas del Antiguo Testamento*, Cuadernos Bíblicos 43, Editorial Verbo Divino, 1987.
- NEPPER-CHRISTENSEN, P., “μαθητής” in SCHNEIDER, G., BALZ, H., *DENT*, Vol. II, Ediciones Sígueme, Salamanca, 2012, 114-121.
- NEVES, J. C., “Do Discipulado ao Sacerdócio. O Sacerdócio nos Evangelhos”, in *Bíblica*, Série Científica, Difusora Bíblica, Ano X, Novembro 2001, 55-68.
- PANIMOLLE, S. A., “Amor”, in GIRLANDA, A., RAVASI, G., ROSSANO, P., *NDTB*, Ediciones Paulinas, Madrid, 1990, 60-93.
- PIKAZA, J. – DE LA CALLE F., *Teología de los evangelios de Jesús*, Ed Sígueme, Salamanca, 1980.
- PINHO, J. E. B., *Diaconia e identidade eclesial*, Cáritas Portuguesa.
- RENGSTORF, K.H., “διδάσκω”, in KITTEL, G., *GLNT*, Vol. II, Paideia, Brescia, 1966, 1093-1172.
- RODRIGUES, J. L., “A Igreja, comunidade no Espírito: dons e carismas (Actos e São Paulo)”, in *Bíblica*, Série Científica, Difusora Bíblica, Ano VI, Dezembro 1997, 93-102.
- RODRIGUEZ, M. M., *Padres Apostólicos*, Biblioteca Patristica 50, Ciudad Nueva, 2000.
- ROHDE, J., “ἐπίσκοπος” in SCHNEIDER, G., BALZ, H., *DENT*, Vol. I, Ediciones Sígueme, Salamanca, 2012, 1528-1530.
- ROHDE, J., “πρεσβύτερος” in SCHNEIDER, G., BALZ, H., *DENT*, Vol. II, Ediciones Sígueme, Salamanca, 2012, 1120-1123.
- ROHDE, R., *El Jesus Viral*, Casa Creación, Florida, USA.
- SACCHI, A., “Enseñanza”, in GIRLANDA, A., RAVASI, G., ROSSANO, P., *NDTB*, Ediciones Paulinas, Madrid, 1990, 497-515.

- SALAS, A., *El Evangelio de Juan*, Ediciones Paulinas, 1993.
- SCHELKLE, K. H., *TNT*, Vol. I-IV, Editorial Herder, Barcelona, 1978.
- SCHMID, J., *El Evangelio según San Marcos*, Editorial Herder, Barcelona, 1967.
- SCHMID, J., *El Evangelio según San Mateo*, Editorial Herder, Barcelona, 1973.
- SCHNACKENBURG, R., *El Evangelio según San Juan*, Tomo I-III, Editorial Herder, Barcelona, 1980.
- SCHNEIDER, G., “ἀκολουθέω” in SCHNEIDER, G., BALZ, H., *DENT*, Vol. I, Ediciones Sígueme, Salamanca, 2012, 145-155.
- SCHNEIDER, G., “ἀκολουθέω” in SCHNEIDER, G., BALZ, H., *DENT*, Vol. I, Ediciones Sígueme, Salamanca, 2012, 428-438.
- SCHNEIDER, G., “ῥαββί” in SCHNEIDER, G., BALZ, H., *DENT*, Vol. II, Ediciones Sígueme, Salamanca, 2012, 1291-1294.
- SCHNEIDER, G., “ὑπηρετέω”, in SCHNEIDER, G., BALZ, H., *DENT*, Vol. II, Ediciones Sígueme, Salamanca, 2012, 1879-1882.
- SOBRINO, J. A., *Así fue Jesús*, La Editorial Católica, Madrid, 1984.
- STRATHMANN, H., “λειτουργέω”, in KITTEL, G., *GLNT*, Vol. VI, Paideia, Brescia, 1966, 590-610.
- TASSIN, C., *Evangelho de Jesus Cristo segundo S. Mateus*, Cadernos Bíblicos 106, Difusora Bíblica, Fátima.
- VÁRIOS, *Para ler o Evangelho segundo S. Mateus*, Cadernos Bíblicos 2, Difusora Bíblica, Fátima.
- VAUX, R., *Instituciones del Antiguo Testamento*, Editorial Herder, Barcelona, 1976.
- VERMES, G., *Jesus el Judío*, Muchnik Editores S.A., Barcelona, 1979.
- WEISER, A., “διακονέω”, in SCHNEIDER, G., BALZ, H., *DENT*, Vol. I, Ediciones Sígueme, Salamanca, 2012, 912-919.

WEISER, A., “δουλεύω”, in G. SCHNEIDER, H. BALZ, *DENT*, Vol. I, Ediciones Sígueme, Salamanca, 2012, 1059-1070.

WEIß, H.-F., “διδάσκαλος” in SCHNEIDER, G., BALZ, H., *DENT*, Vol. I, Ediciones Sígueme, Salamanca, 2012, 959-968.

WESTERMANN, C., “Servir”, in JENNI, E. – WESTERMANN C., *DTMAT*, II, Madrid 1979, Ediciones Cristianidad, 1985, 1276-1280.

WESTERMANN, C., “Siervo”, in JENNI, E. – WESTERMANN C., *DTMAT*, II, Madrid 1979, Ediciones Cristianidad, 1985, 239-262.

WIKENHAUSER, A., *El Evangelio segun San Juan*, Editorial Herder, Barcelona, 1967.

ZUMSTEIN, J., *Mateus o teólogo*, Cadernos Bíblicos 29, Difusora Bíblica, Lisboa 1990.

5. Netgrafia:

http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2013/documents/papa-francesco_20130328_messa-crismale.html.

http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2016/documents/papa-francesco_20160529_omelia-giubileo-diaconi.html.

http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2016/documents/papa-francesco_20160603_omelia-giubileo-sacerdoti.html.

http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/messages/pont-messages/2015/documents/papa-francesco_20151022_messaggio-apostolicam-actuositatem.pdf.

<http://www.ciberiglesia.net/discipulos/06/06eclesiologia-castillo.htm>.

http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2015/documents/papa-francesco_20150920_cuba-omelia-la-habana.pdf.

http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/angelus/2016/documents/papa-francesco_angelus_20160124.pdf.

http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2016/documents/papa-francesco_20160319_omelia-ordinazioni-episcopali.html.

http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2015/documents/papa-francesco_20150215_omelia-nuovi-cardinali.html.

http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2013/documents/papa-francesco_20130328_messa-crismale.html.

http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2015/documents/papa-francesco_20150612_omelia-ritiro-mondiale-sacerdoti.html.

http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2016/documents/papa-francesco_20160312_udienza-giubilare.html.